

Profedições
apagina@spn.pt

livros
consulte
o catálogo

Tel.: 226002790 · Fax: 226070531
www.apagina.pt/livros

Director: José Paulo Serralheiro · <http://www.apagina.pt/redacao@apagina.pt>

Devesas – V. N. Gaia
TAXA PAGA

a Páquina da educação

ano XII | nº 123 | MAIO | 2003 · Mensal | Continente e ilhas 2 Euros [IVA incluído]

03

A Guerra mata a Cultura

(...) Esta ocupação não foi «um acto de libertação». Foi o contrário. Foi um acto de ocupação. Culturalmente esta guerra já foi mortífera. A destruição de museus, bibliotecas e monumentos do Iraque, com a conivência das forças de ocupação, foi um dos actos mais bárbaros e miseráveis da história das guerras. Os ocupantes prepararam-se agora para pilhar bens económicos e destruir valores ideológicos e culturais do povo iraquiano. Esta guerra nada tem a ver com «ameaça terrorista», democracia, segurança ou «armas de destruição maciça». É económica, política e ideológica. A pilhagem económica que se vai seguir, não ficará atrás em barbárie e banditismo internacional, à destruição cultural e ideológica já em marcha. (...)

33

Só a dose faz o veneno

(...) Na noção helénica de *pharmakon*, “a substância não é nada por si mesma, somente o uso é que dita consequências morais. Paracelso, médico renascentista, embebido da mesma cultura, defendia posição semelhante: só a dose é que faz o veneno”.

41

Um olhar do Abílio

"O Abílio vive no meio de um terrível abandono que partilha com mais quatro irmãos e de fome que chega a durar alguns dias, até à chegada do Rendimento Mínimo do mês seguinte. A mãe mora no café da aldeia, onde joga às cartas até às quatro horas da manhã para ganhar garrafas de Vinho do Porto. E ganha-as mesmo. A sua casa é um casebre que se vislumbra no meio da lama da entrada e por entre couves mais altas do que ele que servem para o caldo. Em dias de festa há arroz com chouriço e quando a sorte sorri lá vem uma iguaria sem igual: abre-se uma lata de feijoadá e dá-se um pacote de batatas fritas a cada um. Quando não tem nada para comer, o Abílio alimenta-se da brincadeira da rua (...).



para ler nas páginas 11 a 13, 24 a 26 e 34 a 37

Xosé Barral Sánchez (líder da Federação Galega da Educação / Comisiones Obreras) aponta direcções de lutas

"É preciso promover a escola pública na política, na sociedade e até entre professores".

Entrevista na página 37



um conto



o monumento

Na nossa cidade temos um monumento ao soldado desconhecido de 1905. Morreu na revolução às mãos de um tirano, e os seus concidadãos ergueram-lhe um marco em sua homenagem. Cinquenta anos depois, colocaram um pedestal sobre o marco, com a seguinte inscrição: «Glória Eterna.» Sobre o pedestal ergueram a estátua de um jo-

vem nesta parte da cidade. Há a igreja de S. João, mas as velhas casas em seu redor foram transformadas em repartições e museus.

Quando chegaram ao monumento, o homem do sobretudo aproximou-se rapidamente deles.

«Boa tarde», disse. «Estão a prestar uma homenagem? Muito bem. É realmente simpático. É o aniversário?

Afastou-se. Estavam os rapazes a depor a coroa no pedestal quando um deles exclamou:

«Vem aí outra vez.»

De facto, o homem do sobretudo aproximou-se. Desta vez, parou um pouco mais afastado e perguntou: «Será este mês, por acaso, dedicado à consciencialização do respeito por revolucionários desconhecidos?»

nizada nem pela escola, nem pelo Presidium da Associação da Juventude Polaca, nem por nenhum Comité do Partido?»

«Evidentemente que não.»

«Que esta cerimónia não é da iniciativa da Liga das Mulheres, nem da Sociedade dos Amigos de 1905?»

«Não.»

«Que não tiveram nenhuma palavra



© foto isto é

vem rebentando com os grilhões que o prendiam. A inauguração da estátua, em 1955, efectuou-se com grande cerimonial. Inúmeros discursos. Montes de coroas de flores.

Algum tempo mais tarde, oito alunos da escola local decidiram prestar homenagem ao herói desconhecido. A eloquência do professor de História, ao descrever a revolução, tinha-os comovido tão profundamente que, à saída da escola, juntaram dinheiro e compraram uma coroa de flores. Formando um pequeno cortejo, dirigiram-se ao monumento.

Ao dobrar a esquina da rua, encontraram um homem baixo vestindo sobretudo azul escuro. Olhou para eles e começou a segui-los à distância.

Passaram o velho largo da cidade. Ninguém lhes prestou atenção. Os cortejos são vulgares.

Poucas são as pessoas que vi-

Uma pessoa anda tão sobrecarregada de trabalho que nem tem tempo para se lembrar.»

«Não, não é o aniversário. Apeteceu-nos», respondeu um dos rapazes.

«Que querem dizer com apeteceu-nos?», a voz do homem denotava surpresa. «Que querem dizer com isso?»

«Desejamos muito simplesmente honrar a memória de um revolucionário que deu a sua vida na luta pela liberdade do povo.»

«Ah, então são do comité distrital do Partido?»

«Não, somos da escola.»

«Querem dizer que não está ninguém do comité convosco?»

«Não.»

Ficou a pensar uns instantes. «Então foi a escola que vos mandou?»

«Não, fomos nós que decidimos vir.»

«Não», gritaram em uníssono, «decidimos por nós próprios.»

Voltou a afastar-se. Os rapazes colocaram a coroa e preparavam-se para se ir embora quando o desconhecido regressou.

Vinha acompanhado por um polícia.

«Os vossos cartões de identidade, por favor», pediu o polícia. Mostraram-lhe os cartões da escola. Examinou-os e levou a mão à pala.

«Está bem. Parece estar tudo em ordem.»

«De maneira nenhuma», protestou o homem do sobretudo; e, voltando-se para os rapazes, inquiriu: «Quem vos mandou depor a coroa?»

«Ninguém.»

Fez um sorriso de contentamento. «Então confessam?» exclamou, «confessam, então, que esta demonstração em honra do revolucionário desconhecido não foi orga-

de ordem? Que é iniciativa vossa?»

«É iniciativa nossa, sim senhor!»

Limpou a testa com um lenço.

«Senhor agente», disse, «sabe quem eu sou. Retire essa coroa. E vocês: já para casa.»

Os rapazes retiraram-se em silêncio. O polícia foi-se embora levando a coroa. O provocador, do sobretudo azul escuro ficou sozinho junto ao monumento. Olhava para a estátua com desconfiança

Começou a chover. Pingos pequenos caíram sobre o seu sobretudo e no casaco de pedra do revolucionário. As nuvens vinham carregadas de escuridão. Gotas prateadas deslizavam pela face da estátua, hesitando nos lóbulos das orelhas, como brincos, e brilhando nas órbitas de granito.

E lá ficaram. Um enfrentando o outro.

OS ADEPTOS DA GUERRA VIRAM NO IRAQUE ENORMES MANIFESTAÇÕES DE ALEGRIA. OS IRAQUIANOS — QUAL FINAL DA 2^A GUERRA MUNDIAL — SAUDAVAM AS TROPAS DE LIBERTAÇÃO QUE PASSAVAM. A ALEGRIA DO POVO ERA INDESCRITÍVEL. JOSÉ MANUEL FERNANDES, O ILUSTRE DIRECTOR DO PÚBLICO, VENDO, COMOVEU-SE E SOLTOU UMA LÁGRIMA. EQUIVOCARAM-SE. AS MÃOS NO AR NÃO ERAM UM GESTO DE SAUDAÇÃO. ERAM UMA EXPRESSÃO DE MEDO DO OCUPANTE. UM GESTO DE RENDIÇÃO. UM MODO DE DEIXAR CLARO QUE ESTAVAM DESARMADOS. QUE NÃO TRANSPORTAVAM NEM BOMBAS NEM ARMAS. QUE ERAM INOCENTES E SE RENDIAM.

Após a invasão do Iraque pelas tropas anglo-americanas, não vi imagens de alegria, mas vi alegres pilhagens. Mas não foi isso que viram os defensores da guerra, esses, após o derrube de Saddam, sentiram a urgência de se justificar e de justificar a destruição e a carnificina. Já aqui escrevi sobre comportamentos de senhores, servos e criados. Os senhores sempre fruíram com naturalidade a riqueza e o poder. Aos servos e criados deixam o encargo de lhe defenderem a ideologia, os interesses, a fazenda e a imagem. Os senhores da guerra têm, em todo o mundo, a sua criadagem e esta defende, com emoção e calor, os interesses dos senhores.

Os vassalos trouxeram agora para a praça pública vários argumentos justificativos da bondade da guerra ainda em cur-

agora alguns milhares de mulheres, crianças e homens para salvar os futuros mortos do regime. É uma troca de mortos. Uma espécie de mate agora e salve depois. Raciocínio inteligente! Entre nós, morre-se muito nas estradas. Seguindo o raciocínio dos defensores do «mate agora salve depois» devíamos instituir a pena de morte para uma boa parte dos nossos condutores. Em vez de multa e consciencialização por transgressão ao código, tiro na nuca. Assim podíamos salvar muitos de virem a morrer, no futuro, em acidentes!

Também afirmam que «muitas das vítimas civis resultaram de terem sido utilizadas pelos iraquianos como ‘escudos humanos’» e de «os militares [iraquianos] se terem misturado com as populações, violando as leis da guerra». De facto a

terrâneas imaginadas pela polícia política americana? Pelo imaginável fragor do choque entre dois temíveis exércitos? Ou pelo que a realidade demonstrou?

Pois bem, o que nós vimos não foi uma guerra. Vimos a ocupação de um país poeirento e pobre. O Iraque, além de um ditador doméstico, não possuía um exército capaz de defender o país, menos ainda de ameaçar fosse quem fosse. Não tinha armas de destruição maciça. O que tinha resumia-se a uns milhares de velhíssimas Kalashnikov e meia dúzia de mísseis enferrujados e tontos. As razões invocadas pelos senhores da guerra para a fazerem mostraram-se falsas.

Nós, cidadãos comuns, sem satélites e serviços de espionagem, até podíamos acreditar na propaganda. Mas os Governos americano e inglês conheciam per-

bram e tiram proveito. Os criados justificam-lhe reverentemente as ambições. Neste início de Primavera, no Iraque, não assistimos a uma guerra mas a um acto de ocupação com vista à pilhagem. Uma luta entre o campeão mundial de pesos pesados e um magricela arrumador de automóveis. Um acto desigual e por isso obsceno. Um acto terrorista contra o povo iraquiano. Terrorismo é querer obrigar um povo a render-se pelo medo. «Choque e pavor». Foi o que tivemos e temos no Iraque. É a chantagem terrorista que paira sobre outros povos.

Esta ocupação não foi «um acto de libertação». Foi o contrário. Foi um acto de ocupação. Culturalmente esta guerra já foi mortífera. A destruição de museus, bibliotecas e monumentos do Iraque, com a conviência das forças de ocupa-

A Guerra mata a cultura

**«É o rei de todas as criaturas que vivem neste mundo inferior,
e sobre todas ele assentou um poder soberano»
(As mil e uma noites)**

so. Acusam aqueles que a criticam de fazerem «piedosas declarações sobre o número de mortos que a guerra causou». «As baixas civis existiram, mas não atingiram os números mirabolantes de alguma propaganda», dizem. Ou seja, na opinião dos criados-comentadores-jornalistas-guerreiros, não se devia falar de mortos e feridos, porque «não tendo morrido o meio milhão de que alguns falaram» é como se não tivesse morrido ninguém. Seguindo este inteligente raciocínio o 11 de Setembro não existiu! Na verdade, naquele dia, «só» morreram perto de duas mil pessoas e não as quinze ou vinte mil que se chegou a temer. Logo, coisa de pouca monta!

Também dizem que «a verdade é que, se muitos morreram, muitos outros foram salvos. Ou vão ser salvos», pelo que valeu a pena a carnificina. O argumento é de que estava em marcha uma matança no Iraque e portanto valeu a pena matar

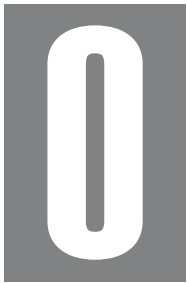
tropa iraquiana mostrou-se, além de trôpega e mal armada, desorganizada. Podiam ter vestido camisola preta, com alvo branco desenhado no peito e ido para o deserto a sinalizar, com uma bandeira azul, a sua presença. Era mais filmico. Deviam ter-se identificado claramente como alvo. Mas não. Transgrediram as leis da guerra e ficaram junto da população! E esta levou, assim, com umas bombas inteligentes e de peso em cima. «Nunca uma guerra desta dimensão fez tão poucas vítimas», vangloriam-se. Não sei com que critérios os criados medem a relação dimensão da guerra e vítimas. Porque lhe atribuem uma «enorme dimensão»? Fruto da sua propaganda? Pelas forças fabulosas que afirmaram estar sob o comando do ditador? Pela existência da temível e super-bem-armada Guarda Republicana? Pelo perigo das terríveis armas de destruição maciça? Pelo perigo das fabulosas cidades sub-

feitamente a situação. Sabiam que mentiam à opinião pública internacional. Conheciam a fraqueza do adversário em armamento e também lhe reconheciam a riqueza das reservas de petróleo. Foi esse conhecimento que determinou a invasão e o modo de conduzir a guerra e não o facto de «os aliados arriscarem uma arrojada guerra terrestre, onde se sabia que muitos morreriam», como afirma o entusiasta da guerra e ilustre director do PÚBLICO, José Manuel Fernandes. Produzisse o Iraque repolhos em vez de petróleo e ninguém tinha feito a propaganda que foi feita. Ninguém se teria dado ao trabalho de construir a fábula do ameaçador exército iraquiano. Não teria havido invasão nenhuma.

Os criados vêm glória onde apenas vislumbro ambição mesquinha, interesses económicos, estratégicos e políticos, gosto pelo poder, pelo sangue e pelo saque. Os senhores sabem o que querem, mano-

ção, foi um dos actos mais bárbaros e miseráveis da história das guerras. Os ocupantes prepararam-se agora para pilhar bens económicos e destruir valores ideológicos e culturais do povo iraquiano. Esta guerra nada tem a ver com «ameaça terrorista», democracia, segurança ou «armas de destruição maciça». É económica, política e ideológica. A pilhagem económica que se vai seguir, não ficará atrás em barbárie e banditismo internacional, à destruição cultural e ideológica já em marcha.

A morte e o sofrimento de milhares de iraquianos e a destruição da cultura já ocorridas são irremediáveis. Talvez ainda se vá a tempo de salvar alguma coisa da economia, dos valores e da cultura do povo iraquiano. Assim o povo não seja traído por alguns dos seus e seja capaz de impor a expulsão dos ocupantes e de escolher livre e pacificamente o seu destino.



NESTA EDUCAÇÃO MORIBUNDA EM QUE O CADÁVER DO DESPORTO ESCOLAR CORRE O RISCO DE ENTRAR EM PUTREFACÇÃO, OS NOSSOS ESTIMADOS GOVERNANTES TÊM DE DECIDIR, RAPIDAMENTE, SE O QUEREM QUEIMAR OU SE O QUEREM COMER.

Historiador dos mundos persa e grego, civilizações que se confrontaram na segunda metade do século V aC, num tempo em que as guerras eram uma jogo de regras equilibradas, Heródoto (490-430 aC), um dos pais da história, encontrou na experiência terrena as respostas às perguntas relativas à própria essência da vida. Uma das questões por ele colocadas é simples, directa e clara: Será que o padrão de comportamento dos homens reflecte a própria natureza humana ou é o resultado de um processo de aquisição de convenções, sedimentadas ao longo dos tempos?

Durante as guerras entre os gregos e os persas, Dário, rei dos persas, perguntou a alguns guerreiros gregos quanto dinheiro lhes tinha de oferecer para eles comerem os próprios pais após a sua morte. Os gregos sentiram-se ofendidos com tal pergunta. Heródoto continua a sua narrativa e conta-nos que Dário também perguntou a alguns guerreiros indianos que costumavam comer os cadáveres dos seus pais, quanto dinheiro queriam para em vez de os comerem, queimarem-nos

tal como os gregos o faziam. Claro que os indianos se sentiram, de igual modo, ultrajados com tal proposta. Heródoto concluiu que a diferença e a tradição comandam a vida das comunidades e dos povos.

Esta perspectiva de encarar a vida, implica que não existem verdades absolutas pelo que, em termos actuais, diremos que estamos perante uma perspectiva contingencial em matéria de gestão de situações complexas, em que tudo tem a ver com tudo, a solução depende do contexto e ela própria altera as condições do problema.

Claro que hoje, perante o pragmatismo que governa a vida, em que na ausência de princípios, de valores e sobretudo de palavra, já há pessoas que se recusam a falar a não ser na presença de testemunhas, a arte da argumentação, naquilo que tem a ver com a procura de ideias e a produção de soluções, está a cair em desuso. O sentido de urgência que os absolutistas sem quaisquer dúvidas acerca de tudo e qualquer coisa estão a impor à sociedade, tolde-lhes o espírito e impede-os de ver a dialéctica da realidade da vida,

pois a velocidade comanda-lhes os comportamentos. Parece que se esqueceram que, tal como existe um “elo secreto entre a lentidão e a memória”, existe outro entre “a velocidade e o esquecimento”. Se como Kundera dissermos que o grau de lentidão é directamente proporcional à intensidade da memória, da mesma maneira que o grau de velocidade é directamente proporcional à intensidade do esquecimento, ficamos sem saber se esses detentores da verdade única se esquecem da lógica da vida porque vivem a uma velocidade vertiginosa ou vivem a uma velocidade vertiginosa porque já não suportam a própria vida. Para Heródoto, comer os mortos ou queimá-los significava tão só a impossibilidade de uma ciência absoluta e, em consequência, de uma única solução, pelo que para ele o tempo era necessário para ponderar sobre os mistérios da vida e a multiplicidade das opções possíveis.

Portanto, quando mais uma vez, desde que Abril chegou a Portugal, os novos senhores da educação se preparam para engendrar uma ideia única, mais rápida, mais forte e mais

eficaz para o desporto escolar, sem que se conheçam os motivos, estejam identificados os objectivos ou delineada a estratégia, e fazem-no aparentemente movidos por um fundamentalismo ideológico que, com o argumento dos holofotes das televisões, defende que a população escolar tem de ser colocada, sem alternativas, ao serviço do rendimento, da medida, do recorde e do profissionalismo precoce que deve alimentar o espectáculo desportivo, é porque se está a abraçar um imperialismo ideológico que, tal como no passado, acabará por colocar o desporto e os jovens ao serviço de um governo que arrisca o pensamento totalitário.

Nestas circunstâncias, temos de concluir que sendo certo que o comportamento humano é um processo de aquisições culturais sedimentadas ao longo do tempo, ele é, também, revelador das próprias fraquezas da natureza humana. Em consequência, nesta educação moribunda em que o cadáver do desporto escolar corre o risco de entrar em putrefacção, os nossos estimados governantes têm de decidir, rapidamente, se o querem queimar ou se o querem comer.

**EDUCAÇÃO
desportiva**

Gustavo Pires
Universidade Técnica
de Lisboa

**03.04
Presidente
do CNE quer maior
presença do privado
na Educação**

O presidente do Conselho Nacional da Educação (CNE) defende uma maior presença do sector privado na educação. (...) Manuel Porto afirmou que o aumento da produtividade do sistema educativo não passa por uma maior investimento público da Educação que, assegura, neste momento já representa 18,9% do orçamento de 2003.

**04.04
A taxa de desemprego
portuguesa duplicou
a da UE**

Portugal está no sexto lugar da lista de desempregados dos Doze. É que, em relação a Janeiro, o incremento do nosso desemprego foi de 0,2%, isto é, o dobro da taxa de 0,1% registada na comunidade. De facto, se a taxa média de desemprego da zona euro voltou a agravar-se naquele mês, fixando-se nos 8,7% (um novo máximo de uma subida ao longo de três anos), Portugal registou o pior desempenho entre os seus parceiros, registando um aumento recorde de 2,4 pontos percentuais, fixando-se a sua taxa em 6,7%, face a Fevereiro do ano anterior, que tinha sido de 4,3%.

**04.04
Professores
devem ficar de fora
da Função Pública**

Os professores devem ficar fora da Função Pública se o Governo quiser aumentar a produtividade no sector da Educação. Foi a ideia que o ex-ministro da Educação, Roberto Carneiro, defendeu (..) durante um seminário sobre "Educação e Produtividade", realizado em Lisboa.

**05.04
Professores contra
nomeação gestores**

Trinta por cento dos educadores de infância e professores do ensino básico e secundário portugueses subscreveram um abaixo assinado contra a nomeação de gestores profissionais para as escolas. O documento, promovido pela Federação Nacional de Professores recebeu 40 mil assinaturas e foi entregue ontem no Ministério da Educação, onde se concentraram dezenas de professores para expressar o seu descontentamento face à política da educação.



Algures, no dia
4 de Setembro de 2007

Querida Alice,

Como sabes, uma pedra é coisa para não sair do sítio onde nasce – poderemos, neste caso, atribuir a um objecto inerte qualidades do que se supõe estar vivo... E aquela era uma pedra mesmo pedra, teimosamente enraizada no lugar onde o nascimento do universo a tinha plantado. Estava plantada mesmo à beirinha da escola das aves.

Há muitas espécies de pedras. Mas aquela pedra pertencia a uma espécie rara. Era uma pedra da idade da pedra. Geração após geração, como toda a pedra que se preze, a pedra da idade da pedra tudo ouviu e nada disse. Mas a pedra de idade da pedra não era uma pedra qualquer, era uma pedra especial, uma pedra

negrelas, calhou de uma gaivota pousar sobre a pedra da idade da pedra. A gaivota estava exausta. Só a memória de distantes e admiráveis dias lhe concedia algum ânimo para resistir, porque, entre certas espécies, os pássaros que cometem crimes gozam de impunidade, e alguns até chegam a ocupar altos galhos na hierarquia. Nesses nichos de pássaros de duvidosa moral, quanto mais alto o galho, maior a impunidade. Por isso, os pássaros despidos de alma conspiravam na sombra e debilitavam laços.

Tudo o que te venho narrando nestas cartas se passou enquanto aprendias a balbuciar as primeiras palavras, sem te dares conta de viver um tempo sombrio. Como ia dizendo, numa das manhãs que sucederam à medonha invasão das negrelas, calhou de uma gaivota pousar sobre a pedra da idade da pe-

as avezinhas que nela habitavam. A gaivota que pousou na pedra da idade da pedra pensava nos bandos que peregrinavam na direcção da Primavera que despontava a Norte. A gaivota meditava sobre o destino das aves que, pelo mês de Março, seguem o curso do Tigre e do Eufrates, rumo às longes terras do Norte, para aí nidificar. A gaivota sabia que o instinto já havia afastado as cegonhas e os pelicanos de África e que, por força da cupidez de alguns homens, as migratórias aves se arriscavam a perecer a meio caminho de uma longa viagem.

Há milénios, Aristófanis escreveu uma peça de teatro que tinha por título “Aves”. Nessa peça, as aves detinham qualidades dos humanos seres e por aí nenhum mal viria ao mundo, bem pelo contrário. Ao invés, o imaginar a humana imperfeição detentora de aéreos dotes



uma pedra da idade da pedra

de sentar para encontrar amigos. Sempre que uma avezinha cansada de voar ou uma gaivota saciada de espaço nela pousava para repousar, logo a pedra mágica se transformava num ninho de afectos que atraía outros pássaros de doce chilrear.

A pedra da idade da pedra era para a escola das aves como a pedra angular das catedrais. Não era uma pedra de sustentar abóbadas, mas inspirava idêntico sossego e exalava a mesma doçura que tem um pelicano de asas imensas, protectoras. Em tempos adversos, quando os céus ficavam cobertos de nuvens de negros presságios, era aquela pedra da idade da pedra que zelava pela conservação da herança de tempos suaves.

A pedra da idade da pedra era também a fiel guardiã da memória dos pássaros. Há pedras assim, fundadoras, que contagiam a memória dos pássaros jovens com pressentimentos de antigos e aconchegados ninhos. Numa das manhãs que sucederam à medonha invasão das

dra, uma pedra que não era igual a outras pedras, uma pedra detentora de inefáveis dons, de uma clara magia. Sempre que uma gaivota nela pousava e cerrava os olhos, subia da pedra da idade da pedra um suave perfume e eflúvias meditações se produziam. De imediato, do recanto mais íntimo de um lugar onde os homens supõem não haver lugar para a imaginação, assomavam humanos pássaros, míticos seres a que se convencionou chamar anjos. Estes seres alados, dotados de brancas e poderosas plumas que os elevam acima dos voos dos rasantes humanos, despertavam na mente das gaivotas memórias de tempos futuros, em que o arrojo de um Ícaro já não teria a temer o ardor do Sol. Não me refiro ao “sexto anjo, que mergulhou a sua taça no grande rio Eufrates, secando-o e preparando o caminho para os reis de Leste”, mas àquele que, na Bíblia, avisava o mundo de um eminente “Juízo Final”.

As gaivotas da escola das aves não se preocupavam somente com

inquieta e aterroriza, se evocarmos a chuva mortal derramada por pássaros metálicos sobre cidades indefesas... Porém, o que para assustadiços pássaros poderia constituir motivo de profundos receios foi para a gaivota desta história uma presença apaziguadora, uma promessa de tempos prometidos, em que o lobo pastará com o cordeiro; de um tempo em que os infíéis abutres, à míngua de pútridas carcaças, se transfigurarão em vegetarianos; de um tempo em que o Tigre e o Eufrates não mais serão sobrevoados por terríficas ou fugidias aves, mas por voos serenos rumo ao Éden, o paraíso que os textos sagrados situaram nas terras que foram da antiga Suméria; de um tempo em que os ares se cobrirão de pombas transportando ramos de oliveira... Foi isto mesmo que o anjo evolado da pedra da idade da pedra segredou a uma gaivota comovida e muda perante tanto sofrimento e tamanha destruição.

E o coração da gaivota sossegou.

DO primário

José Pacheco
Escola da Ponte,
Vila das Aves



Puerocentrismo: o fim de um mito?

LUC FERRY, O MINISTRO-FILÓSOFO FRANCÊS, ESCANDALIZOU RECENTEMENTE O MUNDO PEDAGÓGICO AO AFIRMAR, SEM REBUÇOS, O QUE, AFINAL, TODOS JÁ SABIAM - OU DEVERIAM SABER - MAS NÃO QUERIAM QUE FOSSE DECLARADO ATÉ PARA NÃO TEREM DE SE CONVENCER: A CRIANÇA NÃO DEVE DEMAGOGICAMENTE OCUPAR O CENTRO DO SISTEMA!

O que todos sabemos, com certeza, é que foi o chamado movimento da Escola Nova que, nos inícios do séc. XX e na sequência de uma interpretação reducionista da herança de Rousseau, impôs o pressuposto pedagógico (rapidamente tornado um tabu) da soberania da criança e, por consequência, do aluno.

Um advogado purismo pedagógico – sedutor pela sua aura espontaneísta e contestatária – rapidamente atraiu o fanatismo militante de muitos educadores-políticos que aí viram uma oportunidade de gerar uma revolução sem armas ou em que as armas eram as crianças, entretanto transformadas em rainhas por autênticos rituais de purificação escolar, tais como as assembleias gestionárias e os grupos de pesquisa, que, por si mesmos, assegurariam a autonomia dos alunos. No fundo, transferia-se para estes o que antes era apanágio dos professores, isto é, o poder.

Os professores, estigmatizados enquanto fiéis depositários das arbitriedades de uma história marcada pelo dogmatismo, tiveram, no mínimo, de expiar as suas culpas, apagando-se no universo escolar. Tornaram-se guardiões da neutralidade cultural de espaços pedagógicos depurados, agradáveis e facilitadores da aprendizagem.

Se os contributos críticos do movimento da Escola Nova foram decisivos para a superação de muitas

das rotinas da Sociedade e da Escola, é evidente também que a confusão que, desde o princípio, marcou o enovelamento do maximalismo dos slogans com o minimalismo das práticas, rapidamente impediu a autoavaliação e a autocritica da coerência educativa das situações, de facto, vividas.

Mais espantoso, porém, é que a Escola Nova – apesar dos seus fracassos – instalou-se como uma alternativa crónica e, por isso, fossilizada. Ao chegar assim até aos nossos dias, inviabiliza sistematicamente a percepção das diferenças de sentido de novas propostas quer por parte de profissionais da educação que, por exemplo, com a pedagogia do projecto, acabam por obsessivamente repetir, pura e simplesmente, a não directividade própria daquele movimento, quer pelo lado dos detractores patológicos dessa não directividade que a perseguem como um pecado da pedagogia.

Em tudo isto é espantoso que a Escola Nova seja sobretudo um fantasma que existe principalmente nos discursos dos seus mentores e nas diatribes dos seus adversários. Ela, na realidade, quase não existiu – a não ser na medida em que os fantasmas se tornam reais - pois

nunca as crianças foram livres e espontâneas, nem os adultos – encavalitados aos seus ombros - desappareceram da cena do poder.

Quais as consequências de tudo isto?

Muitas, mas de entre elas destacamos as seguintes:

– As crianças, em fases do seu crescimento em que, para construírem solidamente a sua autonomia, necessitam da intervenção activa dos educadores – inclusive porque, em termos da adopção de valores éticos, são ainda heterónomas –

vêm-se prematuramente atiradas para desempenhos que exigem referenciais de um quadro de autonomia que efectivamente não possuem nem podem possuir a não ser pela imposição de constrangimentos que, afinal, são violentos.

– As crianças, por efeito da assunção ideológica do repúdio à partida legítimo de formas de exploração de que historicamente foram e são alvo, tornam-se presas de utopias lúdicas que as privam de uma relação emancipadora e educativamente exigente com o trabalho. Quando as exigências sociais do trabalho chegam, elas confrontam-se com incapacidades derivadas da persistência de vivências infantis unidimensionais que, en-

tretanto, as infantilizaram e amarraram a fragilidades com que a sociedade, depois, não contemporiza.

– As crianças, subordinadas ao lema do princípio do prazer, perdem as capacidades de sofrer, de resistir e de esperar. Sem cairmos numa perspectiva agónica da educação, a verdade é que não há pessoas integrais, nem sujeitos autênticos, que não sejam capazes de mobilizar, quando necessário, aquelas competências: precisamente para poderem ser livres, felizes e protagonistas das suas vidas. Caso contrário, as crianças virão a ser adultos que capitularam e os adultos crianças que o não são.

– As crianças, sob a hegemonia do direito de aprender, ficam alienadas do dever de ser ensinadas como se a criatividade não emergisse necessariamente de uma concomitante transmissão e assimilação da herança cultural, como se Galileu não conhecesse o aristotelismo ou Picasso o realismo.

As crianças, assim, não são o que são: crianças agora, adultos amanhã, possíveis adultos que serão as crianças que foram. O puerocentrismo foi, afinal, é bom não esquecer, mais uma invenção dos adultos. De adultos eternamente assolados por uma culpa de que, se calhar, nem sequer são responsáveis, mas de que as crianças são, com certeza, vítimas.

As crianças não estão no centro do sistema. Estão na sua mira...

ÉTICA e profissão
Adalberto Dias
de Carvalho
Faculdade de Letras da
Universidade do Porto

04 Dimensão das turmas é decisiva para o sucesso dos alunos

As turmas pequenas são melhores para ensinar e aprender, de acordo com o maior estudo inglês alguma vez realizado sobre o impacto da dimensão das classes no sucesso escolar dos alunos. A investigação - realizada pelo "Institute of Education" a partir de uma amostra de dez mil alunos e 500 turmas do 1.º e 2.º ano do 1.º ciclo do Básico, revela que as crianças matriculadas em turmas pequenas apresentam melhores resultados a Matemática e a Literatura logo no primeiro ano de escolaridade, quando comparados com classes de maior dimensão.

10.04 Mais de 50 mil alunos sem apoio

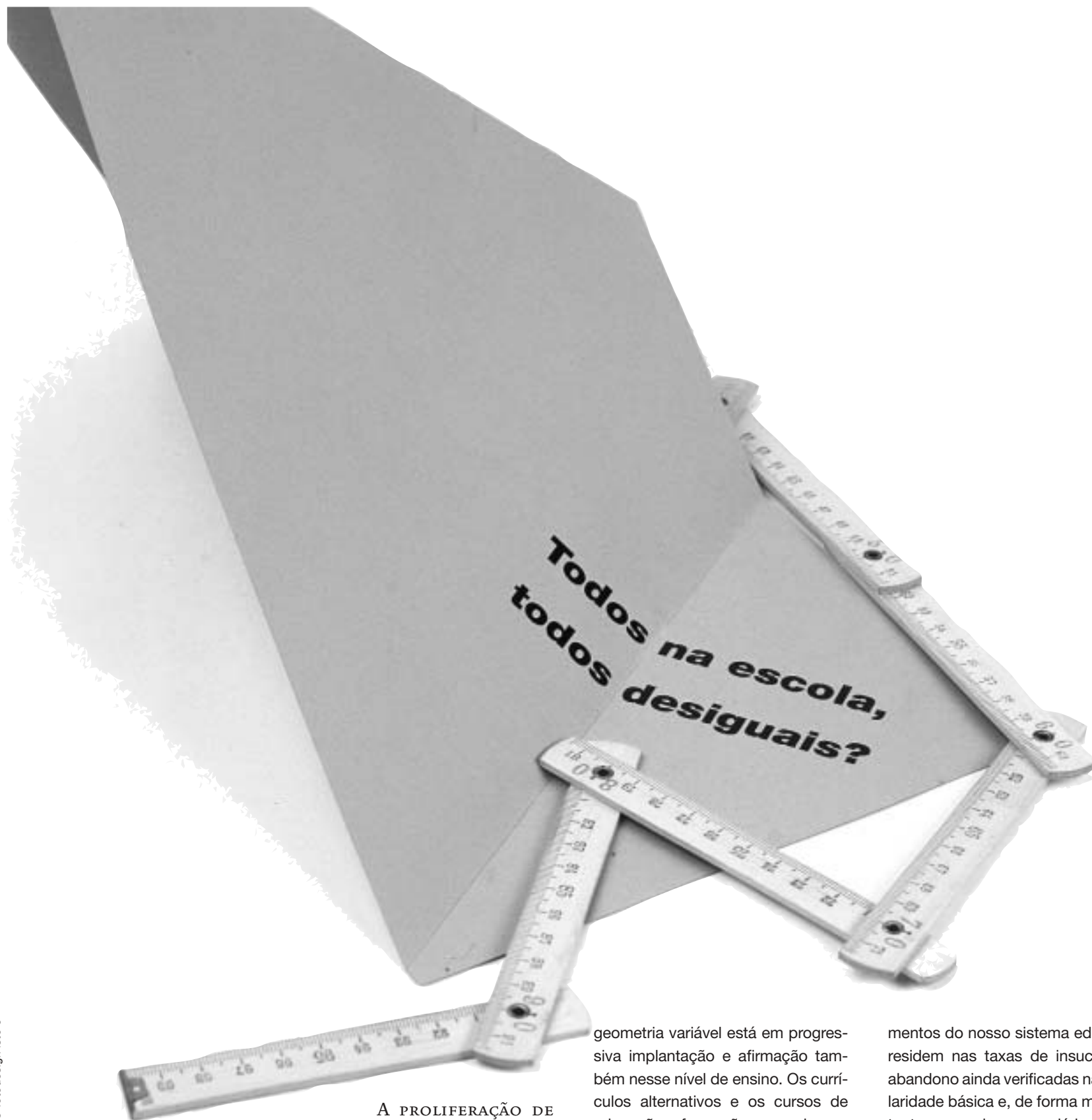
A federação Nacional de Professores anunciou que mais de 50 mil os alunos com necessidades educativas especiais ficarão sem apoio na escola pública, caso avance o projecto ministerial de revogar a legislação deste sector.

13.04 Alunos suecos melhores em leitura

De acordo com um estudo conduzido pela Associação Internacional para a Avaliação do Desempenho Educativo, que testou o desempenho de mais de 150 mil crianças deste nível de ensino, em 35 países, os alunos suecos do 4º ano são os que têm melhores resultados na leitura, logo seguidos pelos holandeses, ingleses e búlgaros. Portugal ficou de fora do estudo.

15.04 Professores «proibidos» de eleger pares

A Direcção Regional de Educação do Centro (DREC) «proibiu as escolas» do município da Guarda de se «envolverem em processos democráticos de eleição dos representantes dos docentes» para o Conselho Municipal de Educação, denuncia o Sindicato dos Professores da Região Centro. Nesta autarquia, aquele organismo do Ministério da Educação «apressou-se a indicar à câmara quem eram os representantes dos docentes, esquecendo-se de indicar o seu próprio representante, este sim, da sua competência», sublinha o sindicato.



© fotodesign isto é

A PROLIFERAÇÃO DE MODALIDADES DE CONCRETIZAÇÃO DA ESCOLARIDADE BÁSICA E OBRIGATÓRIA PARECE INDICAR QUE A OPÇÃO PELA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE GEOMETRIA VARIÁVEL ESTÁ EM PROGRESSIVA IMPLANTAÇÃO E AFIRMAÇÃO TAMBÉM NESSE NÍVEL DE ENSINO

Num estudo recente sobre o processo de criação e desenvolvimento do subsistema de Escolas Profissionais identifiquei uma tendência que tem vindo a consolidar-se no sentido da construção de uma escola de geometria variável. Esta opção política, que me parece já visível no processo de reestruturação do ensino/formação de nível secundário desenvolvido entre 1987-1996, assenta na estratégia de expandir o acesso a altos patamares de escolarização e aos respectivos diplomas de forma (mais) alargada prevenindo e restringindo as mudanças que concorreriam para uma democratização cultural e social com alcance equivalente. Trata-se de edificar uma instituição educativa que abrange durante um período prolongado de tempo amplas categorias sociais, que difunde (mais) generalizadamente di-

plomas de níveis crescentemente superiores de escolarização, mas que se dota dos mecanismos que permitem controlar ciosamente as fronteiras que definem a cultura legítima e/ou superior e o acesso aos níveis e sectores do sistema de ensino em que aquela é distribuída.

Pode afirmar-se, e eu própria o defendi já, que muitas das soluções adoptadas têm raízes centenárias; no entanto, este modelo de instituição educativa é também novo, não só porque contém estratégias inovadoras como porque nunca tantos foram instigados a prolongar a escolarização durante tanto tempo.

Não posso, assim, deixar de chamar a atenção para o facto de que a proliferação de modalidades de concretização da escolaridade básica e obrigatória parece indicar que a opção pela construção da escola de

geometria variável está em progressiva implantação e afirmação também nesse nível de ensino. Os currículos alternativos e os cursos de educação e formação, a par dos recentemente anunciados exames no final do 9º ano, são medidas que, apresentando uma natureza radicalmente distinta, sugerem a expansão da tendência enunciada. No mesmo sentido parece apontar, ainda no

mentos do nosso sistema educativo residem nas taxas de insucesso e abandono ainda verificadas na escolaridade básica e, de forma mais gritante, no ensino secundário, qual o sentido de medidas que podem ter como consequência importante a desqualificação oficial (pela via da multiplicação dos percursos e das respectivas certificações hierarquizadas ou do mero incumprimento do

O estabelecimento de exames no 9º ano indicia a prevalência de uma aspiração a aprofundar a geometria variável do serviço educativo vincando clivagens e diferenciações em fases mais precoces do percurso escolar obrigatório.

que toca ao ensino secundário, a proclamada intenção de prolongar a escolaridade obrigatória para 12 anos até 2010, enquanto se pretende desde já restringir fortemente o acesso ao ensino superior eliminando os candidatos que não obtenham uma classificação mínima de 9,5 valores nos exames nacionais do 12º ano das disciplinas específicas para o ingresso em determinado curso.

O estabelecimento de exames no 9º ano indicia a prevalência de uma aspiração a aprofundar a geometria variável do serviço educativo vincando clivagens e diferenciações em fases mais precoces do percurso escolar obrigatório. Se recorrentemente é confirmado que os estrangula-

mentos do nosso sistema educativo residem nas taxas de insucesso e abandono ainda verificadas na escolaridade básica e, de forma mais gritante, no ensino secundário, qual o sentido de medidas que podem ter como consequência importante a desqualificação oficial (pela via da multiplicação dos percursos e das respectivas certificações hierarquizadas ou do mero incumprimento do

imperativo legal) daqueles que se investem a alcançar elevados patamares de escolarização?

Por outro lado, a intenção de desvincular definitiva e amplamente a escolaridade comum e a escolaridade obrigatória aponta para um outro projecto político-cultural de educação dos portugueses em que a difusão universal de um mínimo cultural comum, hoje encarnado pela escolaridade básica, se desvanecer como sentido estruturante. A edificação de uma escola de geometria variável pode, se este for o caminho prosseguido, assumir contornos parcialmente descoincidentes com aqueles que a reforma dos anos oitenta parecia desenhar.

RECONFIGURAÇÕES

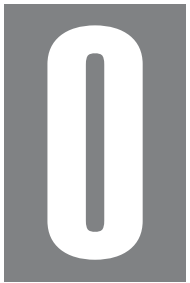
Fátima Antunes

fantunes@iep.uminho.pt

Instituto de Educação

e Psicologia

da Univ. do Minho



© fotodesign isto é

Duas “formulações passadas” têm sido – implícita e explicitamente - indutoras da associação que, nos dias que correm, se faz entre tecnologias e desenvolvimento. Uma é a que tem origem na ideia de «acumulação desregulada de riquezas», a qual assim se apresenta sob a justificação de proporcionar oportunidades de melhorias individuais para todos. Tenha-se aqui presente que, no seu «A Riqueza das Nações», Adam Smith ensinava que “a busca do interesse individual é a mola propulsora do bem-estar colectivo”. A segunda formulação tem a ver com as “etapas rostowianas”, isto é, com a ideia de que os países seguem um caminho linear, passando pelas mesmas etapas, em direcção ao desenvolvimento.

Evidentemente que as coisas não se passaram assim. E chega a ser até cansativo repisar o assunto. A busca desenfreada por acumulação de riquezas dizimou povos e culturas, e mais do que isto: expôs toda a humanidade aos perigos das catástrofes ecológicas. Quanto às etapas de Rostow, como bem o mostraram os cientistas sociais da Teoria da Dependência, revelou-se uma ideia tão sem sustentação que parece servir mais a propósitos de carácter ideológico. E seria insistir em «mais do mesmo» se abrissemos outra frente de argumentação para realçar que com a crise, nos anos 1970, dos mecanismos que foram accionados para gerir a crise dos anos 1930, a própria noção de desenvolvimento, como era até então concebida, foi posta em causa.

É, portanto, para dizer o mínimo, contraproducente a forma como tem sido realizada a associação entre as chamadas novas tecnologias e o desenvolvimento. Ao fim e ao cabo, o que se faz é um apelo cego a um tipo de desenvolvimento que, agora mais do que antes, impulsionado instrumentalmente pelo potencial da técnica, avance desmedidamente para, descurando o meio ambiente, realizar a acumulação material. Ainda não conhecemos as sensibilidades ecológicas do discurso da produtividade. De outra parte, o reverso da associação é a apresentação do «desenvolvimento linear», das etapas, como se um país pudesse fazer isso «totalmente» livre dos imperativos das relações de poder que hierarquizam internacionalmente os Estados e as suas economias. Enfim, uma espécie de «espelho diante de espelho», onde a fiabilidade dos reflexos assenta no facto de nada traduzirem.

Dessa forma, parece fazer sentido operar uma inversão discursiva em volta da mencionada associação, como forma de a deslocar para a perspectiva de um «outro desenvolvi-

... Desenvolvimento que (...) requer maior participação cívica em suas decisões e (...) uma substantiva racionalidade social no emprego dos recursos, na utilização do espaço, na selecção de tecnologias e no estudo atencioso dos impactos negativos que o crescimento económico possa ter sobre o meio ambiente.

PARECE DIFÍCIL DISCUTIR ACTUALMENTE ALGUNS TEMAS COM «OBJECTIVIDADE ANALÍTICA». AS DIFICULDADES NÃO RESULTAM DA INEXISTÊNCIA DE DISPONIBILIDADE PARA O FAZER, MAS DE OUTROS FACTORES. FACTORES QUE VÃO DESDE AS «CELEBRAÇÕES» EM TORNO DE OPÇÕES TEÓRICAS SEMELHANTES «AOS RITOS DA INFALIBILIDADE PAPAL» A POSTURAS QUE SUCUMBEM AO ENVIESAMENTO IMPRESSIONISTA. TAL É O QUE, COMO REFLEXO DESTES ÚLTIMOS CASOS, SE PASSA COM O TEMA DAS NOVAS TECNOLOGIAS E DO DESENVOLVIMENTO. ENTENDAMO-NOS.

mento». Explicamo-nos em poucas palavras. Um desenvolvimento que, pressupondo mais igualdade, requer maior participação cívica em suas decisões e, ao mesmo tempo, uma substantiva racionalidade social no emprego dos recursos, na utilização do espaço, na selecção de tecnologias e no estudo atencioso dos impactos negativos que o crescimento económico possa ter sobre o meio ambiente.

Ou seja, trata-se de um desenvolvimento que, como tem sido denominado, é «ecodesenvolvimento». E mesmo que surja na esfera económica, ele afluí para o plano político-social consubstanciado na convicção de que a existência e a integridade humanas dependem de um «contracto» e de um «agir» que só podem ser colectivos.

OBSERVATÓRIO
Ivonaldo Leite
Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte
(UERN), Brasil

Guerras típicas e doenças atípicas

James Petras, num artigo intitulado a “ironia da História” sublinha o facto, iniludível, do povo iraquiano não ter acolhido os invasores (norte-americanos e britânicos) como libertadores, como proclamava a coligação, recusando agradecer os tanques, os mísseis e as bombas de fragmentação necessárias à operação do Iraque.

A guerra típica deveria, na perspectiva dos EUA, gerar divisões nas Forças Armadas iraquianas, um levantamento popular contra o regime iraquiano durante os primeiros dias da

invasão norte-americana. Washington proclamava a certeza que o povo iraquiano renunciaria a resistir.

Mas, ao contrário dos propagandistas da coligação, a guerra típica uniu diferentes sectores políticos e sociais da população iraquiana, incluindo opositores ao regime de Saddam e, nas palavras de Petras, “principalmente iraquianos apolíticos furiosos pela morte e mutilação de amigos e familiares, pela destruição de habitações, escolas, fábricas, escritórios e dos seus meios de vida”.

Típicos foram também os saques a Bagdad. Tudo se roubava sob o olhar complacente dos soldados norte-americanos. Discos de Mozart na embaixada alemã, fotocopiadoras nas instalações da ONU. Como exército ocupante, as Forças Armadas dos EUA são responsáveis pela protecção dos bens nas áreas que controlam mas os norte-americanos fecharam aos olhos a estas “manifestações libertadoras”. Uma compreensão tão grande que abarcou os saques às riquezas culturais da humanidade que

existiam nos museus de Bagdad. O único valor ciosamente protegido foi o petróleo.

Tudo isto é típico numa guerra que George W. Bush parece querer dar por terminada muito em breve. No Iraque, entenda-se, que outros destinos se levantam na mira da coligação libertadora. Atípico só uma pneumonia asiática, com uma taxa de mortalidade relativamente baixa, que tem tido o bom senso de se manter lá para os lados da Ásia, poupando a Europa.

Até ver, claro.

SUBLINHADO
João Rita



O conceito de externalidade é utilizado para comparar os benefícios privados e sociais de uma actividade e corresponde, tecnicamente, ao benefício recebido pela sociedade para além do benefício privado do indivíduo. As vantagens externas da educação são múltiplas, podendo citar-se, entre outras, a transmissão dos valores culturais, a coesão social, a coesão intergeracional, a mobilidade social e, ainda a diminuição da delinquência e da criminalidade.

É para evitar o risco de ver estas externalidades negligenciadas por mercados guiados apenas por benefícios privados e, provavelmente, vocacionados para acções de curto prazo, que a educação é principalmente financiada pelo sector público e que o seu consumo é obrigatório, pelo menos até uma certa idade.

É evidente que o ensino superior tem um custo e alguém tem que o suportar. Parece também evidente que os custos deverão ser repartidos por três fontes principais: os contribuintes (uma vez que o ensino superior é estratégico para o desenvolvimento económico do país), os pais (que têm responsabilidades na formação dos seus descendentes) e os alunos (uma vez que para muitos estudantes o ensino superior é um investimento privado proveitoso, permitindo dividendos económicos reais que estão acima dos fornecidos por outros investimentos de longo prazo). Um corolário básico desta hipótese é que uma diminuição da contribuição de uma das fontes acarretará um aumento equivalente das contribuições das outras ou, então, uma alteração ainda mais fundamental, tal como uma redução do sistema ou da sua qualidade, uma diminuição do apoio social aos alunos ou uma alteração do perfil sócio-económico dos estudantes. O problema reside em encontrar uma repartição justa dos custos entre pais, alunos e contribuintes.

O conceito de equidade é associado pelos economistas à forma como os recursos são distribuídos pela sociedade, sendo usual distinguir entre equidade horizontal, no sentido do tratamento igual dos indivíduos iguais, e equidade vertical, no sentido do tratamento desigual de indivíduos desiguais. Este último conceito é muito pertinente no que concerne à educação, já que uma das suas missões é oferecer igualdade de oportunidades às crianças e aos jovens provenientes de meios sócio-económicos diferentes.

Mas deve, também, referir-se a equidade intergeracional, ou seja, a partilha de recursos e a distribuição de encargos entre gerações, aspecto sem dúvida relevante quanto à distri-



buição dos custos da educação, onde se inclui a famigerada questão das propinas. É que a geração trabalhadora actual, ao passar parte dos custos do ensino para as gerações futuras, não deve esquecer que espera que estas venham a pagar as suas pensões de aposentação.

Não admira que em muitos países esta questão tenha originado um grande debate público sobre a repartição dos custos do sistema e sobre os efeitos das diversas soluções sobre as taxas de participação, em particular no que se refere aos alunos provenientes de classes mais desfavorecidas, mulheres, minorias étnicas e alunos mais velhos.

A solução não é fácil, uma vez que não é possível uma divisão tradicional dos benefícios em termos de público e privado, nem essa divisão é previsível a partir da ideologia sócio-económica do governo do país.

Há porém um facto que deve pesar na decisão final: os alunos do ensino superior são provenientes, em grande percentagem, das classes mais privilegiadas e este facto não foi alterado pela grande expansão do sistema (impropriamente chamada democratização do ensino superior).

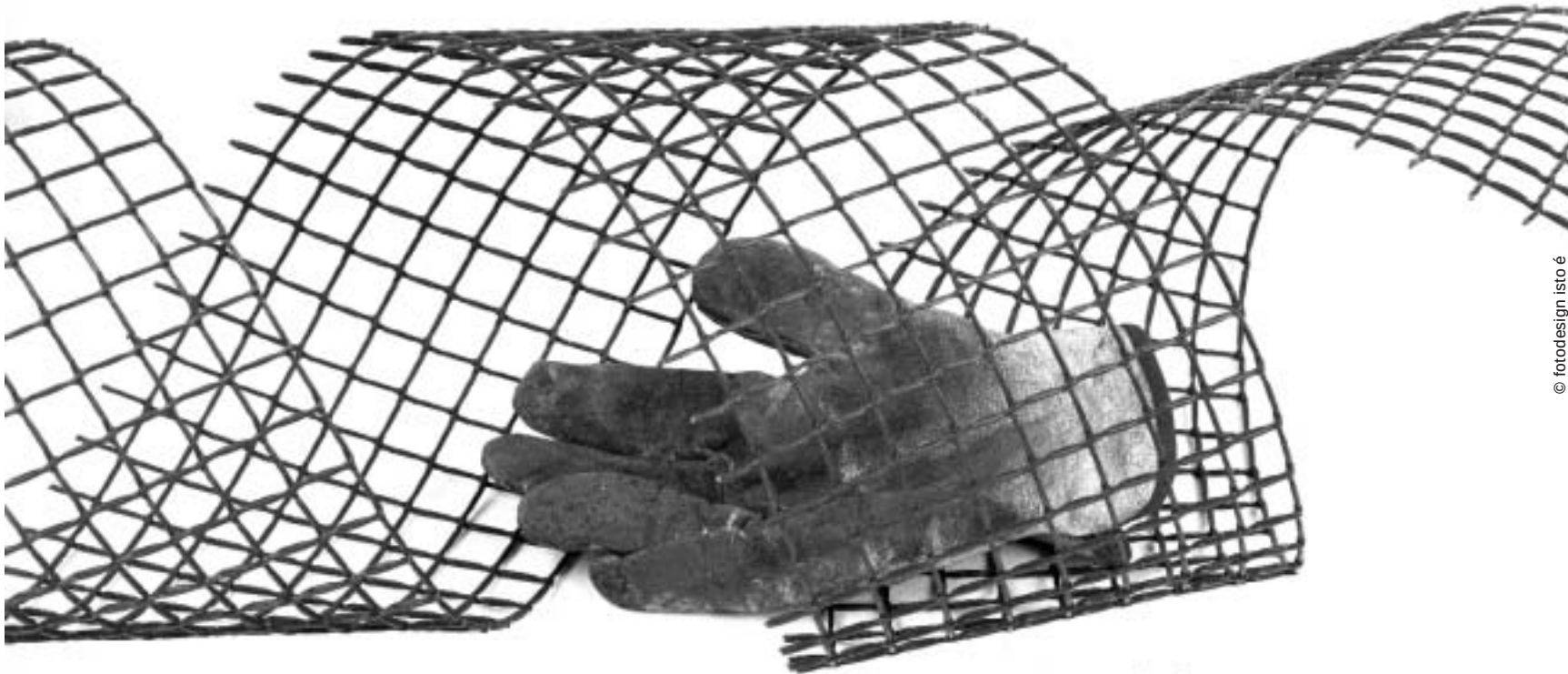
Na Austrália uma Comissão nomeada pelo Governo (1984) para estudar o problema, verificou que passados dez anos sem propinas continuavam a ter acesso às universidades 43% dos filhos provenientes de famílias de profissionais, contra apenas 9% provenientes de famílias de trabalhadores, o que levou a Comissão a concluir que “o sistema de ensino superior gratuito beneficia desproporcionadamente os estudantes oriundos das classes mais ricas e é grandemente financiado pelos contribuintes, muitos dos quais têm expectativas de rendimentos inferiores aos dos altamente privilegiados detentores de licenciaturas universitárias.”

Por estes motivos, em muitos países, tem-se optado por não aumentar a carga dos contribuintes, fazendo, também, participar os alunos, por serem os beneficiários directos do sistema; por isso, a criação de um sistema de propinas, tem sido associada a sistemas de empréstimos que os alunos terão que pagar, uma vez iniciada a sua vida profissional. Na generalidade dos casos, esse pagamento é feito por meio de uma taxa adicional no IRS (ou, em alternativa, nos descontos para a Segurança Social) o que é socialmente justo: se o aluno obtém um emprego altamente remunerado o pagamento será rápido, ficando suspenso em caso de desemprego ou de remuneração muito baixa.

DO SUPERIOR

Alberto Amaral

Centro de Investigação
de Políticas do Ensino
Superior, Universidade
do Porto



© fotodesign isto é

Educação intercultural: a descoberta do outro passa necessariamente pela descoberta de si mesmo

FACE A UM CONCEITO RÍGIDO QUE PRETENDENDO RESPEITAR TODAS E CADA UMA DAS CULTURAS, AS ACABA PARALISANDO E ISOLANDO UMAS DAS OUTRAS, NÃO CONSIDERANDO SUA EVOLUÇÃO ATRAVÉS, PRECISAMENTE, DO CONTACTO ENTRE ELAS, TORNA-SE IMPERIOSO UM POSICIONAMENTO CLARO DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL. TAL CONTACTO, EVIDENTEMENTE, DEVE OCORRER EM CONDIÇÕES DE IGUALDADE E JUSTIÇA, NÃO DE DOMINAÇÃO/SUBORDINAÇÃO.

A educação intercultural não pode assumir toda a responsabilidade na implementação da justiça social necessária, mas pode sim, mediante os mecanismos pedagógicos e escolares, propiciar a interação dialógica entre culturas, num clima democrático que defenda o direito à diversidade no marco da igualdade de oportunidades, flexibilizando os modelos culturais que se transmitem na escola.

Ela possibilitaria aos alunos dispor de uma maior riqueza de conhecimentos e valores culturais, próprio e alheios, enriquecendo crítica e reflexivamente não só seu desenvolvimento integral enquanto pessoas mas também propiciando sua conscientização e acção social solidária.

Nós, professores, sabemos que não somos independentes; que somos sujeitos sociais, determinados pela sociedade. Sabemos também

que, apesar da determinação social, há em todos a condição inédita de sermos uma consciência que troca com o meio e, ao mesmo tempo, transforma esse meio e se transforma. Sabemos que o outro também é assim e, nessa condição, interagimos com todos os outros. Sabemos que se todos criamos ao mesmo tempo, sem acordo, colocamos o mundo comum em risco. Dessa forma, estamos sempre construindo acordos para fazermos juntos o melhor para todos. Esse é o nosso ideal como educadores.

Esse ideal nos informa da relação complexa entre o "eu" professor, conservador e criador, e o "eu" aluno, que deve criar uma forma pessoal de aprender o que foi conservado por várias gerações, para criar um mundo melhor. Essa é a nossa tarefa.

Desde tenra idade, a escola, a agência por excelência do processo

de educação, deve aproveitar todas as ocasiões para uma dupla aprendizagem: por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade de espécie humana e, por outro lado, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.

Na nossa sala de aula, quantas vezes nos deparamos com acontecimentos completamente imprevistos? Quantos alunos insistem em permanecer diferentes? Quantos planos não resistem ao quotidiano? Quantas vezes nós mesmos nos surpreendemos com nossas próprias atitudes? Como educadores, quantas vezes criamos na sala de aula e nos surpreendemos com o que falamos e fazemos! E quantas vezes estimulamos nossos alunos para criar, e eles nos mostram uma capacidade desconhe-

cida! A novidade pode nos empolgar, nos estimular, nos entusiasmar, fazendo com que o quotidiano ganhe um novo significado.

Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança, ao adolescente e também ao adulto uma visão ajustada do mundo, a educação intercultural, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais nada ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reacções. Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida. Mostrando às crianças, aos jovens e adultos as perspectivas dos outros grupos étnicos ou religiosos podem evitar-se incompreensões geradoras de ódios e violência.

APONTAMENTOS

José de Sousa

Miguel Lopes

miguel-lopes@uol.com.br

Universidade do Leste de
Minas Gerais, Brasil

17.04 Conselhos de Educação contestados

A Associação Sindical dos Professores Licenciados (ASPL) contestou (...) os critérios usados para escolher os membros dos Conselhos Municipais de Educação (CME), revelando que muitos estão a ser nomeados, em vez de eleitos, devido a uma lacuna na Lei. A partir do próximo ano lectivo, os CME vão pensar e deliberar sobre todo o sistema educativo de cada município, mas a ASPL assegura que "mais de 70 por cento não estão constituídos" e os professores têm sido "completamente ignorados e excluídos do processo".

18.04 Novas regras no secundário

A nova reforma do ensino secundário entra em vigor em 2004 e oferece aos alunos currículos flexíveis e menos horas de aulas. (...) Os críticos desta reforma (iniciada pelo Governo do PS) interrogam-se sobre o seu alcance. Entre os cépticos está o Conselho Nacional da Educação. É que está na forja uma alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo, através da criação de um novo ciclo do estudos no ensino secundário, que, segundo o próprio Governo já anunciou, deverá começar aos 12 anos.

19.04 Ministro anuncia propinas mais caras no próximo ano lectivo

Os estudantes do ensino superior vão pagar mais para frequentarem as universidades públicas no próximo ano. (...) O montante a pagar será definido por cada estabelecimento de ensino (universidades e politécnicos), em função de critérios como a "qualidade dos cursos", a "expectativa de emprego" e o "ganho pessoal de cada um com o diploma que decidiu obter". O ministro ainda não decidiu qual o valor mínimo das propinas a cobrar, mas garantiu que estas terão um custo máximo de 770 euros por ano.

24.04 Falta de verbas "barra" ensino profissional a dez mil alunos

Perto de dez mil alunos que este ano pretendiam ingressar no ensino profissional foram impedidos de o fazer devido à falta de investimento no sistema, que não tem "crescido" de acordo com a procura registada. (...) No ano passado já só foram admitidos 45% por cento dos inscritos, ou seja, menos três por cento do que em 2001 e menos 9% do que em 2000. Resultado: um potencial universo de 50 mil alunos que se calcula pudesse vir a existir até 2007, não vai presentemente além dos 30 mil (...).

Entrevista com Xesus Jares, professor da Universidade da Coruña e coordenador do colectivo "Educadores para a Paz":



© foto isto é

"A escola não só deverá ensinar o respeito pelas instituições democráticas mas ela própria ser um exemplo prático e quotidiano de organização democrática."

Xesús Jares é professor da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade da Corunha, na Galiza, desde 1990. Os dez anos anteriores trabalhou como professor do ensino básico e secundário. É fundador e coordenador do colectivo "Educadores/as pola Paz-Nova Escola Galega" desde a sua fundação em 1983. É autor de numerosas publicações, e entre os seus livros tem dois traduzidos para português: "Educação para a paz - sua teoria e sua prática", Editorial Artmed, Porto Alegre (Brasil), 2002 e "Educação e conflito - Guia de educação para a convivência, Editorial ASA, Porto (Portugal), 2002.

Nesta entrevista falamos da importância da escola para a salvaguarda das instituições democráticas - numa altura em que o pensamento único parece ter adquirido um perigoso peso político -, da suposta neutralidade da escola e dos professores face aos últimos acontecimentos mundiais, e do programa educativo "Aprender a Conviver", coordenado pelo próprio Xesus Jares no município de Vigo, que pretende favorecer a resolução de conflitos pela via pacífica e promover uma convivência democrática e solidária.

Numa altura em que a violência se sobrepõe ao uso da diplomacia - como ficou bem patente no caso da guerra do Iraque - movimentos como os "Educadores pola paz" fazem ainda mais sentido de existir. Como um dos seus fundadores, como caracteriza a actual situação do movimento? Continua activo? Manifestou alguma tomada de posição pública sobre o conflito no Iraque?

Um dos sectores sociais mais activos na resposta anti-belicista em Espanha é precisamente o dos professores e educadores, sem distinção do nível de ensino. As pessoas e os grupos envolvidos no movimento "Educadores Pola Paz" estão a ter um protagonismo muito activo na resposta cidadã em prol

da paz e contra esta guerra ilegal, injusta e imoral. Uma prova deste activismo são as represálias que a comunidade educativa está a sofrer, fazendo-nos lembrar o tempo do franquismo. No caso da Galiza, o próprio presidente da Xunta de Galicia, o ex-ministro franquista Manuel Fraga Iribarne, e o seu Conselheiro de Educação, estão a acusar os professores de "violentar a consciência dos estudantes" e mesmo de "forçar" os estudantes a participar nas manifestações.

A *Conselleria de Educación* da Galiza chegou a enviar uma circular aos jardins de infância e aos estabelecimentos de ensino primário e secundário proibindo cartazes e actividades de contestação à guerra bem

como à maré negra provocada pelo navio *Prestige*, reagindo de forma autoritária a esse activismo que está a passar pelas escolas.

Em relação à posição pública sobre o conflito, estamos a participar em diversas plataformas contra a guerra e, no contexto do programa educativo municipal "Aprender a Conviver", redigimos o "Manifesto pola Paz e Contra a Guerra", já assinado por cerca de cinquenta escolas de todos os níveis de ensino, também publicado na última edição do vosso jornal, ao qual esperamos que também adiram os estabelecimentos de ensino portugueses.

Não tenho dúvida que face à nova situação mundial, traduzida pelo unilateralismo ou imperialismo nor-

te-americano, teremos de estreitar os laços e as relações entre as educadoras e os educadores, tanto a nível europeu como a nível mundial.

Parece que essa tendência de censura e de repressão - característica dos antigos regimes fascistas - está a voltar com alguma força à Europa, nomeadamente nos países governados por partidos de direita. Porque razão acha que isso está a acontecer?

Considero que há duas respostas possíveis para essa questão. Por um lado, uma situação de carácter conjuntural originada pelo jogo político e pela fractura social que se está a produzir entre governantes e governados; por outro, a "direitização" global



© foto isto é

"A suposta neutralidade da escola é um dos principais mitos no qual assenta o modelo técnico-tradicional da educação. (...) Não é possível uma tal neutralidade, já que diariamente fazemos escolhas que implicam questões ideológicas e de valores."

que se está a produzir no mundo como consequência dos atentados terroristas do 11 de setembro nos Estados Unidos da América. Como já se tem referido, uma das principais vítimas dos atentados de Nova Iorque têm sido precisamente os direitos humanos e a restrição das liberdades individuais.

Em ambos os casos, o denominador comum é o falso dilema que se estabelece entre segurança e liberdade e a utilização perversa do medo entre a população para favorecer políticas conservadoras e de militarização da sociedade. Esse temor tem sido utilizado pela maioria dos dirigentes e ideólogos da política norte-americana e europeia conservadora em benefício de políticas armamentistas e belicistas. Tudo isto disfarçado de um patriotismo asfixiante de racionalidade e de compreensão.

Os estudantes são ensinados na escola a acreditar no respeito pelas instituições democráticas, mas quando organizações como a ONU são postas de lado na resolução de conflitos como o que opõe o Iraque aos Estados Unidos esse princípio pode correr o risco de cair no descrédito. Em que posição fica a escola num cenário como este?

A escola não só deverá ensinar o respeito pelas instituições democráticas mas ela própria ser um exemplo prático e quotidiano de organização democrática. A vida da esco-

la, a cultura organizativa, as relações entre estudantes e entre estes e os professores e a comunidade educativa têm de ser baseados nos princípios democráticos e para os princípios democráticos. Nessa aprendizagem não poderá faltar a análise das posições contrárias, das contradições e dos conflitos que são inerentes à democracia. Não podemos separar a convivência democrática dos conflitos e mesmo das posições anti-democráticas que convivem na sociedade.

Nesse sentido, a aposta democrática da educação deverá ser hoje capaz de sensibilizar os estudantes para a defesa das Nações Unidas e sua plena democratização, assim como das instituições e tribunais internacionais de justiça, questionando as posições da lei do mais forte e do unilateralismo, que está a inspirar a actual política norte-americana com o apoio do Reino Unido, da Espanha e de Portugal, entre outros países. A escola deverá igualmente lutar contra a conversão da democracia em mera liberdade de consumo, aceitando as normas e valores impostos pelo mercado através de uma "engenharia da persuasão".

Como explicar esta alteração das relações de poder aos mais novos? Nesse contexto, qual tem sido a opinião dos seus alunos e, de uma forma mais geral, dos estudantes espanhóis?

Apesar de não ser uma tarefa fácil é,

sem dúvida, necessária. Quando trabalhamos didacticamente o conflito, é importante partir das relações mais próximas, como a turma, e utilizar diferentes estratégias didáticas como são os estudos de caso, os jogos de papéis, dramatizações, textos literários, etc. Creio que é importante partir da experiência, real ou simulada, do próprio grupo-turma, analisando o que ali acontece e compará-la com a vida real. É o que chamamos de método "socio-afectivo", que temos utilizado nos últimos anos tanto no ensino primário como no secundário e na universidade.

Em relação à resposta dos meus alunos e alunas, há, em geral, uma atitude contrária à guerra mas, ao mesmo tempo, comprovo que existe uma grande falta de formação nas questões que se relacionam com o conflito. Como venho comprovando nos últimos anos, os estudantes universitários têm um desconhecimento muito grande relativamente a tudo o que se relaciona com os conteúdos da educação e cultura da paz. Nos resultados do questionário inicial de ideias e atitudes prévias, que todos os anos realizo junto dos meus alunos, assim como nas dinâmicas exploratórias de grupo, esta situação fica muito clara. São muito poucos os que leram a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a maioria associa a paz com a ausência de guerra ou de violência física, vê o conflito como algo negativo, etc...

Apesar disso, no caso concreto da guerra do Iraque, tanto os estudantes do ensino secundário como os universitários deram uma resposta que me atrevera a qualificar de exemplar.

Tendo em conta o papel tradicionalmente neutro da escola, considera que os professores devem manter essa neutralidade ou, pelo contrário, tomar uma posição perante os seus alunos?

A suposta neutralidade da escola é um dos principais mitos no qual assenta o modelo técnico-tradicional da educação. Como dizia o filósofo espanhol Adolfo Sánchez Vázquez, trata-se da "ideologia da neutralidade ideológica". Não é possível uma tal neutralidade, já que diariamente fazemos escolhas que implicam questões ideológicas e de valores. A opção pela democracia a que nos referimos anteriormente é em si mesma uma tomada de partido e portanto não neutral. O mesmo se passa em relação à necessidade de manter um sistema multilateral frente ao unilateralismo norte-americano.

Os professores devem explicar as razões das suas tomadas de posição respeitando, ao mesmo tempo, as opções dos estudantes. Isto é, procurarem um equilíbrio que não inclua nem a neutralidade nem o adoutrinamento, próprio dos sistemas autoritários que experimentamos em Portugal e em Espanha

Projecto educativo, «Aprender a Convivir», coordenado por Xesus Jares

Está a coordenar um projecto educativo na área de Vigo, chamado "Aprender a Convivir", através do qual se propõe contribuir para trabalhar as diferenças e abordar o conflito de uma maneira construtiva. Como surgiu este projecto e como está a decorrer?

O Programa educativo municipal "Aprender a convivir" é uma iniciativa do grupo Educadores/as pola Paz-Nova Escola Galega, assumida pela *Concellería de Educación e Muller* da Câmara Municipal de Vigo, e pretende oferecer ao conjunto dos cidadãos, e muito particularmente aos diferentes sectores da comunidade educativa, uma série de propostas e recursos que proporcionem a construção de uma convivência assente no respeito mútuo, na democracia e solidariedade entre todas e todos, sem nenhum tipo de discriminação e violência.

O Programa não pretende ser fechado sobre si mesmo. Não se trata de oferecer um conjunto de orientações e materiais para que outros os apliquem, mas antes explicitar princípios e normas de actuação a partir dos quais podemos construir colectivamente um projecto de intervenção para favorecer a convivência. Partindo das opções oferecidas pelo programa, cada escola pode optar por aquelas que maior interesse lhe suscite. As propostas e recursos adequam-se à formação dos três níveis de ensino e oferecem serviços de assessoria, de mediação, trabalho directo com os alunos, materiais de apoio; etc.

Apesar de já termos concluído a primeira fase deste programa, que se iniciou há três anos, temos de ser prudentes na sua avaliação. Porém, temos dados que nos permitem acalantar algum ânimo, principalmente devido ao elevado número de escolas que nele se inscreveram - 28 - entre públicas e privadas concertadas, só na cidade de Vigo. O único factor que haverá a comentar em tom crítico é o facto de haver um significativo desfasamento entre o número de estabelecimentos de ensino básico e secundário inscritos, com um significativo peso em favor dos primeiros, quando são precisamente os professores do ensino secundário que mais se queixam da conflitualidade. Mas, em todo caso, é um número de escolas que supera em muito as nossas expectativas iniciais.

Em segundo lugar creio também ser muito importante referir a boa aceitação que este programa obteve junto dos cursos de formação de professores, dos cursos de formação de mediadores/as de estudantes do secundário e das acções de formação de encarregados de educação. Em terceiro lugar, também é de destacar o bom acolhimento que tiveram os materiais elaborados especificamente para o programa, tanto em Vigo como no resto da Galiza e do território espanhol, de tal forma que a maior parte foi inclusivamente reeditado.

O projecto está limitado ao concelho de Vigo ou há perspectivas de alargá-lo aos restantes centros educativos da Galiza?

O programa foi criado para as escolas situadas na cidade de Vigo, mas estamos em negociação com outras cidades igualmente interessadas em impulsionar programas semelhantes. Há que referir que as eleições municipais em Espanha se realizam no final de Maio, pelo que estamos condicionados pelos resultados das mesmas. Porém, posso afirmar com segurança que no próximo ano lectivo o programa "Aprender a Convivir" começará também a funcionar em outras cidades galegas.



© foto isto é

"Não podemos separar a convivência democrática dos conflitos e mesmo das posições anti-democráticas que convivem na sociedade."

com as ditaduras. Educar para a paz não é uma opção neutral e, tal como estamos a assistir, está a ser questionada pelos sectores fundamentalistas e reaccionários da sociedade. O fundamentalismo, como o adoutrinação, são antitéticos da democracia, de uma livre e exaustiva discussão, da liberdade de pensamento, etc... O adoutrinação e o fundamentalismo são estratégias postas em campo pela extrema direita, nomeadamente quando esta pede um retorno ao ensino clássico e aos conteúdos tradicionais.

A violência e a indisciplina nas escolas é um fenómeno que tem vindo a acentuar-se nos últimos anos nas escolas portuguesas. Apesar disso, ainda não assume proporções como a que estamos habituados a ver em países como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha ou a França, onde ela se traduz inclusivamente em casos de morte. Como caracterizaria a realidade espanhola?

A violência e a indisciplina são dois conceitos claramente distintos, e esse é precisamente um dos problemas com que nos deparamos ao abordar este tema. A situação da indisciplina não atinge proporções tão graves quanto se pretende fazer crer em determinadas esferas profissionais, mas também não é tão "boa" como se refere noutras. Nesse sentido, considero que na perspectiva de determinadas posições

políticas e profissionais estará a confundir-se interessadamente a indisciplina com a violência, quando são dois aspectos totalmente diferentes. Porém, não haja dúvida que se constata a existência de processos que, seguindo um caminho paralelo, amplificam a gravidade da situação ou, pelo menos, turvam a sua percepção.

Mas se por um lado assistimos a um aumento da indisciplina, por outro vemos que ela está relacionada com a incapacidade dos professores do ensino secundário em lidar com ela, por não estarem preparados para "encaixar" a diversidade inerente a esta etapa da escolaridade. Além disso, há também que ter em conta a falta de recursos humanos por parte da administração educativa, mais preocupada em ter os estudantes nas aulas do que em verificar a qualidade do processo educativo. Tão pouco é alheio a esta dinâmica a própria mudança de valores que se está a produzir na nossa sociedade. O consumismo, as referências ao dinheiro fácil, a perda do valor da capacidade de esforço e de sacrifício, do respeito, a indistinção entre autoridade e autoritarismo, etc., são aspectos que estão a contribuir negativamente não só no conjunto da sociedade como também no campo educativo. Portanto, a degradação das relações de convivência não é um aspecto unicamente assacado ao sistema educativo e muito menos aos estudantes.

RETRATOS
da cidade
Andreia Lobo



© fotodesign isto é

Carregava consigo alguns sacos plásticos, a sua bagagem na viagem que diariamente o levava a caminhar pelas ruas do Porto. A rotina mandava que de manhã percorresse a zona da rotunda da Boavista e que de tarde passeasse pela Baixa. A elegância do seu mais de um metro e oitenta de altura quase encobria a velhice das suas roupas. Uns óculos de meia-lua pousados na ponta do nariz deixavam à vista os seus olhos azuis cansados. Tinha 59 anos de idade, mas poucos lhe dariam menos de 70. F. era vendedor da revista “Cais”. A revista dos sem abrigo.

Vivia num quatinho, dizia a quem lhe perguntasse. Em que rua? Não respondia. Talvez o quarto ficasse num vão de escadas? Na hora do almoço dirigia-se ao centro comercial mais próximo para ler o jornal. Às vezes os dedos amarelados lá se viam a segurar uma sandes de supermercado que acompanhava com um café. Mas a relutância com que os empregados do piso da restauração o serviam não o entristecia, irritava-o! O dinheiro suficiente para simplesmente pagar todo o pouco que pedia não mereceria respeito? Um homem, só porque veste mal, não pode levar à caixa do supermercado apenas uma sandes sem ser olhado. Mas uma vendedora de loja de roupa, anoréctica, pode comprar apenas um iogurte sem que isso suscite qualquer curiosidade.

Eram estes os pensamentos que ocupavam a cabeça de F. sempre que almoçava numa das mesas do centro comercial. Um dia, alguém que também almoçava sozinho decidiu pedir licença para se sentar à sua mesa. Estupefacto com a situação o vendedor lá tirou os sacos plásticos de cima da cadeira e com alguma insatisfação pousou-os no chão. O outro agradeceu o gesto e sentou-se. Passaram-se horas de conversa até que os dois se levantassem.

Em tempos de mais fortuna, F. vivera na África do Sul e fora um construtor relativamente bem sucedido. Uma mulher deitara a sua vida a perder. As cambalhotas do destino fizeram o resto. Mas o passado não era assunto que lhe agradasse. F. gostava mais de falar sobre a especulação imobiliária (uma barbaridade!). Não lhe eram indiferentes as facilidades na obtenção do crédito à habitação. Nem os novos materiais de construção. F. era ainda um homem de sonhos. Ainda que de pouca esperança. Se um dia viesse a ter, não por milagre pois não acreditava neles, mas se um dia viesse a ter mais dinheiro (teria de ser mesmo muito mais) abriria um restaurante. Mas um de boa comida...

A presença do outro na vida de F. tornou-se um hábito. Viam-se pelas ruas, no centro comercial... Uma noite encontraram-se no Coliseu à saída de um espectáculo. F. não era o único vendedor da Cais no local. Mas insistia em não usar o seu colete-de-trabalho amarelo choque como todos faziam. E enquanto os colegas tentavam vender revistas à assistência em debandada, F., vestindo o seu Kispo verde roto do costume, permanecia encostado a uma coluna com as revistas expostas nas mãos. Não vendia nem mais nem menos que os outros. Mas conhecia melhor o produto. Tanto que ao ver que um certo número continha fotografias dos monumentos pitorescos de um tal de Gaudí logo percebeu que aquilo devia interessar a um público ‘mais erudito’. E assim, decidira ir vender a revista aos transeuntes da Foz.

Alguns meses depois do almoço em que se conheceram, F. deixara de ser visto a deambular pelas ruas. O que preocupara bastante o outro. Um dia enquanto comprava a “Cais” a um outro vendedor este reconheceu-o como sendo o amigo de F. e contou-lhe o porquê do seu desaparecimento.

Ao que parece a mulher que deitara a vida de F. a perder estava ‘bem de vida’ e morava em Inglaterra com os seus três filhos. Filhos que F. não via há 14 anos mas que um dia se lembraram de procurar o pai. O caminho que percorreram fora difícil e não envolvera nenhum programa inglês género ‘ponto de encontro’. O certo é que F. partira com os filhos, também eles ‘bem de vida’ para Inglaterra. Tudo indica que a história teve um final feliz.

	1 ano	2 anos
Portugal	20	40
Estrangeiro	25	50

desconto sócios Sindicatos FENPROF

	1 ano	2 anos
Portugal	15€	30
Estrangeiro	20	40

Na assinatura mencionar nº sócio e iniciais do Sindicato

Ser professor
Assinar a Página

a *Página* volta sempre
na 1ª quarta-feira de cada mês



Um ensino diferente para um novo estímulo à inovação, à criatividade e à vontade de aprender

A ACELERAÇÃO DA VELOCIDADE DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E DE DIVERSIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES, TEM VINDO A INDUZIR UMA MAIS RÁPIDA OBSOLESCÊNCIA DO VALOR DE USO DAS COISAS E DAS IDEIAS. O CONHECIMENTO, ENVELHECENDO ASSIM MAIS DEPRESSA, PRECISA DE SE RENOVAR CONSTANTEMENTE, E TEM POR ISSO VINDO A ASSUMIR UM MAIOR PROTAGONISMO, QUE O TRANSFORMA NUMA NOVA MATÉRIA PRIMA DE VALOR INCALCULÁVEL. O QUE FAZ COM QUE, EM ALGUNS DOS SECTORES OU ENTIDADES TECNOLOGICAMENTE MAIS AVANÇADOS OU COM MAIOR DINÂMICA DE INOVAÇÃO, OS ACTIVOS FÍSICOS HÁ MUITO TENHAM DEIXADO DE SER OS MAIS IMPORTANTES (O VALOR DE UMA EMPRESA COMO A MICROSOFT, POR EXEMPLO, SERIA MUITÍSSIMO MENOR SE FOSSE CALCULADO COM OS CRITÉRIOS DE HÁ 20 ANOS).

Os activos imateriais passaram pois a assumir uma importância sem precedentes. E quais as consequências desta realidade? São muitas, mas realço uma que será absolutamente determinante para o futuro de todos os trabalhadores e do país: o novo papel da formação profissional.

Se o conhecimento se desvaloriza mais depressa, então o conhecimento adquirido nas escolas e nas universidades passa a “durar” menos tempo. E só há uma alternativa: continuar a aprender, a aprender sempre. E, portanto, a formação profissional passará a ter não apenas uma «maior» importância, mas uma importância «nova». Porque se até há alguns anos ela era «aconselhável», agora passa a ser «insubstituível».

Nenhum trabalhador, nenhum quadro ou nenhuma entidade empregadora se poderão dar ao luxo de continuar a tratar a formação profissional como esta tem sido tratada até aqui. Os trabalhadores, os quadros, não podem continuar a limitar-se a «pedir» a formação profissional: têm que a «exigir», porque ela é um dos seus direitos. Os empregadores não podem continuar a oferecê-la como uma «prenda» aos que se “portam” bem: têm que a entender como «um investimento» na capacidade de fazer mais, melhor, com inovação e de forma mais sustentada.

As universidades e as escolas têm desempenhado até hoje um papel decisivo no aumento do saber, mas têm

que passar a partilhá-lo cada vez mais com a formação profissional. As experiências dos Laboratórios do Estado, dos projectos de investigação associados a doutoramentos, mestrados e pós-graduações, e ainda das instituições que promovem o enlace entre o mundo empresarial e os organismos especializados de I&D, devem ser convenientemente estudadas e reavaliadas. Tal como deverá ser reavaliada a

... A formação profissional passará a ter não apenas uma «maior» importância, mas uma importância «nova». Porque se até há alguns anos ela era «aconselhável», agora passa a ser «insubstituível».

natureza dos conteúdos e dos saberes que devem ser ministrados nas escolas e universidades, num quadro novo em que se transferem para a formação profissional responsabilidades que tradicionalmente competiam à educação.

Colocam-se portanto novos problemas ao ensino. E os seus agentes, com os sindicatos dos professores à cabeça, têm que agarrar este novo desafio com decisão. Já «não basta transmitir conhecimentos», é necessário começar a «consolidar novas atitudes» nos alunos. Já não basta ensinar bem o «saber» e o «saber fazer» para a

vida activa, é necessário reforçar muito a capacidade de «saber aprender».

São questões sobre as quais se tem produzido muita reflexão crítica. Mas, quase sempre, quando se fala no novo lugar ocupado pela formação profissional, menciona-se a necessidade de uma nova relação «universidades»/empresas/instituições. Agora, será necessária uma nova relação «escola»/empresas/instituições.

Não há ainda muitas certezas acerca disto, mas podemos formular já questões concretas para as quais é necessário encontrar novas respostas:

- como aumentar e estimular a capacidade de auto-aprendizagem?
- como estimular a curiosidade e aumentar a capacidade de criação e inovação?
- como aumentar a capacidade de conceptualização dos alunos e desenvolver as suas capacidades de raciocínio abstracto, sem deixar de lado o domínio das coisas concretas onde esse raciocínio se exercita?
- como reforçar de uma forma colossal os métodos do ensino prático, para que as coisas simples sejam verdadeiramente simples de aprender?
- como estabelecer entre os alunos e a escola uma «relação para a vida» e não apenas uma «relação de passagem» entre a infância e a vida profissional?
- como aumentar os estímulos positivos aos alunos em vez de lhes transmitir predominantemente estímulos nega-

tivos? (um estímulo negativo – «o medo de chumbar» - pode resolver o problema de um exame, mas só um estímulo positivo – «o desejo de conhecer» - resolverá o problema do conhecimento)

- como entrelaçar mais a escola com o mundo exterior, para que possa dar e receber a informação indispensável à construção dos novos caminhos?
- como aumentar a estabilidade dos alunos enquanto seres disponíveis para a aprendizagem?
- e, finalmente, como garantir estabilidade e todas as condições acima mencionadas para os professores, sem dúvida os principais agentes do ensino, sem os quais nada se fará de forma sustentada?

São apenas perguntas. Mas, para encontrarmos respostas para os novos problemas é necessário, antes de mais, que sejamos capazes de formular adequadamente as perguntas que ainda não têm uma resposta completa. E estas são algumas das perguntas a que precisamos de responder com urgência. Não serão novas, talvez, mas todas elas começam a exigir respostas de um novo tipo. Respostas que temos que continuar a procurar. Só assim conseguiremos encontrar a via para um ensino novo que estimule a criatividade, a inovação, o desenvolvimento do conhecimento. Para que este país, os professores, os alunos, todos nós, possamos olhar o futuro com confiança.

IMPASSES e desafios

Agostinho Santos Silva
Engenheiro Mecânico, CTT, Lisboa

Dicionário politicamente incorrecto

Cultura

Não há mulheres e homens cultos. Há mulheres e homens que se cultivam.

Desinvestimento

O desinvestimento dos professores está relacionado com a falta de perspectivas profissionais. É urgente definir, agora, com clareza quais as funções dos professores na escola.

É necessário que sejam claros os objectivos da escola e do ensino.

É indispensável que se clarifique o que pertence à escola e o que lhe não pertence.

Os professores voltarão a investir quando forem claros e consensuais os novos objectivos profissionais.

A discussão, no seio dos professo-

res, sobre os objectivos profissionais, é a discussão mais premente nos dias que correm.

Não se deve permitir que se generalize a ideia de que os professores são criados para todo o serviço.

Globalização

A globalização que nos aproxima de uma realidade do tipo: todos somos cidadãos do mundo, interessa. A que defende: todos somos clientes do supermercado mundial, não interessa.

Igualdade

«Todos diferentes, todos iguais». A igualdade constrói-se no respeito pela diferença e não pela uniformização.

Igualdade não é comerem todos do

mesmo bolo, é cada um poder escolher o bolo que quer comer.

No ensino básico a igualdade não se garante pela obrigatoriedade de todos os alunos aprenderem as mesmas disciplinas. A igualdade garante-se quando os alunos, de acordo com a sua cultura, características e interesses, puderem escolher as disciplinas nas quais acreditam poder ter sucesso.

Nova classe média

A nova classe média portuguesa está a desenvolver-se tendo como modelos de comportamento não pessoas ou personagens tiradas da literatura ou do cinema, mas estereótipos divulgados pelas televisões.

A televisão define os comportamen-

tos, os gostos e a linguagem a assumir.

As televisões ensinam como se comportar, que valores apresentar, como vestir, que comer, como falar, que dizer, que expressões usar, o que comprar, etc.

O sentimento de pertença a um grupo é também mediatizado.

A televisão faz a agenda da nova classe média portuguesa.

Esta é uma questão geracional. É provável que as próximas gerações ponham estes comportamentos simplórios em causa.

Zangados

Mais do que zangados muitos professores andam aborrecidos. Quem anda zangado actua. Quem anda aborrecido encolhe os ombros e deixa andar.

NÓS e os outros

José Paulo Serralheiro



POR MAIS QUE SE ACEITE ALGUMA EVOLUÇÃO NAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MULHERES, É INEGÁVEL QUE O SEU ACESSO A POSIÇÕES DE LIDERANÇA/PODER A NÍVEL DAS INÚMERAS ORGANIZAÇÕES DE DIFERENTES DOMÍNIOS AINDA NÃO É UM FACTO E A POSSIBILIDADE DE EVOLUÇÃO NESSE SENTIDO POUCO SEGURA. COMO PODEMOS CONSIDERAR A EXISTÊNCIA DE IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES SE NOS NÍVEIS DAS TOMADAS DE DECISÃO ELAS NÃO ESTÃO PRESENTES?

Apesar das mulheres representarem cerca de 40% da população activa no mundo ocidental, elas continuam a ser uma minoria nas posições de gestão, sendo praticamente invisíveis na gestão de topo. Depois de décadas de lutas feministas, infelizmente ainda nos questionamos: para quando as mulheres em posições de poder e nas tomadas de decisão?

Porque é que ainda existe um fosso entre a proporção de mulheres com treino e formação profissional adequadas e aquelas que poderão vir a atingir posições de proeminência nas organizações?

Porque é ainda tão raro encontrar mulheres em altos cargos associados ao poder político ou ao mundo dos negócios? Porque é que aceder a postos de alto nível é muito mais fácil para os homens do que para as mulheres, mesmo quando eles estão menos bem preparados que elas?

Porque será que o número de mulheres decresce progressivamente conforme se ascende aos mais altos níveis da hierarquia? Se os níveis mais baixos dos postos de direcção começam a tornar-se “neutros”, porque não os mais altos? Estes continuam “masculinizados”, e por isso fora do alcance das mulheres. Porque será que estando concentradas nos níveis mais baixos da hierarquia da gestão tendem a supervisionar trabalhadoras do seu próprio sexo e o seu papel na decisão seja essencialmente fornecer informação para os homens agirem?

Porque é que os salários das mulheres são inferiores aos dos homens?

E porque é que as mulheres que conseguiram chegar a ocupar postos de liderança se encontram maioritariamente concentradas em sectores de actividade económica tradicionalmente femininos?



© fotodesign isto é

A existência de um “Tecto de Vidro” parece ser a resposta mais óbvia. Esse “glass ceiling” representa todas as barreiras invisíveis, mas poderosas que dificultam as carreiras das mulheres que pretendem aceder a postos de liderança.

A existência de um “Tecto de Vidro” parece ser a resposta mais óbvia. Esse “glass ceiling” representa todas as barreiras invisíveis, mas poderosas que dificultam as carreiras das mulheres que pretendem aceder a postos de liderança. Os estereótipos, as expectativas diferenciadas em função do sexo, as motivações (explicações caras aos psicólogos e psicólogas, mas infelizmente pouco

frutíferas em termos de capacidade de mudança), os constrangimentos familiares e os constrangimentos relacionados com as organizações de trabalho, onde se pode fazer sentir a discriminação formal (no que diz respeito às políticas da própria organização) e a discriminação informal (praticada pelos indivíduos, pares e superiores), surgem como as barreiras mais evidentes.

Lutar por um aumento do número de mulheres em posições de liderança pode passar por compreender e tentar alterar as barreiras atrás enunciadas ou mesmo argumentar da complementaridade dos sexos. No entanto, estas perspectivas e/ou argumentos trazem consigo análises simplistas e mesmo deduções perigosas. Por exemplo, o aumento de mulheres em posições de poder e liderança, em nome de características diferenciadoras das mulheres, atributos considerados como complementares (relativamente aos dos homens) e necessários às organizações, pode acarretar uma visão essencialista do género, que cimenta em vez de flexibilizar as possibilidades para os dois sexos.

É importante perspectivar a liderança (de homens e de mulheres) e a promoção de mais mulheres em lugares de tomada de decisão tendo presente noções importantes baseadas em pressupostos críticos face à cidadania sócio liberal e sugerir a construção de uma cidadania activa. O conceito de cidadania sócio-liberal toma os direitos como foco principal de atenção. Oferece uma perspectiva passiva e não activa de cidadania. Pretende garantir a cada cidadão direitos civis, políticos e sociais não considerando o grau em que esses mesmos cidadãos exercem os direitos. Por exemplo, a participação das mulheres na liderança não é sequer tomada em consideração e entendida como importante. Compete aos cidadãos decidirem como exercitam os seus direitos e se querem ou não exercê-los. O maior problema com as mulheres não tem necessariamente a ver com direitos mas sim com participação. É necessário pensar as tomadas de decisão e a liderança na perspectiva de uma ética de participação mais abrangente.

À LUPA

Conceição Nogueira
Universidade do Minho

solta

Metas do Milénio mais longe de serem alcançadas

Boa parte das “Metas do Milénio” - um ambicioso programa para o desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo estabelecido pelas Nações Unidas no início do novo século - corre o risco de não ser cumprida, de acordo com recentes relatórios do Banco Mundial (BM).

Esta instituição avalia entre 20 a 39 mil milhões de euros anuais a brecha no financiamento necessário para ajudar os países mais carentes a cumprir os objectivos propostos até ao ano de 2015, onde se inclui a universalização da escolaridade primária e a redução para metade do nú-

mero de pessoas que vivem com fome e na pobreza extrema. As oito Metas do Milénio fixadas pelas Nações Unidas compreendem também a igualdade de género na educação primária e secundária, a redução em dois terços da mortalidade infantil de crianças com menos de cinco anos de idade e em 75% a mortalidade maternal, o controlo e a redução da epidemia de Sida, a adopção de medidas de sustentabilidade ambiental e a criação de uma associação global para o desenvolvimento.

No ano 2000, calculava-se que cerca de 115 milhões de crianças

em idade escolar não frequentavam a escola nos países em desenvolvimento. Destes, 79 milhões nunca conheceram uma sala de aula, 64 milhões eram meninas e 42 milhões viviam na África sub-saariana.

Quanto aos restantes objectivos, os dados são desanimadores. Mais de 10,5 milhões de crianças morrem antes dos cinco anos - a maioria devido a doenças passíveis de prevenção - e a persistir a actual tendência os países da África sub-saariana levarão 100 anos para reduzir em dois terços as suas taxas de mortalidade infantil. Lembre-se que a cada minuto uma

mãe morre a dar à luz nos países em desenvolvimento, onde mil milhões de pessoas vivem sem acesso a água potável, 2,2 mil milhões sem instalações sanitárias e onde outros quatro mil milhões despejam a água usada directamente em rios ou em lagos.

A meta de suster o avanço do vírus da Sida parece estar também comprometido, já que no final de 2002 havia 39 milhões de adultos e 3 milhões de crianças com a doença e a tendência actual sugere que outros 45 milhões de pessoas serão infectadas até 2010.

Fonte: AFP



© fotodesign isto é

CONFUNDEM-SE HOJE SOB A DESIGNAÇÃO DE INTERCULTURALIDADE DUAS REALIDADES BEM DISTINTAS: A CAPACIDADE DE ESTABELECEER A PONTE ENTRE CULTURAS, QUER DENTRO DE SI, QUER NA RELAÇÃO COM O OUTRO; E AQUILO QUE, ERRADAMENTE, É TRAZIDO PARA DENTRO DA ESCOLA E QUE, POR VEZES, NÃO PASSA DE MERO FOLCLORE.

As práticas pedagógicas interculturais, que deveríamos antes chamar de multiculturais, assentam numa ideia de cultura, entendida como substância ou essência, e que foi sobretudo veiculada por alguns antropólogos culturalistas americanos, como Kroeber ou Ruth Benedict. Numa concepção dinâmica de cultura, são os indivíduos que entram em contacto. A cultura como entidade autónoma desaparece, e o homem cultural dá lugar ao sujeito activo, manipulador da cultura, explorando as incoerências culturais e conflitos sociais para estender ao máximo a sua margem de liberdade. Esta abordagem revela-se particularmente adequada para pensar a relações interculturais e as estratégias identitárias por parte de indivíduos em situação de aculturação. Pelo que se adivinha a sua utilidade na promoção de políticas educativas que tenham em conta a realidade cada vez mais heterogénea das nossas sociedades. Ao rejeitar uma concepção essencialista de cultura, e, em consequência, de identidade

cultural, e ao propôr a cultura e a identidade como processos dinâmicos que os indivíduos podem manipular, é igualmente posta de lado a concepção errada de que os problemas de integração dos filhos de minorias étnicas ou de imigrantes têm a ver com um alegado "mal-estar" identitário por viverem entre dois mundos e não pertencerem a nenhum. O que gera o mal-estar e

Não se pode pedir ao filho de um imigrante que interiorize um conjunto de valores que o estigmatizam

consequentes problemas de integração, e, como consequência disso, também os problemas de escolarização, não é a incapacidade para conviver com códigos culturais diferentes mas o estigma que recai sobre a pertença a um determinado grupo. Não se pode pedir ao filho de um imigrante que interiorize um con-



junto de valores que o estigmatizam. Há uma dimensão ontológica que ele irá privilegiar em termos identitários para escapar à estigmatização. O apelo das raízes e das tradições, isto é, a identificação étnica, surge como fuga à identificação negativa imposta pelo grupo maioritário. Quando a escola, em nome do respeito pela diferença, embarca neste discurso que conduz à "guetização", contribui para perpetuar as desigualdades. Como diz Louis Dumont, não se pode invocar a diferença sem invocar a hierarquia.

As dificuldades que as sociedades ocidentais têm na gestão des-

tes problemas ganham de vez

em quando grande visibilidade, como tivemos oportunidade de constatar a propósito da menina muçulmana impedida de usar o «chador» numa escola pública francesa, e, mais recentemente, em Espanha. Neste episódio, emerge com particular acuidade, a dificuldade de um Estado-Nação, nascido do ideal iluminista e da modernidade, em lidar com as pretensões de grupos que reclamam o direito a uma diferença assente numa lógica não moderna, – a legitimidade comunitária contra os direitos individuais.

E AGORA professor?
José Trindade
jmtrindade@esel.iplleiria.pt
Escola Superior de Educação de Leiria

Limitações à liberdade crescem nos Estados Unidos da América

As escolas americanas estão a procurar evitar o debate sobre a guerra no Iraque, alegando receios de "doutrinação" dos alunos e a possibilidade de queixas apresentadas pelos pais.

Os que ousam levantar o debate correm riscos, como é o caso de dois professores de um liceu de Albuquerque, no Novo México, suspensos temporariamente por se terem recusado a retirar os desenhos dos alunos alusivos à guerra colocados nas paredes da sala de aula. De acordo com o porta-voz das autoridades educativas daquele estado, Allen Cooper e Geoffrey Barrett, professores de Inglês e de História, respectivamente, não respeitaram as regras estipuladas pelo governo estadual, que permitem a existência de cartazes ou desenhos apenas no caso de a matéria estar de alguma forma relacionada com o assunto discutido. "Debater a guerra é profissionalmente desadequado se não pudermos estabelecer um paralelo com a matéria que é

ensinada", adianta o vice-director deste estabelecimento, Dennis White.

Entre os professores, há quem lamenta esta forma de auto-censura. "Os responsáveis educativos deveriam ser favoráveis ao debate livre sobre a guerra", diz um especialista no desenvolvimento das crianças e questões ligadas à violência juvenil, James Garbarino, professor na Universidade Cornell, em Nova Iorque. "Os miúdos mais velhos têm dificuldade em compreender porque razão os adultos lhes dizem que devem resolver os conflitos de forma não violenta e depois se mostram a favor de uma guerra, mesmo que ela seja apresentada como preventiva", conclui Garbarino.

Entretanto, enquanto se acentuam estas limitações às liberdades de expressão nas escolas, está em desenvolvimento o «Sistema de Prevenção e Informação Contra o Terrorismo» (TIPS). Este sistema faz de milhões de americanos

confidentes do governo. Carteiros, electricistas, camionistas, cantoneiros, foram convidados a converterem-se em informadores da polícia e do governo. O governo fornece a estas pessoas um número de telefone para comunicarem comportamentos que considerem suspeitos.

Várias organizações americanas de direitos civis consideram estas práticas de denuncia como um ultraje contra a intimidade dos indivíduos: «que um canalizador informe o governo sobre algo que considera suspeito é, na prática, uma violação domiciliária sem permissão judicial», dizem. Para este plano de denúncias o governo procura atrair todas as profissões que se exerçam em casas privadas, como sejam antenistas, empregados do gás e da água, mensageiros, etc.

Através do «USA Patriotic Act», outro instrumento limitador das liberdades, aprovado em 26 de outubro de 2001, estão a ser levadas a cabo várias acções

de limitação das liberdades e de vigilância sobre os cidadãos. Uma norma desta lei, permite ao FBI exigir a bibliotecários e livreiros que indiquem que livros leram ou compraram determinados cidadãos sob suspeita. A mesma norma proíbe os bibliotecários e livreiros de revelarem, seja a quem for, as exigências dos registos apresentadas pela polícia.

Os estrangeiros, particularmente os que têm nomes árabes, estão sobre apertada vigilância. Numa carta recente, enviada a todas as universidades, o FBI pede que lhe enviem os nomes, moradas, números de telefone, informação de cidadania, local e data de nascimento, contactos no estrangeiro de todos os estudantes e professores que não forem americanos. A propósito das perseguições, numa declaração à CNN, o advogado Kevin Ernest, afirmava recentemente: «hoje, no nosso país, até prenderiam uma cebola se ela tivesse nome árabe».

CARTAS na mesa
José Paulo Serralheiro

verso e reverso



APÓS MAIS DE 100 ANOS DE VYGOTSKY, PIAGET E FREINET, RELATAREI A EXPERIÊNCIA NASCIDA DA MESMA INQUIETUDE QUE ELES DEMONSTRARAM TER DIANTE DAS ADVERSIDADES NO CAMPO DO CONHECIMENTO. FREINET, EM PARTICULAR, INCENTIVOU O CONVÍVIO DA ESCOLA COM A BIBLIOTECA, IDEALIZANDO-A COMO CENTRO DE CULTURA ORGANIZADO EM CANTOS DE LEITURA, DE DOCUMENTAÇÃO, DE IMPRESSORA, DE MATERIAL AUDIOVISUAL, DE EXPOSIÇÃO, DE ESCRITÓRIO, DE REUNIÕES... UMA BIBLIOTECA E TANTO!

Se não é possível realizar o idealizado, a alquimia do «querer-fazer» e a magia da força de vontade tornam viável a construção do pedacinho do sonho ou, aqui pelo menos, a construção do “cantinho do canto da leitura”, no qual, mesmo estando no mais adverso dos “solos”, veremos nascer os frutos desta árvore tornada livro, tornada barco!

A Escola Municipal Pedro Soa-

realizar uma viagem que só terminará às 8:10 em Provetá, ou seja, um pouco mais de 3 horas de viagem pela Baía da Ilha Grande.

Do outro lado da baía, os alunos das praias anteriores à de Provetá se encaminham para os cais, enquanto os que moram além, na Praia do Aventureiro, dão início a sua caminhada diária de 90 minutos até a escola.

O convívio no barco é enriquecido

la (por estarem comprometidos com o horário do barco) e a afeição com que folheavam durante a viagem os jornais, as revistas e os livros trazidos aleatoriamente pelos professores. Isto impulsionou Gladymar Ramin (Inglês), Jorge L. Ferreira (Ciências), Marco A. da Silva (Língua Portuguesa) e eu (Língua Portuguesa) para a criação de algo sistemático.

Decidimos minimizar a dificuldade

Programas de Incentivo à Leitura entre jovens e crianças de todo o Brasil», promovido pelo Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER, pela Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil – FNLIJ e pela Fundação Biblioteca Nacional – FBN. O prêmio foi entregue pela escritora Ana Maria Machado, que tornou-se madrinha do Projeto e prometeu doar-lhe a sua obra completa.



© fotodesign isto é

Decidimos minimizar a dificuldade de acesso à leitura e incentivar a existência do aluno-leitor criando uma biblioteca no meio de transporte marítimo (...) aos 2/12/94, nascia a «Biblioteca do Barco e seu Convés de Leitura: Espumas Flutuantes», em homenagem ao poeta Castro Alves

res, em Provetá, Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil, resguarda em seu cotidiano um perfil atípico em relação às do continente. Por estar na Ilha, voltada para o mar aberto, lida com a constante adversidade climática. Atende os alunos da C.A. a 8ª série de Provetá como também os de 9 praias vizinhas. O seu corpo docente também é atípico: se mobiliza de diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro, desde o dia anterior, para estar às 5:00 no Cais de Santa Luzia, a fim de embarcar no “Irmãos Unidos II” - barco alugado pela Prefeitura - e

pelas situações apresentadas: tirar dúvidas escolares; esclarecer um ponto da matéria; entregar uma tarefa não terminada em sala ou fazer questionamentos espontâneos possibilitados pela própria viagem, e, sobretudo, pela troca de experiências entre professores, alunos e tripulantes.

O caráter atípico e a diversidade de clientela numa mesma escola nos revelaram a carência de informações em todos os níveis - cultural, científico e literário. E dois fatos se fizeram notar: a ausência de tempo para que os alunos das praias vizinhas pudessem frequentar a biblioteca da esco-

de de acesso à leitura e incentivar a existência do aluno-leitor criando uma biblioteca no meio de transporte marítimo onde as crianças, de acordo com a localização de sua praia de origem, passam de 2 a 4 horas por dia letivo. Divulgamos esta intenção durante 2 dias e recebemos 24 títulos. O pontapé inicial havia sido dado e, aos 2/12/94, nascia a «Biblioteca do Barco e seu Convés de Leitura: Espumas Flutuantes», em homenagem ao poeta Castro Alves.

Seu acervo foi ampliado por mais doações e pela premiação do 3º lugar no II Concurso «Os Melhores

A «Biblioteca Espumas Flutuantes» atualmente possui 1035 títulos, de todos os gêneros literários, além de gibiteca e brinquedoteca humildes.

A importância desta experiência de 8 anos de existência se fundamenta na consciência de não poder deixá-la escapar por entre os dedos feito a água que banha, presenteia e isola a Ilha Grande do continente. Assim, quando o vento sopra ameno nos cabelos do ilhéu-leitor, ele pode viajar tranquilo pelo mar da imaginação nesse barquinho de papel chamado livro!

AFINAL onde está a escola?

Virgínia de Oliveira Silva
Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil

Brasil quer castelhano como segunda língua

O ministro da Educação brasileiro, Cristovam Buarque, quer tornar o castelhano na segunda língua do ensino oficial daquele país. Para concretizar esta medida, Buarque espera poder recuperar um projecto de lei sobre o ensino do castelhano, arquivado na legislatura de Fernando Henrique Cardoso, que preconizava

a existência da língua de Cervantes nas escolas do ensino médio (ensino básico obrigatório) como uma disciplina opcional. No entanto, Buarque depara-se com um problema para fazer avançar este projecto: a falta de professores especializados e os escassos recursos do ministério.

Mas nem esta contrariedade pa-

rece demover a vontade do ministro. "Queremos que o ensino do espanhol seja implantado em 2006", assegurou na véspera de uma viagem a Espanha, onde se iria reunir com o presidente da Xunta da Galicia, Manuel Fraga Iribarne, e a ministra da Educação do governo central, Pilar del Castillo. A reunião com a sua ho-

móloga espanhola, garantiu, teria como único objectivo "comentar" o projecto e não servir como meio de angariar verbas. "Teremos de saber fazê-lo com os nossos próprios recursos", afirmou a esse propósito.

solta

Fonte: AFP

Uma conversa que não se acaba.

ESTE TEXTO TRATA DE MEMÓRIA, TECNOLOGIA, TRADIÇÃO, MODERNIDADE, NUM PROJETO QUE ACONTECE NA ARTICULAÇÃO DESTES ELEMENTOS A PARTIR DE UMA DAS MANIFESTAÇÕES MAIS EXPRESSIVAS DA CULTURA DO RIO DE JANEIRO: O SAMBA. COM SUAS HISTÓRIAS, TECIDAS COTIDIANAMENTE PELOS SEUS AMANTES, COMPOSITORES, INTÉRPRETES E A MULTIDÃO QUE SE RECONHECE E SE ENCONTRA NOS ESPAÇOS, SEJAM ELES CONCRETOS DAS RODAS DE SAMBA OU SIMBÓLICOS DA CANÇÃO, DA DANÇA E DOS INÚMEROS RITUAIS ONDE ESSA GENTE RECUPERA, TRANSFORMA E ALIMENTA ESSA COMPLEXA TRAMA DAS NOSSAS IDENTIDADES.

verso e reverso

O samba e seus operários

“O samba agoniza, mas não morre”.
Nelson Sargento.

O samba sempre pressupôs um circuito de trocas bastante intenso, desde a famosa casa da Tia Ciata, passando pelos botequins, pelas rodas-de-samba nos morros e subúrbios, pelos piqueniques em Paquetá, pelas festas da Penha e da Glória, pelo pagode no próprio trem da Central – estratégia utilizada por Paulo da Portela para fugir da repressão policial. Diferentemente de outras manifestações musicais, o samba envolve um longo processo de socialização, o estabelecimento de uma rede de relacionamentos pessoais, o partilhar de uma memória comum, com tradições e “culto” aos ancestrais. É um processo interminável, em permanente elaboração, de re-construção de uma memória negra e popular (Alvito, 2000).

E são os compositores, vitais na consolidação deste patrimônio nacional, são os “fundadores”, depositários dessa herança cultural. Mantêm as escolas de samba, registram com sua arte as histórias da nossa gente.

A intenção do Puxando Conversa é usar a linguagem audiovisual – o vídeo e a projeção de imagens no telão – para mediar o encontro de compositores de samba, suas histórias, suas composições com a memória dos parceiros e dos que, de alguma maneira, habitam/transitam o mesmo território do samba.

Os “encontros” mostram as formas como estas pessoas estabelecem suas maneiras cotidianas de estar no mundo, de viver a solidariedade, as contradições, a moral, os processos de socialização. Os “golpes”, as “malandragens”. A dura realidade desta gente e as maneiras que encontram para sobreviver, tanto econômica e financeiramente quanto emocionalmente. Como reagem, na presença de um «sofrimento satisfatório», que no dizer de Romildo, (compositor), «não é aquele sofrimento pesado, é um sofrimento mais leve, mais maleável, aquele que você ta passando, mas diz, não tem nada não, vou dar a volta por cima» (1998). Conseguem driblar a dor encontrando um parceiro e fazendo um

samba: «o meu cantar foi a maneira que eu achei, pra não guardar, o pranto que eu não chorei(1)».

São conhecimentos para além daqueles consagrados à cultura letrada, que não estão somente naquilo que é dito ou no óbvio do que parece explícito, mas, nas sutilezas dos desvios, das «táticas de praticantes», (1994) que, para Certeau, são as maneiras que o «homem ordinário» encontra para burlar, negociar, o que se supõe “destinado” a ele e só lhe cabe obedecer. Estes conhecimentos podem se revelar nas malandragens do corpo, do ritmo, enfim de uma cultura popular negra que teve/tem que constantemente afirmar-se no mundo dos brancos.

Quantos compositores, quantas pessoas que se juntam para testemunhar: Catoni (1998), com um registro vocal impressionante, mantendo vivos elementos da cultura negra, como o agradecimento aos sintomas de estar vivo e de que «deve haver alguém impulsionando tudo», por isso ele nos lembrava que era preciso agradecer: «já que dormimos dentro da noite, por que pela manhã não agradecemos, por ter usado uma noite?»

E poderíamos chamar para a roda, muitos outros, como Luiz Grande, um ex-motorista de táxi e sua

originalíssima maneira de compor de dividir os versos evidenciando de forma magistral a sincopa, naquilo que ela exige da presença do corpo, que faz parte do samba, já que o samba não se conforma em ser apenas cantado, tem que ser vivido com o corpo todo. Se a sincopa é a batida que falta, ou seja, «a ausência no compasso de marcação de um tempo (fraco) que, no entanto repercute noutro mais forte» como diz Sodré (1998), a sincopa, «atua incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança. É o corpo que também falta – no apelo da sincopa. Sua força magnética, compulsiva mesmo, vem do impulso (provocado pelo vazio rítmico) de se completar a ausência do tempo com a dinâmica do movimento no espaço» (p. 11).

Assim, as coisas que transitam no samba, não são apenas da ordem da racionalidade, ou pelo menos, de uma racionalidade já consagrada como alguma coisa relacionada aos meios científicos. Às vezes, entender o samba, se o consideramos apenas como um estilo musical ou a partir dos sucessos da indústria fonográfica e dos desfiles das escolas de samba é reduzi-lo a um produto da indústria cultural. Ele

nos fala de uma cultura negra que preza o acolhimento, a corporalidade, a oralidade, o olho-no-olho. Ele nos remete ao comando de Êsù (2), o verdadeiro dono do corpo, da comunicação e princípio do movimento. Aí, como diz a letra de um samba de exaltação à Mangueira, temos que considerar que «a vida não é só isso que se vê».

- (1) Rio seco, composição de Romildo e Toninho Nascimento.
(2) Exu, como é comumente conhecido.

Referências bibliográficas:

- Alvito, Marcos. Puxando Conversa. In FILÉ, Valter. Batuques, fragmentações e fluxos. Rio de Janeiro : DP&A Editora, 2000:113/128.
CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.
SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro : Mauad, 1998.
Vídeos do Puxando Conversa:
- Histórias – fios desencapados, com Luiz Grande, Barbeirinho do Jacarezinho e Marcos Diniz. Produção TV Maxambomba, realização Cecip, RJ, 1998.
- Cheio de Cantigas – Romildo. Produção TV Maxambomba, realização Cecip, RJ, 1998.
- Muitos enredos, várias alegorias, com Dedé da Portela e Norival Reis. Produção TV Maxambomba, realização Cecip, RJ, 1998.
- Um velho chamado Catoni, com Catoni. Produção TV Maxambomba, realização Cecip, RJ, 1998.

FORA da escola também se aprende

Valter Filé
valterfile@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil
Grupo de pesquisas “Redes de saberes em educação e comunicação: questão de cidadania”

Estados Unidos comercializam novo sistema educativo iraquiano

Os Estados Unidos querem instaurar no Iraque um sistema educativo livre da “retórica” imposta por Saddam Hussein e substituí-lo por um sistema de mercado. Antes mesmo do início da invasão, a Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional lançou uma espécie de

concurso público para a reformulação do sistema educativo daquele país e encontra-se agora a analisar as propostas. Este contrato, que rondará os 65 milhões de euros, inclui a formação de professores, a publicação de novos manuais educativos, quadros, cadernos e outro

material escolar. “Lançamos o concurso em Fevereiro, mas ainda estamos a analisar as propostas. Será um contrato muito parecido com o que foi aplicado no Afeganistão”, declarou o porta-voz da agência, Harry Edwards. A empresa que vencer o contrato proposto pela agência

americana deverá garantir o envio do material escolar a todas regiões do Iraque, cobrindo cerca de 4,2 milhões de crianças em 25 mil escolas, antes do início do próximo ano lectivo, que, porém, ainda não tem uma data definida para o seu arranque.

Fonte: AFP

solta



© foto design isto é

A LURDES É QUE OS ARRANJARA. NÃO SABÍAMOS COMO ELA OS TINHA CONSEGUIDO.
ANUNCIARA NA ÚLTIMA REUNIÃO QUE SE ESTIVÉSSEMOS INTERESSADOS
EM TER BICHOS-DA-SEDA NAS NOSSAS SALAS, ALGUÉM LHOS DARIA.



Um Outono

breve e súbito

A chegada dos bichos-da-seda foi assim mais uma daquelas surpresas com que, por vezes, tentávamos cativar os nossos alunos.

Há já há uns meses que trabalhávamos juntos. De estranhos passáramos rapidamente a cúmplices, fruto das agruras do quotidiano que tínhamos começado a partilhar por obra e graça de um concurso tão cego quanto surdo. Tornáramo-nos, assim, herdeiros de uma escola mal afamada, onde as pessoas que nos recebiam eram aquelas que tinham sido aí colocadas antes de nós. Do ano anterior permaneciam, somente, as duas auxiliares de acção educativa, o inventário ratado e a sala incendiada que, logo na entrada, não augurava nada de bom. As informações escasseavam na justa proporção dos boatos que se amontoavam. Quem eram os outros que se sentavam à volta daquela mesa? De onde vinham? O panorama não era dos mais animadores. Um dia alguém perguntou se estávamos interessados em pegar aquele touro pelos cornos ou se preferíamos optar, antes, pela estratégia

silenciosa do atestado médico anónimo e discreto. Entre a militância de alguns, a resignação de uns tantos e o aguenta-te à bronca dos restantes decidimos fazer-nos à vida e tentar a sorte. Foi assim que tudo começou. Aprendemos a enfrentar, como nossos, alguns dos problemas dos outros. Começamos a construir pequenos projectos em comum. Os dias não se tinham tornado mais fáceis, mas a Câmara prometera reconstruir a sala e os olhares de soslaio dos habitantes do bairro foram-se tornando um pouco mais afáveis.

A chegada dos bichos-da-seda foi assim mais uma daquelas surpresas com que, por vezes, tentávamos cativar os nossos alunos.

Ó professor, o que é que comem os bichos?

Folhas de amoreira.

O Picas trouxera algumas, mas a bicharada, por qualquer razão, não as comera. Acontecera isso em to-

das as salas. Porquê? Ninguém sabia responder. Procurou-se numa enciclopédia, inquiriu-se em tudo o que era sítio e as respostas eram sempre as mesmas. Folhas de amoreira.

Ó Lurdes, já perguntaste na Sociedade Protectora dos Animais?

E os bichinhos tantos dias sem comer, ó professora...

O que é que podíamos fazer? A resposta acabou por aparecer. Por acaso. Surgiu num telefonema onde o drama dos bichos-da-seda foi falado. Onde é que vocês vão buscar as folhas de amoreira? Finalmente, alguém tinha feito a pergunta certa. A pergunta que levou o Mocho, o Pedras e o Cardinal a subir às amoreiras de Marechal Gomes da Costa e a transformar aquela manhã primaveril num momento outonal, súbito e breve, com o chão inundado por aquelas folhas preciosas que durante alguns dias confundíramos com a folhagem das amoras silves-

tres que tínhamos andado a desbastar num morro junto da escola.

Os bichos-da-seda salvaram-se. Vimo-los construir os seus casulos. Esperamos pacientemente pelas borboletas. Houve quem fizesse observações diárias e as registasse. Houve quem aproveitasse para lançar projectos de pesquisa vários sobre a vida animal. Houve quem nada fizesse, deixando os miúdos usufruir, conforme lhes aproovesse, da companhia daqueles pequenos seres que lhes entraram, um dia, pela porta dentro. Houve também quem nada fizesse por não saber o que podia fazer ou até por não o querer fazer. Aquela escola era, afinal, uma escola. Não era um paraíso, apesar de por lá haver alguns anjos bardinhas que um dia voaram em contravenção sobre as árvores sumptuosas de uma avenida da cidade, em nome de uma preocupação inesperada com uns quantos bichos-da-seda. Rasteiros e feios.

DISCURSO directo

Ariana Cosme

Rui Trindade

trindade@psi.pt

Universidade do Porto

Conflito no Iraque mergulha Médio Oriente na incerteza económica

O conflito no Iraque vai deixar a região do Médio Oriente na incerteza sobre a recuperação das suas economias, de acordo com especialistas do Banco Mundial (BM). No caso do Iraque a incerteza é ainda maior, já que nem o BM nem o Fundo Monetário Internacional (FMI) conhecem com exactidão a realidade económica daquele país. O BM tem feito diligências junto dos membros das Nações Unidas para que votem favoravelmente um mandato explícito para o rápido envio de missões ao Iraque no sentido de avaliar as ne-

cessidades de reconstrução do país. De acordo com Jean-Louis Sarbib, vice-presidente do BM encarregado do Médio Oriente e Norte da África, haverá quatro grandes desafios para a região a médio e longo prazo: o aumento do emprego, o acesso à educação, a melhoria da gestão da água e o reforço do papel das mulheres na sociedade, já que a sua participação na actividade económica é actualmente "a menor do mundo", refere. Em relação aos vizinhos do Iraque, já de si duramente atingidos economicamente ao longo dos preparati-

vos para a guerra - com o petróleo mais caro e uma redução drástica das verbas provenientes do turismo - o futuro próximo deverá tornar a situação ainda mais sombria. "A Jordânia será o país mais afectado, mas Egipto, Marrocos e Tunísia não terão uma vida mais fácil", revela o economista-chefe do BM na região, Mustapha Nabli.

Antes do início das hostilidades, a Jordânia, o país que maiores relações comerciais mantinha com o Iraque, esperava um crescimento da economia de 5% a 6% em 2003.

"Agora, o crescimento poderá ser nulo e até negativo, segundo alguns cenários", refere Nabli. No Egipto, o sector turístico foi o mais atingido, seguido pelo dos transportes, em especial no que diz respeito ao tráfego do Canal de Suez, e o do comércio. De acordo com o BM, o impacto da guerra no Iraque deverá custar ao Egipto entre 1,5% e 2% do seu Produto Interno Bruto (PIB) e cerca de 1,5 mil milhões de euros da sua balança de pagamentos.

Fonte: AFP

solta

DE ACORDO COM O “REGIME DE AUTONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DOS ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO, BEM COMO DOS RESPECTIVOS AGRUPAMENTOS”, APROVADO PELO DECRETO-LEI N.º 115-A/98, DE 4 DE MAIO, OS ÓRGÃOS ESCOLARES PODERÃO TOMAR A INICIATIVA DE PROPOR À ADMINISTRAÇÃO A “CELEBRAÇÃO DE CONTRATOS DE AUTONOMIA”, OS QUAIS SERÃO NEGOCIADOS COM OS SERVIÇOS DESCONCENTRADOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. A ASSINATURA DE UM PRIMEIRO CONTRATO CONFERIRÁ ÀS ESCOLAS A POSSIBILIDADE DE EXERCER UMA AUTONOMIA DE NÍVEL 1, APÓS O QUE, NA SEQUÊNCIA DE UMA AVALIAÇÃO POSITIVA, PODERÁ HAVER LUGAR À TRANSFERÊNCIA DE MAIS COMPETÊNCIAS PARA A ESCOLA.

Curiosamente, durante a vigência do Governo do Partido Socialista, a quem coube a aprovação do acima referido normativo, não foi assinado um único “contrato de autonomia”, nem sequer de 1ª fase.

Isto significa que o “novo regime”, no essencial, apenas produziu mudanças de carácter morfológico, alterando as designações e a composição de diversos órgãos escolares, mas deixando incólume as prerrogativas do poder central ou, nalguns casos, permitindo mesmo a sua recentralização. Na ausência de uma efectiva política de descentralização orientada para uma governação mais democrática do sistema educativo e das escolas, volta a revelar-se impossível o “reforço da autonomia” dos estabelecimentos, a concepção e aprovação de “planos de desenvolvimento” e a execução de “projectos educativos” próprios de cada escola ou agrupamento. Neste domínio essencial à democratização dos poderes educativos e à autonomia da escola, o “novo regime” em pouco difere do “velho” modelo de gestão que vigorou entre 1976 e 1998; também ele havia já concedido certos poderes de execução às periferias (principalmente aos professores) mantendo a centralização do poder e o exclusivo da governação das escolas a partir de cima e de fora, isto é, através de órgãos de direcção exteriores às próprias escolas.

Se até agora não foi assinado qualquer “contrato”, figura considerada central pelo “novo regime”, então não pode deixar de se concluir que, do ponto de vista jurídico-formal, as escolas se encontram no grau zero da autonomia contratualizada. É que embora as escolas e os actores escolares gozem de margens de “autonomia relativa”, estas não são necessariamente sinónimos de autonomia legítima e democraticamente exercida, antes assumindo frequentemente o estatuto de “infidelidades” às normas ou de autonomias “clandestinas”, compatível com a reprodução de uma administração centralizada. Tal reprodução ficou clara quando as assembleias constituintes, após conceberem e aprovarem os respectivos regulamentos, os subordinaram à aprovação da Administração. As instâncias de controlo assumiram autoritariamente o papel de exegetas autorizados e de intérpretes legítimos do “novo regime”, devolvendo às escolas tudo aquilo que não coincidia com a sua visão, assim impondo e unifor-

Face aos actuais sinais de reconcentração do Ministério (...) não parece plausível uma ruptura com conceitos e práticas meramente instrumentais ou operacionais de “autonomia” (do género, sejam autónomos na busca criativa de melhores formas de execução das decisões centrais).

mizando soluções através de um processo que recusava, na prática, a mudança política da administração.

E é esta permanência de um controlo centralizado que, não obstante a retórica e as ambiguidades legais, impediu a Administração de assinar um único “contrato de autonomia”, embora tivesse chegado a produzir um projecto de “minuta de contrato”... Não são portanto os actores escolares que estão especialmente imprevistos para o exercício da autonomia; são sobretudo os actores políticos e administrativos centrais que

se manifestam imprevistos e resistentes face a cenários de descentralização.

Face aos actuais sinais de reconcentração do Ministério, acompanhada de alguma descentralização a nível municipal, assim podendo operar combinadamente como uma estratégia de tenaz que acentua o controlo sobre as escolas, não parece plausível uma ruptura com conceitos e práticas meramente instrumentais ou operacionais de “autonomia” (do género, sejam autónomos na busca criativa de melhores formas de execução das decisões centrais). Mas não será surpreendente que o actual Governo venha a recuperar e a reconceptualizar a ideia de “contra-



© fotodesign isto é

to de autonomia”, possivelmente já no quadro de um “novo modelo” de gestão que, de novo, foi anunciado; e que venha, efectivamente, a assinar tais contratos pela primeira vez.

À luz de uma “autonomia” apenas implementativa, a designação pode facilmente ser reconvertida, ou até mesmo preservada, mas para dar lugar à assinatura de “contratos de gestão” baseados na tão em moda “gestão por resultados”, defendida pelos paradigmas da “administração pública empresarial”.

LUGARES da educação

Licínio C. Lima

llima@iep.uminho.pt

Instituto de Educação

e Psicologia

da Univ. do Minho

Mãe condenada a prisão pelo absentismo escolar do filho

Uma mãe inglesa foi recentemente condenada a uma pena de seis semanas de prisão por não ter tomado medidas que pusessem termo ao absentismo escolar do filho mais novo. Os magistrados do tribunal de Peterborough, na região de Cambridge, condenaram Pauline Wheaton, 46 anos, a três semanas de reclusão, seguidas de outras três de liberdade condicional, alegando que

a encarregada de educação ignorou repetidamente os avisos enviados pelo tribunal e as tentativas da escola de convocar uma reunião que ajudasse a resolver o problema.

De acordo com as autoridades, chegou mesmo a ser proposto o pagamento do transporte escolar e a cedência de uma bicicleta para que Thomas Wheaton, de 16 anos, pudesse percorrer o trajecto de três quilóme-

tros que separa a casa da escola. O irmão de Thomas, de 19 anos, abandonou os estudos com a mesma idade.

O advogado da família explica que a sua cliente - desempregada e responsável única pelos dois jovens - sofre de uma doença cardíaca e que o filho mais novo tinha receio de deixar a mãe sozinha em casa. "Fizemos todos os esforços ao nosso alcance para ajudar esta família e

o processo judicial foi avançado como último recurso", referiu Martin Smith, responsável pelo serviço educativo da região de Cambridge.

Uma mãe de uma família de cinco crianças tinha já sido condenada a dois meses de prisão em Maio do ano passado pelo mesmo motivo, tendo permanecido catorze dias na prisão.

Fonte: AFP

solta



© fordesign isto é



1. A questão do conhecimento dos conteúdos a ensinar, na formação inicial de professores, tem sido tema de conversas – mas pouco debate – quando se compara aquela formação nas universidades e nas escolas superiores de educação. O secular estatuto científico e universitário daqueles saberes é indiscutível e tem um discurso coerente próprio. Do lado da formação integrada tem faltado um discurso e evidências que tornem publicamente reconhecido o seu real valor. E, em particular, o lugar do conhecimento científico na teia integradora dessa formação.

2. Ninguém coloca em questão a centralidade e a importância dos conhecimentos/conteúdos de ensino, na formação e no desempenho dos professores. Mas qual o impacto comparativo do desempenho de professores com diferentes formações na aprendizagem dos seus alunos? Quais os professores mais eficazes: os oriundos de formações iniciais integradas ou os detentores de formações científicas de base com etapas complementares de formação (na instituição ou em serviço) ou, ainda, com formas alternativas de certificação? Em Portugal, são praticamente inexistentes investigação e debate que permitam responder a estas questões. E, neste momento, parecem indispensáveis. Desde há duas décadas que se intensificou a confluência às escolas de professores oriundos de diferentes modelos de formação inicial e com configurações curriculares muito dispare, para além do fluxo de professores sem formação inicial. A crescente preocupação com o conhecimento dos professores é também consequência do impacto dos resultados de estudos internacionais de desempenho escolar, do movimento das provas de aferição e globais, dos *rankings* de escolas, da crescente mercantilização da educação escolar, etc.

3. Os diferentes modos de inserir a formação científica na preparação dos professores têm lógicas e defensores bem caracterizados. Por um lado, os que defendem que o domínio seguro dos conhecimentos a ensinar aos alunos – aliado ao gosto para o fazer – é, de longe, a componente determinante da eficácia do desempenho docente. Logo, é indispensável assegurar que o candidato a professor tenha um perfeito domínio dos conteúdos a ensinar. As competências educacionais são desenvolvidas, adicionalmente, na formação pedagógica complementar ou vão sendo adquiridas em serviço. Esta posição é muito comum nos sectores da opinião pública onde prevalece a representação do professor como aquele que sabe e que, sobretudo por isso, pode ensinar e espera-se que o faça. É isso que a generalidade das famílias das crianças/alunos espera. Mas esta é também a posição de muitos académicos universitários, dos defensores de formação inicial de professores bi-etápica e de processos alternativos de certificação docente.

No outro lado, na defesa de uma formação integrada, estão os que consideram que a qualidade do desempenho docentes assenta num conjunto complexo e integrado de competências que englobam, para além do domínio dos conteúdos a ensinar, a capacidade para pensar o processo de ensino-aprendizagem, o adequar à diversidade das situações e dos alunos, e a disposição para uma auto-formação ao longo da vida. Privilegiam a afirmação de uma profissionalidade docente estruturada na e a partir de uma unidade e coerência da formação inicial, feita de componentes integradas entre si.

4. A realização desta formação confronta-se com dificuldades próprias sem paralelo na formação orien-

tada para campos exclusivamente científicos. Desde logo, é forte a possibilidade de resistências internas à consolidação de uma lógica de projecto – agregadora da diversidade de intervenientes e componentes de formação em direcção à mesma finalidade – e da persistência de uma concepção essencialmente aditiva na elaboração dos currículos, com efeitos dispersivos na sua execução. Estes aspectos e outros que referi em texto anterior (Página, Junho 2002), aliados a uma excessiva ênfase na dimensão profissionalizante do curso, podem conduzir a um certo imperialismo da componente educacional, condicionando a realização da integração e o lugar dos conhecimentos na formação. Por isso, parece indispensável entender a componente educacional enquanto domínio de formação feita de fortes interactividades com todas as componentes e intervenientes na formação; com os conteúdos cujas aprendizagens facilita, com as respectivas metodologias específicas e práticas, na crescente diversidade dos contextos de ensino e dos sujeitos da aprendizagem. Por outro lado, no que se refere aos conhecimentos/conteúdos a ensinar, é imprescindível valorizar o potencial pedagógico que cada ciência encerra. Um bom domínio da respectiva área científica, dá aos diplomados maior espaço de escolha para ajustar os conteúdos e os processos de ensino aos alunos. Também os métodos próprios das diversas ciências são, em si próprios, processos de uso pedagógico. Cada vez mais, a necessidade de divulgar o saber científico, leva a procurar no contexto da própria ciência as melhores formas de o fazer (ex: os museus de ciência, de história natural, de antropologia, parques naturais, etc). E isto é pedagogia.

FORMAÇÃO e desempenho

Carlos Cardoso
carloscar@netcabo.pt
Escola Superior
de Educação de Lisboa

Supremo Tribunal dos Estados Unidos analisa sistema de quotas

O Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos começou recentemente a analisar o princípio da "discriminação positiva" para determinar a constitucionalidade da adopção de quotas raciais nos processos de admissão das universidades americanas. Os nove juizes deste tribunal deverão pronunciar-se sobre a matéria antes do final de Julho.

Esta cláusula, directamente relacionada com o movimento dos direi-

tos cívicos do final dos anos sessenta, gera polémica há 25 anos e foi motivo de uma queixa de três estudantes da Universidade de Michigan ao considerarem que foram discriminados pelo facto de serem brancos.

A Universidade de Michigan tem como política favorecer o acesso aos estudantes das minorias étnicas americanas, sobretudo negros, asiáticos e índios, com a intenção de garantir "a diversidade" do corpo discente. Os três jovens

alegam que as suas notas eram consideravelmente altas e garantiriam, à partida, a entrada naquela instituição de ensino.

Em meados de Janeiro, o presidente George W. Bush condenou publicamente a prática de favorecer os estudantes negros, afirmando que este sistema constitui uma discriminação contra os candidatos brancos. "Apoio firmemente a diversidade étnica, sobretudo no ensino superior, mas os métodos utilizados pela Universidade de Michigan para al-

cançar esses objectivos estão errados na sua essência", disse Bush durante um discurso na Casa Branca.

Milhares de pessoas manifestaram-se entretanto para dar o seu apoio à manutenção da política de quotas da Universidade de Michigan - defendida também pelo secretário de Estado Colin Powell - e pediram a todas as instituições universitárias do país que sigam o exemplo.

Fonte: AFP

solta

As relações entre Estados e a ordem política internacional devem reger-se por princípios e regras, asseguradas pelas organizações internacionais. Regras que não devem ser esquecidas e manipuladas ao sabor de conveniências dos Estados.

As leis são regras que permitem que coexistamos uns com os outros de acordo com os nossos direitos.

O direito internacional é o conjunto de regras que vincula os Estados civilizados nas suas relações uns com os outros. A ONU é a entidade responsável pelo cumprimento destas regras internacionais. O uso legítimo da força é exclusivo das Nações Unidas, salvo legítima defesa urgente. Só fazendo cumprir estas regras tem sido possível manter a paz no mundo.

No séc. XXI, a justiça é a peça fundamental para que o mundo funcione.

Já em 1956 nos dizia Foster Dulles:

“A Paz é uma moeda com duas faces: uma das quais é a abstenção do uso da força e a outra a criação de condições de justiça. Não podemos esperar que a longo prazo uma delas possa existir sem a outra”.

Não temos dúvidas em condenar o regime iraquiano, totalitário, autoritário. No entanto, o ataque dos EUA revolta-nos, é vergonhoso, unilateral e uma verdadeira ameaça à estabilidade internacional.

A via diplomática é a forma por excelência da resolução de conflitos. No séc. XXI quase nada justifica a guerra, atrever-me-ia mesmo a dizer que nada justifica a guerra. Para haver uma cultura de Paz tem de haver equilíbrios. Para que não haja o domínio da lei dos mais fortes (para que não haja “policías” do mundo) a União Europeia tem um papel relevante a desempenhar: liderando, propondo soluções, mediando conflitos.

Para isso é preciso o envolvimento de todos, jovens, homens e mulheres, todos.

Para haver paz todos têm que aceitar as mesmas regras. Para construir um mundo mais justo, mais seguro e com mais igualdade.

No entanto, cada vez mais evidenciamos que vivemos num mundo globalizado com 2 linhas: uma economia crescente e internacionalizada e um persistente conflito entre Estados.

“Enquanto houver fome a paz não prevalecerá”. Assim quem quiser abolir a guerra deverá abolir a pobreza. Para isso é necessário que se implemente ao nível mundial uma governação promotora do Estado Providência.

Uma Instituição forte que promova a defesa dos mais fracos e redistribua a riqueza.

A regulação política deve ser algo acima dos Estados, em que as Nações Unidas sejam os promotores dos desafios da coope-

ração multilateral:

- Nas questões de segurança e paz
- Nas questões de integração regional: promovendo o não isolamento dos Estados
- Garantindo e regulando a economia no mundo
- Assegurando numa perspectiva de mobilidade em larga escala a permanente protecção social dos trabalhadores;
- Promovendo o respeito pelo ser humano: fazendo cumprir a carta dos Direitos Humanos (Direitos Universais e Inalienáveis), independentemente dos factores económicos, culturais e históricos, estes não podem ser mitigados;
- Reprimindo veementemente a exploração do trabalho precário em regimes repressivos por multinacionais;
- Garantindo o acesso igualitário e equitativo à educação para todos, como instrumento e não apenas como uma profissionalização interessante para o mercado. O mercado deve estar presente aquando das escolhas mas estas não podem ser limitadas por este;
- Assegurando o papel da mulher não como oprimido, não como subjugado mas como parceiro no desenvolvimento;
- Colocando regras universais em termos de ambiente e de desenvolvimento sustentável. No século XXI a população vai aumentar 50%, de 6100 milhões para 9300 milhões. As populações dos 49 países mais pobres triplicarão. A humanidade tem que encontrar a chave do desenvolvimento sustentável, caso contrário, o impacto no mundo natural e nos recursos será devastador;
- Uma justiça global: que puna os crimes contra as regras e leis internacionais cometidos pelos homens. Mas que ninguém esteja acima dessa lei;
- Garantindo uma política de migrações: que seja um reforço da força de trabalho global: e não a exploração do homem pelo homem (com sindicatos globais que garantam a sua protecção e educação).

É preciso portanto criar e reforçar o papel das instituições responsáveis construídas da multiplicidade de participações e que colocam como objectivo central da sua acção a paz e o desenvolvimento (e não o lucro pelo lucro).

Só assim estaremos socialmente a contribuir para a paz. Este é necessariamente o papel de todos, muito particularmente de todas as mulheres.

CARTA de mulheres

Jamila Madeira
Deputada do Partido
Socialista



Escola primária com

Centro Educativo Infantil e Primário López Ferreiro, em Santiago de Compostela, Galiza

“É A ESCOLA MAIS FEIA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA”, DIZ BENEDITO GARCIA, PROFESSOR PRIMÁRIO, NUM MEIO-TOM ENTRE A BRINCADEIRA E A SERIEDADE ENQUANTO OLHA A ESTRUTURA DE DENTRO DO SEU CARRO. O EDIFÍCIO COR-DE-ROSA ENVELHECIDO, VISTO EM PLANO PICADO DA ESTRADA, PARECE IMPOR-SE A TODA A PAISAGEM QUE O RODEIA. FICA SITUADO NA PERIFERIA DAQUELA CIDADE GALEGA E ESTÁ RODEADO DE ESTRADAS. PESAM SOBRE OS ALICERCES DO CENTRO EDUCATIVO INFANTIL E PRIMÁRIO LÓPEZ FERREIRO 150 ANOS DE EXISTÊNCIA. O COLÉGIO PÚBLICO “COM MAIS HISTÓRIA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA” LÊ-SE NUM PANFLETO PUBLICITÁRIO QUE O PROMOVE.

A estrutura de cinco andares foi construída para servir de escola de práticas anexa a um outro edifício criado um ano antes, que albergava a Escola do Magistério onde se formavam os futuros professores. Actualmente a escola de professores já não mora lá. E para essa metade vazia do edifício está projectada a construção de uma unidade hoteleira. O que fez com que “a concorrência [os colégios privados] lançasse uma campanha falsa dizendo que essa situação iria originar o encerramento da escola infantil e primária por esta estar localizada na outra metade do edifício”, explica Lois Trigo, director do colégio. “A concorrência privada é muito forte e desleal”, contesta.

Na zona envolvente ao colégio López Ferreiro, composta por cerca de 12 mil habitantes, existem três escolas primárias públicas para seis privadas. “E se não queremos perder alunos temos de fazer publicidade à escola”, afirma o director, também professor generalista primário.

rio [ver caixa Especificidades do sistema de ensino primário galego].

Esta falta de alunos no ensino público é um fenómeno complexo. A história do ensino público primário em Santiago de Compostela ficou marcada de forma negativa pela actuação de um inspector da educação da época do franquismo. Lois Trigo explica: “Victorino Palácios era um homem fortemente ligado à Igreja e quis favorecer o seu monopólio educativo, proibindo durante anos a construção de escolas públicas em Santiago de Compostela.”

Agora os tempos são outros. Mas a tendência para o favorecimento do ensino privado, segundo Lois Trigo, mantém-se. “O Ministério da Educação, Cultura e Desporto não quer uma escola pública que tenha respostas para os problemas educativos da sua comunidade. Quer antes que os alunos vão para as escolas privadas. Justificam que essas escolas têm mais condições, mas é mentira! Aqui [no López Ferreiro] os alunos têm uma boa oferta educativa, com a vantagem de ser gratuita.” Ainda assim, o colégio tem vindo a perder alunos do ensino primário, frequentado por 246 crianças com idades entre os seis e os dez anos. Por outro lado, tem recuperado alunos no pré-escolar, onde convivem 82 crianças dos três aos cinco anos. Ao todo são 328 alunos para 28 docentes, seis deles do pré-escolar.

Fora dos grandes centros urbanos o fenómeno da perda de alunos é mais significativo. Fruto da baixa da natalidade, e à semelhança do que vai acontecendo nas escolas do interior de Portugal, as escolas rurais da Galiza estão a ficar desertas. Actualmente existem cerca de 500 escolas unitárias rurais, que funcionam com uma ou duas turmas de alunos e um corpo docente exclusivo. Há cinco anos existiam 800. Face a este cenário, a Junta da Galiza e o Ministério da Educação determinaram a integração das escolas rurais com menos de nove alunos em agrupamentos de escolas cujo corpo docente passa a ser constituído por professores unitários (que dão aulas exclusivamente naquela escola) e professores itinerantes (que dão a sua disciplina em todas as escolas daquele agrupamento).

O financiamento das escolas resulta de um orçamento base ao qual é acrescentado uma quantia extra calculado em função do número de alunos. Como exemplo, o colégio López Ferreiro recebe anualmente 18 mil euros. Uma quantia que se torna, nas palavras do director, “insuficiente”. Até porque desse orçamento são pagas as despesas com todas as actividades pedagógicas do ano lectivo e as despesas fixas de funcionamento da escola, onde se incluem o pagamento dos ordenados do pessoal docente e não docente, as contas da água e da luz.

Por isso, a Associação de Pais arca com as despesas da cantina, do transporte escolar e ainda subsidia algumas actividades extra-curriculares.

O ensino pré-escolar, não sendo obrigatório, é gratuito em toda a Espanha. Na Galiza a percentagem de alunos dos três aos cinco anos que frequenta este ensino alcança quase os 90%. No colégio López Ferreiro o número de alunos nesta etapa da educação básica tem vindo a aumentar. Para o ano lectivo de 2003/04 a escola prevê atingir os 34 alunos, a contar pelas 26 inscrições já efectuadas. Ainda assim, a escola fica aquém da sua capacidade, situada nos 50 alunos.

Na sala dos três anos há brinquedos espalhados pelo chão. Peças de puzzle, letras... Vestígios dos pequenos que, naquele momento, se encontram numa aula de Educação Física. No quadro preto lêem-se as primeiras letras: a, e, i, o... O “u” talvez tenha ficado para depois da ginástica.

No sistema de ensino galego não há educadores de infância mas sim professores do ensino pré-escolar. Professores que ensinam a pré-leitura e a pré-escrita, pelo facto de o ensino do pré-escolar ainda não abranger a totalidade das crianças. Caso contrário, ensinariam desde logo a leitura e a escrita. Aqui as crianças são agrupadas por idades e permanecem com a mesma professora generalista durante os três anos que compõem aquele ciclo de ensino. Generalista porque tanto no pré-escolar como no primário o modelo do professor único já não vigora desde os anos 70.





história e com futuro

reportagem

Deste modo, o número de professores especializados nestes dois níveis de ensino varia em conformidade com a oferta educativa da escola. No colégio López Ferreiro, os alunos do primário podem ter até sete professores especializados em áreas como a matemática, as línguas inglesa e francesa, a música, a educação física, a religião ou a habilidade social.

No que toca ao horário, este ano o colégio optou por estipular uma jornada lectiva única durante a manhã, tanto para os alunos da primária como para os do pré-escolar, funcionando das 9h30 às 14h30. Pela tarde, todos os alunos têm actividades extra-curriculares geridas e organizadas pelos próprios professores. Tratando-se de uma actividade de formação específica, a escola recorre a sócio-educadores de fora da comunidade.

Nesta altura os pequenos estão fora da alçada da professora generalista e encontram-se com Cámen, a professora especializada em educação física.

Num mini-ginásio concebido à sua medida driblam bolas de basquetebol. Uns a correr, outros nem por isso. Uma miúda insiste em chutar a bola com o pé. Talvez preferisse jogar futebol, quem sabe...

Benedito Garcia, 55 anos, é um dos professores primários especializados do colégio. A sua área é a da matemática. Para além de dar aulas este professor é ainda responsável pela utilização extra-curricular da sala de informática, um espaço com 20 computadores ligados à Internet que funciona também no horário curricular – cada turma do pré-escolar e do primário tem uma hora semanal de 'navegação'.

Ao entrar na sala, Benedito repara num computador 'fora de serviço'. "Que fizeste?", pergunta a um rapazinho com cara de amado sentado em frente à máquina. Não estivesse de 'licença' do magistério em casa a traduzir para o galego um programa informático de exercícios de matemática enviado em castelhano, Benedito estaria a resolver o problema do computador. Em vez dele, um outro professor tenta diagnosticar o mal que aflige o CPU. Benedito dá uma olhadela e franze as sobrancelhas. "Nada, não fiz nada!", responde o rapaz envergonhado.

Apesar de ser um entusiasta da Internet, Benedito acha que o computador "não está direccionado para ser uma fonte de informação educativa". E justifica: "Há demasiada informação na rede e muita não é tratada convenientemente."

Por isso, o professor defende que antes da pesquisa de informação na Internet os alunos devem procurar essa mesma informação nos livros: nos que são levados pelos professores para a sala de aulas e nos que existem na biblioteca.

A biblioteca escolar não prima pela arrumação... Há livros remexidos nas estantes, livros abertos nas mesas de leitura. O intervalo esvaziou o espaço de crianças mas deixou vestígios da sua presença. Com mais de 8 mil títulos, os níveis de empréstimo fazem inveja: 50 livros por semana. "Há um grande esforço para fomentar a leitura entre as crianças", explica Lois Trigo, director do colégio. Esforço partilhado com o Ministério da Educação Cultura e Desporto espanhol que implementou um Plano de Fomento da Leitura. A medida é simples e consiste em premiar os alunos que mais lêem. Assim, no início do ano são distribuídos "passaportes" de leitura. Em cada uma das 23 páginas existe um espaço para a escrita de um comentário do livro lido. Cada 'viagem' dá direito a um carimbo da biblioteca. Há medida que os carimbos se acumulam os alunos recebem cromos para colar em cadernetas e outros prémios angariados pelo colégio ou oferecidos por outras entidades: canetas, livros, mochilas, lápis e até viagens.

continua na página seguinte



Os alunos, no entanto, não são os únicos frequentadores da biblioteca. Os pais também fazem igualmente parte da comunidade de leitores. Só não ganham cromos. “Tudo começou aos poucos”, explica Lois: “os pais vinham buscar os filhos e perguntavam se podiam ver este ou aquele livro. Depois ficaram ‘mais atrevidos’ e começaram a querer levá-los para casa (risos). Então deixamos que se tornassem utentes do serviço de empréstimo.” A propósito do inusitado da situação, Lois conta um episódio passado com um destes utentes. “Um dia um pai perguntou-me o que acontecia se não devolvesse um livro. E eu respondi que enquanto o filho frequentasse a escola não havia problema porque eu chumbava o filho até que ele mo devolvesse (risos).”

O toque que põe fim ao intervalo devolve as crianças à biblioteca. Saímos. No corredor, Benedito encontra a sua trupe: “Quando voltas Bene?”, pergunta uma menina agarrada às pernas do professor. “Dois de Maio!”, sorri Benedito. A visita à escola prossegue. Próxima paragem: a aula de Habilidades Sociais.

“É muito importante saber fazer uma queixa quando alguém está a desrespeitar os nossos direitos!” A explicação ecoa pelo corredor. E como a porta da sala da aula de Habilidades Socais está aberta...

Entramos. Sara Sanchez é a professora, está a fazer um estágio na escola, integrado no curso de Psicologia, e pediu ao Gabinete de Orientação Pedagógica para dar esta aula ao quarto ano da primária. O pedido foi aceite. A mobilização social que o caso Prestige originou na Galiza despertou a curiosidade dos miúdos para os protestos. E isso justifica que se ensine a fazer e a receber queixas. Assim que a professora introduz o tema gera-se o burburinho na sala.

“O que podemos fazer para nos queixar?”, pergunta Sara. “Pôr má cara!”, responde um dos miúdos. Ao ouvir a resposta a professora reformula a pergunta: “Mas como nos queixarmos sem que os outros nos levem a mal?” Essa é que é a verdadeira questão. “Dizendo o motivo pelo qual estamos desgostosos!” Ouvem-se algumas interjeições mas a professora continua: “É importante não mostrar má cara e não responder às queixas que fazem à nossa actuação com mais queixas.”

Depois de exposta a teoria a professora chama dois alunos para fazer uma dramatização. Um dos alunos faz de queixoso o outro de prevaricador. Em causa está um livro emprestado que foi devolvido em mau estado. A moral da história é simples e não conflituosa: “Da próxima vez que te emprestar um livro devolve-mo exactamente como to entreguei.”

Fora da sala de aula, quem tem queixas a fazer contra a política educativa do Ministério da Educação, Cultura e Desporto são os professores. À semelhança do que os sindicatos de professores dizem estar a

acontecer em Portugal, Lois Trigo, director do colégio, afirma que em Espanha se sente uma “tentativa de privatização e precarização do ensino público”. Benedito vai mais longe: “Tentativa não! As mudanças legislativas apontam para essa realidade [ver Dossier páginas 35,36 e 37]!”

Outra das queixas que há muito os professores primários tecem ao ministério é o facto de o curso do Magistério que dá acesso à profissão de professor primário ainda ser considerado um curso de grau médio. O equivalente a três anos de formação. “Não querem dar a categoria de licenciados aos professores primários. Entendem que quanto menor é a idade do aluno menor será a necessidade de formação do professor!”, insurge-se Benedito. “Mas é precisamente o contrário: os danos que se podem causar a um miúdo são muito maiores do que aqueles que se podem causar a um jovem, logo os professores do pré-escolar e do primário precisam de mais formação!” A queixa termina com uma promessa optimista de contestação pela mudança. Como a professora de Habilidades Sociais explicou aos seus alunos: “Ao fazer uma queixa estamos a dar oportunidade à pessoa que errou de não voltar a fazê-lo!”



Especificidades do sistema de ensino primário galego

Professores

O modelo do professor único, tanto no ensino pré-escolar como no primário, foi abolido nos anos 70. As turmas passam uma grande parte do tempo com um professor generalista que ensina um pouco de todas as matérias. Depois, conforme a oferta educativa da escola, podem ter professores especializados em determinadas áreas. Para coordenar todos os professores existe a figura do tutor, uma espécie de director de turma a quem cabe ainda a tarefa de falar com os pais sobre os assuntos que dizem respeito aos seus educandos.

Organização dos ciclos de ensino

O ensino pré-escolar é composto por um ciclo de três anos e pode ser frequentado por crianças dos três aos cinco anos, mas não é obrigatório; o ensino primário é obrigatório, está dividido em dois ciclos de dois anos cada um e inicia-se aos seis anos.

Chumbos

No ensino primário, o aluno só pode ser chumbado uma vez em cada ciclo. Para isso os alunos com dificuldades de aprendizagem recebem aulas de apoio pedagógico nas matérias onde têm menor aproveitamento.

O mundo de Sofia

Um retrato na hora do recreio

Sofia traz uma *t-shirt* preta com uma inscrição azul que diz “Nunca Máis”. Foi a mãe que lha comprou durante uma das muitas manifestações contra a actuação do governo espanhol aquando do acidente do *Prestige* que aconteceram por toda a Galiza. Santiago de Compostela não foi excepção. Os professores levaram os alunos para a rua com a autorização dos pais, contrariando um ‘aviso’ oficial da “Conselleria de Educacion” da Galliza endereçado às escolas de que só se deveriam envolver em assuntos do foro educativo. Um silêncio “recomendado” pelo ministério da educação espanhol em forma de comunicado.

Sorridente Sofia puxa o fundo da *t-shirt* para que os colegas melhor vejam os dizeres e com orgulho explica o seu significado: “Estou contra o *Prestige* na Galiza e contra a Guerra no Iraque!” São dez anos de determinação e convicção. Os seus companheiros de classe apesar de não trazerem uma *t-shirt* igual à de Sofia são tão defensores das ‘suas’ causas como ela própria. “Eu fui também à manifestação pela Paz!”, diz um deles. “Eu fui a todas...”, ouve-se outro “E eu fui à do *Prestige* com os meus pais...” E porque os miúdos acham muitas mais coisas do que julgamos... Uns acham que a ajuda aos pescadores “devia ter sido logo”. Outros acham ainda que “todas as guerras são más porque matam muita gente”. Por fim todos acham a *t-shirt* de Sofia “muito bonita”... E este manifesto em forma de *t-shirt* gerou tanta agitação que os meninos se esqueceram que a hora do recreio também pode servir para pular e correr...

UNS TALVEZ TIVESSEM TIRADO UNS MINUTOS DO SEU HORÁRIO LABORAL PARA RESPONDER. OUTROS PODERÃO TER APROVEITADO O FACTO DE O CHEFE TER SAÍDO MAIS CEDO. OS RESTANTES PODEM TER RESPONDIDO DURANTE A HORA DO ALMOÇO. OU ENTÃO EM CASA, JÁ DEPOIS DE TEREM ‘PICADO O PONTO’. UM PAINEL DE PROFISSIONAIS VARIADO ACEITOU ESCREVER ALGUMAS LINHAS SOBRE ESSE OUTRO ‘ÓPIO DO POVO’: O TRABALHO. DE FORMA IRÓNICA OU MAIS SÉRIA, PROSAICA OU POETICAMENTE ASSIM CELEBRAMOS O 1 DE MAIO, O DIA DO TRABALHADOR.

Eu trabalho, tu trabalhas e ele trabalha?

olhares de fora



1. O que significa para si ser trabalhador?
2. O trabalho é... algo que me realiza; um mal necessário; a consequência lógica do final dos estudos; Explique
3. Eu sinto-me... bem remunerado; suficientemente remunerado; mal remunerado; Explique

Daniela Ferreira da Cunha
25 anos, publicitária

1. Ser trabalhador é acordar todos os dias à mesma hora, fazer o mesmo trajecto de sempre, apanhando o trânsito habitual para nos irmos enfiar num local onde passamos o dia a fazer alguma coisa, sob o olhar atento de outros que são parecidos connosco mas que não pertencem à classe dos trabalhadores, tentando fazer tudo para lhes agradar e, se possível, para nos agradarmos a nós próprios e chegar a casa ao fim do dia às vezes com a sensação de dever cumprido, outras vezes com a ideia de que não queremos voltar a por lá os pés, tudo para que no final do mês nos caiam na conta uns tostões que nos vão permitir viver por mais um mês, sempre com algum receio que, algum dia, nos mandem dar uma grande curva, ao abrigo de um novo decreto-lei que arruinou em segundos os direitos que levaram anos ou séculos a garantir.

2. No meu trabalho sinto-me... Às vezes realizada, outras vezes desesperada. Às vezes sinto que tenho o melhor trabalho do mundo, outras vezes sinto que tenho o mais vil. Como tudo, nada é absoluto.

3. Considero que sou... Mais ou menos remunerada, acho que merecia mais, principalmente pelas muitas horas perdidas do meu precioso tempo.

Dario Silva,
27 anos, fotógrafo

1. Mais que uma obrigação social, ser trabalhador é ser actor social e, com justeza, poder exigir aquilo a que os cidadãos de um país têm direito (pleno direito).

2. O trabalho é algo que me realiza

3. A remuneração é para mim um factor 'terciário', a realização e satisfação pessoal ditam

o meu modo de encarar a minha profissão. Mesmo sendo pago muito abaixo do real valor do meu tempo...

Susana Wenceslau
26 anos, jornalista

1. Significa que contribuo com o que sei fazer melhor para uma determinada empresa e sou remunerada por isso.

2. O trabalho é algo que me realiza. Para mim é muito importante encontrar um trabalho onde, mais do que receber um bom salário, sinta que sou importante e onde é dado o devido valor àquilo que faço. É óbvio que para uma realização plena é importante sentir que sou devidamente recompensada pelo trabalho que presto. Eu, como toda a gente, passo a maior parte do meu dia no meu local de trabalho. Se não me sentir realizada vou acabar por me tornar uma pessoa completamente frustrada.

3. Eu sinto-me mal remunerada

Sandrina da Cruz Araújo
24 anos, assistente administrativa

1. Ser trabalhador é: levantar-se todos os dias relativamente cedo, ir para um local chamado empresa e voltar geralmente tarde para casa e ter a possibilidade de encontrar pessoas que não chegaríamos a conhecer se não trabalhássemos... Ser trabalhador é também contribuir para a sociedade, nem que seja só pelas retenções do IRS e o pagamento da Segurança Social... e é dar trabalho aos outros graças ao facto de termos dinheiro (nem sempre) para consumir, contratar (para os mais ricos e atarefados) uma empregada doméstica...

2. Passei 5 anos a estudar na universidade para poder exercer uma profissão 'mais ou menos' e pelo facto de ser necessário trabalhar. No entanto, um dos meus objectivos a médio,

longo prazo é vir a exercer uma profissão que me realize, isto é "joindre l'util à l'agréable".

3. Eu sinto-me suficientemente remunerada, isto é, o ordenado chega para pagar água, luz, alimentação, passe dos transportes públicos, renda da habitação, uma saída ou duas idas ao cinema... No entanto, se tivesse de pagar mesmo a renda, no final do mês, contas feitas, teria poupado 0 euro!!!! Por isso essa despesa é paga pelos meus pais.

Entretanto, nunca se sabe, se me 'portar bem', talvez tenha direito a um aumento superior à inflação!!

Raquel Costa
27, bancária

1. Significa ser independente a nível financeiro, contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da empresa na qual se trabalha assim como no nosso próprio desenvolvimento pessoal, ter direitos e deveres para com a entidade patronal e a sociedade civil; ser trabalhador significa ter um meio de subsistência que nos permita alcançar os nossos desejos pessoais e profissionais que foram delineados para a vida.

2. Para mim o trabalho é uma mistura de todas estas coisas. É um mal necessário porque seria muito bom se todos tivessem um meio de subsistência sem ter de trabalhar embora para algumas pessoas o trabalho seja realmente uma coisa muito dura e penosa da qual gostariam de se livrar; é uma consequência lógica do final dos estudos embora nem sempre se consiga um emprego que esteja de acordo com aquilo a que nos dedicamos a estudar, no entanto acho que os estudos nos preparam de uma maneira geral para uma vida activa e dão-nos os meios para uma boa formação de base. Como tal e nesta linha de raciocínio, o trabalho é uma maneira de realização pessoal.

3. Eu sinto-me suficientemente remunerada

Ivo Figueiroa,
22 anos, administrativo

1. Perder tempo. Ficar velho. Andar estressado. Ocupar o tempo. Conhecer pessoas de/interessantes. Cumprir objectivos. Não estar parado. Obter novas competências/ experiências/ conhecimento...

2. O trabalho é algo que me realiza, mas também um mal necessário. O trabalho seria "mais" motivante se não fosse realizado por obrigação, mas sim pelo prazer e adrenalina que ele proporciona.

3. Eu sinto-me mal remunerado

Raquel Pruxa
25 anos, médica

1. Alguém que exerce uma função (com alguma sorte, algo que gosta de fazer) e que, supostamente é remunerado por isso.

2. Algo que me realiza. Gosto daquilo que faço, tenho a sorte e o mérito de fazer o que sempre quis fazer.

3. Eu sinto-me bem remunerada

Claudia Gonçalves
26 anos, assessora de comunicação

1. Ser trabalhador significa realizar uma ou várias tarefas que te dão prazer na vida e ao mesmo tempo te permitem tirar benefícios monetários com o que fazes. Se trabalhas apenas por necessidade e não por gosto, não serás um trabalhador mas um operário (não desvalorizando esta classe), porque fazes apenas uma parte do processo e não tens consciência do produto final, logo não te sentes envolvido nem fazes parte integrante do resultado do teu trabalho.

2. O trabalho é algo que me realiza. Eu gosto daquilo que faço, por isso dou mais de mim e acabo por me envolver e até empolgar com algumas tarefas. É claro que às vezes ficamos desmoti-

vados, quando não atingimos os objectivos a que nos propomos.

3. Eu sinto-me suficientemente remunerada. Acho que neste mundo são poucas as pessoas que são bem remuneradas pelo trabalho que fazem, ou os jogadores de futebol, ou os empresários de sucesso...mas os primeiros tem um trabalho curto e os segundos acabam por não saber o que fazer ao dinheiro... Eu diria que ganhar no agregado familiar 600 contos me poria bem remunerada... há que trabalhar para isso!!!

Ana Teixeira
26 anos, desempregada

1. Ser trabalhador significa ter uma vida activa (ser produtivo), através da realização de uma tarefa, tendo direito a uma recompensa pecuniária pela sua actividade.

2. A consequência lógica do final dos estudos. Independentemente das pessoas gostarem ou não do seu trabalho, a sociedade leva-nos à necessidade de adquirir bens materiais, e só faz sentido viver nesta sociedade se entrar nas regras do jogo. Logo, assim que qualquer cidadão termina os estudos tem obrigatoriamente que entrar no mundo do trabalho e viver de acordo com a sociedade actual. Mais que uma questão cultural e monetária, trata-se de servir a sociedade e enquadrar-se dentro dela.

Susana Ribeiro
25 anos, nutricionista

1. Para mim, ser trabalhadora significa integrar-me na sociedade como um elemento útil, com possibilidade de contribuir para o seu crescimento e melhoramento (sou mesmo uma sonhadora!).

2. O trabalho é algo que me realiza. Faz parte da minha natureza, quero ser parte activa da sociedade a que pertença.

3. Eu sinto-me bem remunerada



© fotodesign isto é

“Em breve a Europa estará longe e indiferente às nossas lamentações, mas perto e intransigente para as suas exigências”. Com efeito, os tempos de ajuda acabaram e a Europa vai deixar de ouvir os nossos pedidos de socorro. Por isso convém procurar rapidamente outra tábua de salvação. A oportunidade já foi encontrada e não foi desperdiçada: os nossos descendentes americanos precisam de apoio e nós cá estamos para lhes ceder uns botes ou umas passarolas à espera que eles depois nos dêem um porta-aviões. Esse porta-aviões até poderá vir, mas não será para nos servir-mos dele. Se vier, virá certamente cheio de investidores, administradores, políticos, peritos de negócios (ou *marketing?*), especialistas em fazer consumir, painéis publicitários, bandeiras com estrelinhas, máquinas de fazer hambúrgueres e donuts, jines e coca-colas. Quem sabe até se vão conseguir tornar mundialmente famosos os nossos desprezados bolinhos de bacalhau e alargar a região demarcada do Douro para poderem produzir quantidade suficiente do precioso Porto que satisfaça um vislumbrado aumento de procura; ou colocar o carimbo *Mac* nos nossos folares e fazer linguças em forma de *MacDonalds*. Já para não falar das palavras terminadas em “ing” ou dos ups, offs e outs, que não tarda nada obrigarão a uma nova revisão dos Modernos Dicionários de Língua Portuguesa. Virão levantar torres envidraçadas em volta dos nossos emblemáticos castelos e muralhas. Transformarão largos hectares de terreno para produções holiudescas. E nós cá estaremos para os endeusar e louvar os

seus feitos, porque não conseguimos fazer melhor ou pelo menos fazer diferente para nos contrapormos e não sermos absorvidos.

Isto é que é gente “guicha”. Nós, os velhos europeus, progenitores destes jovens filhos prodígio podemos orgulhar-nos: “eles estão tão crescidos, foram todos oficiais na tropa, todos se doutoraram; casaram com bonitas e prendadas mulheres; estão muito bem na vida... e são muito bem educados, até ainda nos vêm pedir a bênção.” E nós, enquanto assistimos a toda esta audacidade e êxito, evidenciamos a nossa decrepitude e dependência subserviente, sempre à espera que eles nos arranjem um bom lar da 3ª idade. Tão bons filhos não vão certamente abandonar-nos naqueles imundos e quebradiços depósitos para velhos. Ou poderão até fazer melhor: enfiar-nos um chapéu de coco às listas vermelhas e brancas apoiadas em fundo azul estrelado; um barrete da *Nike* com a pala a fazer sombra ao pescoço; vestem-nos umas camisas floridas e põem-nos a dançar ao som do Miguel Já Que Som. E assim ficamos felizes e contentes feitos parvos-alegres ou velhos gaiteiros, enquanto eles prosseguem com a sua demanda, porque ainda são jovens e têm uma longa vida pela frente.

Já não é a primeira vez que o nosso velho mundo assiste a aculturações idênticas. Já fomos romanizados, islamizados, barbarizados, hitlarizados. Desde Alexandre Magno até Napoleão, passando pelos impérios coloniais ingleses, franceses, holandeses, belgas, espanhóis e lusos, a história está recheada de exemplos de gentes, povos, impe-

radores, reis e generais que não se contentaram com o seu espaço territorial. Com tão bons exemplos dos seus progenitores, o que seria de esperar destes traquinas e audazes descendentes? “Tal pai, tal filho”, lá diz o ditado. Não fora a coacção bélica e até se poderia argumentar que a humanidade beneficiou com aquelas invasões e impérios. Mas, quanto sangue se derramou? A que preço ficaram essas incursões “culturais” que não eram simples trocas de ideias e saberes? Valeu a pena? Os romanos estão reduzidos à sua origem; os islâmicos tiveram que recuar para os seus desertos; os bárbaros deveriam ter-se suicidado nas suas terras em vez de o virem fazer para tão longe; Hitler nem devia sequer ter nascido e todos os outros impérios estão agora reduzidos a um simples grau de parentesco com aqueles que lhes deram origem. O que ficou de tudo isto? A troca de culturas que permitiram o desenvolvimento. E com este raciocínio até me atrevo a construir uma alegórica fórmula matemática: (civilizações + troca de culturas) – guerra = desenvolvimento harmónico.

Todavia, sem estes arrojados acontecimentos, a história seria uma pasmaceira. Assim como na história recente, se não fosse a guerra-fria, o conflito no médio oriente, os diferendos dos Balcãs, os desentendimentos africanos e as guerras do golfo, teríamos passado uma metade do século XX, fastidiosa, enfadonha, dormiente, imobilizada. Por isso mexamo-nos, acordemos, discutamos ao som dos bombardeiros e dos mísseis, das aberturas catastróficas dos jornais; banhe-mo-nos com o sangue que jorra

dessas matanças, lamentemos os coitados famintos, vangloriemos os mortos em combate, festejemos as vitórias, preparemo-nos para vitória depois das derrotas. Porque sem estes feitos a vida não faz sentido. Ou fará sentido só para alguns, poucos. Para aqueles que são escolhidos pelos outros que são muitos mais e que vêm para a rua gritar que não votaram neles para mandarem os seus familiares para a matança. Mas eles pouco se importam. Agora podem, querem e mandam. Quem terá mais legitimidade? Teremos que fazer um referendo? Já se fizeram referendos por bem menos. Como aquele em que se perguntava ao povo se se podia “eliminar” seres apenas com algumas células. E o povo disse que NÃO, embora soubesse que esses seres quando estivessem completos e com milhões de células, poderiam vir a ser “eliminados” pela segregação, pela doença, pelo sofrimento. Por isso com que legitimidade se enviam seres adultos e completos que não são segregados, nem doentes e têm uma vontade enorme de viver, para serem eliminados numa situação que, esta sim, poderia ser perfeitamente evitada?

Aproveitemos o que de bom nos trazem os outros, sem nos deixarmos viciar; aceitemos os seus saberes, sem nos enebriarmos; usemos as suas ferramentas, sem nos magoarmos. Mas acima de tudo, mostremos que também temos coisas boas para fornecer; saberes para intercambiar; capacidade para produzir as ferramentas necessárias. Em suma, troquemos as nossas ideias, culturas e produtos, mas tudo isso... é claro, pacificamente.

RIO acima

José Manuel

Alves Carvalho

Professor do 1º Ciclo

EB1 de Serapicos Nº2,

Valpaços



Professor de Verão

Benedicto Garcia, 55 anos professor primário na Galiza

COMEÇOU POR SER PROFESSOR DOS PRIMOS. A PEDIDO DAS TIAS, BENEDICTO GARCIA PASSAVA AS MANHÃS DAS SUAS FÉRIAS DE VERÃO - PASSADAS NA PRAIA DE BARRAÑA, NO CONSELHO DE BOIRO, CORUNHA - A DAR EXPLICAÇÕES DE MATEMÁTICA.

Tinha 12 anos e ao contrário do que poderia sentir um garoto da sua idade as aulas improvisadas que dava aos primos das 10 às 12h eram dadas com "vontade". Até porque para além do gosto que lhe dava o ensino da sua matéria preferida Benedicto ainda recebia uma recompensa monetária das tias. "Foram os meus primeiros dinheiros como quase professor", recorda. Na escola, a aptência pela matemática fazia-o tirar sempre nota máxima. "Nesse sentido a nota nem era merecida porque o esforço a que a matéria me obrigava era pequenino", explica sorridente.

Em Setembro de 1982 Benedicto deixa de ser quase e passa a ser professor. Uma daquelas coincidências da vida faz com que inicie a sua carreira de docente primário na Escola Santa Baia, situada no Conselho de Boiro, a região onde deu os primeiros passos como 'professor' dos primos. Para trás ficaram alguns anos dispersos pelos cursos incom-

pletos de Engenharia de Telecomunicações e Economia. E o curso de Professor de Ensino Primário acabado em 1974 na Escola do Magistério [responsável pela formação inicial de professores primários], na Galiza.

A indisfarsável paixão pela matemática...

Enquanto professor a sua especialidade é o ensino da matemática, a área da sua preferência mas uma das que mais resistência cria entre os alunos. "Há uma rejeição inicial de base à matemática", reconhece o professor. "Mas isso acontece sobretudo porque não se preparam bem os professores de matemática. Uma percentagem elevada dos professores que lecciona esta disciplina podia leccionar outra coisa qualquer." Logo, tal como os alunos não têm muito interesse pela matéria. Um interesse que Benedicto não consegue disfarçar.

"Quando se ensina a matemática não se pode ficar só na abstração é preciso mostrar a aplicação, dizer o que foi possível construir e inventar com aqueles conhecimentos matemáticos." Essa é a metodologia que Benedicto utiliza na sala de aula. "No outro dia informei os alunos do 4º ano da primária que o zero tinha sido inventado há alguns séculos. E que não fazia parte nem da numeração romana, nem da árabe. E quan-

do os miúdos se aperceberam do quanto tinha sido inventado sem que o zero fosse utilizado - as pirâmides egípcias, os aquedutos romanos - ficaram extasiados..."

Episódios como este, passados entre quatro paredes, fazem Benedicto acreditar que a sua função enquanto professor de matemática é "a de eliminar o medo e a sombra que ela gera entre os alunos." Coisa que faz, tal como fazia com os primos, com "vontade".

...E a desilusão dos computadores empacotados

A informática é outra das suas paixões. Na escola primária López Ferreiro, onde lecciona actualmente, Benedicto é ainda responsável pelo acompanhamento extra-curricular dos alunos na área da informática. E é precisamente por saber o quão importante é o computador - tanto para os alunos do pré-escolar como para os do primário - que Benedicto se diz chocado com a má ou a pouca utilização que se faz deste instrumento de trabalho um pouco por todas as escolas. Curiosamente não está em causa a falta de equipamentos.

A situação é no mínimo caricata e de acordo com Benedicto afecta muitas das escolas dos diversos ciclos da Galiza. "Temos escolas que possuem 20 a 30 computadores que estão armazenados num canto, ain-

da empacotados, porque ninguém da administração ["Consellía de Educación" da Junta da Galiza] os vem instalar e porque os professores não os sabem utilizar", denuncia Benedicto. "E se não há na escola um professor 'entendido' que os queira instalar de livre vontade não há como os pôr a funcionar", explica.

Mas ainda que a escola consiga resolver o problema da instalação dos computadores há ainda que contar com um outro problema. "Só uma pequena parte dos professores possui qualificação conferida através dos cursos de formação contínua da administração para ensinar os alunos a utilizar o computador de forma adequada", garante o professor.

A raiz do problema - aponta Benedicto Villares - pode ser encontrada numa certa desarticulação entre a frequência de cursos de formação contínua e as necessidades reais dessa formação no contexto da sala de aula. "Quando peço à administração para fazer um curso, seja de desenho artístico ou de cestaria, ninguém pergunta se preciso de utilizar essa formação com os meus alunos na sala de aula e depois de a ter ninguém me exige que a aplique", explica Benedicto. Esta não ingerência da "conselharia" pode ser positiva ou negativa para os alunos. Em última análise, observa: "Tudo depende da vontade do professor."

VIDAS

Andreia Lobo

Pequeno dinossauro voador com quatro asas descoberto na China

Os restos de um estranho dinossauro de pequeno porte, com quatro asas totalmente coberto de penas e que se deslocava de árvore em árvore - como os actuais esquilos voadores -, foram descobertos na China, refere um dos últimos números da revista Nature. O animal foi reconstituído a partir de vários fósseis com idades compreendidas entre os 124 e os 128 milhões de anos (Cretáceo inferior) encontrados na província de Laioning, no norte daquele país asiático.

A equipa de investigadores que descobriu o fóssil, dirigida pelo professor Xing Xu, do Instituto de Paleontologia da Academia de Ciências da China,

descreve-o como uma nova espécie de "Microraptor", com cerca de 77 cm de comprimento. A primeira espécie de Microraptor (o "Microraptor zhaoianus", pequeno dinossauro carnívoro terrestre, pouco maior do que uma pomba), foi descoberta na mesma área em 2000.

Esta segunda espécie apresenta uma característica até agora nunca encontrada: os vestígios das penas, conservadas na rocha, mostram que os quatro membros do animal eram asas e que sua longa cauda também estava coberta de penas. Na opinião de Xing Xu, esta nova espécie, denominada "Microraptor gui" (em homenagem ao paleontólogo Gu Zhiwei, que realizou

importantes investigações nesta área), demonstra que os dinossauros antepassados das aves tinham quatro asas que utilizavam para planar e não para voar.

Os paleontólogos chegaram à conclusão de que os primeiros "Velociraptors" (répteis corredores), família que integra os Microraptors, eram animais herbívoros (talvez trepassem às árvores em busca de alimentos ou para sua protecção) e antepassados dos pássaros, que aprenderam a planar antes de conseguirem voar.

O paleontólogo francês Eric Buffetaut questina se será possível falar de quatro asas propriamente ditas, ape-

sar da presença inquestionável de grandes penas nos membros posteriores. "O Microraptor é um fóssil muito interessante, que traz um argumento de peso a favor das hipóteses segundo as quais os primeiros dinossauros com asas planavam, contrariamente às teorias que consideram que eram corredores velozes. Este fóssil surpreendente dá uma imagem da 'protoavis' (primeira ave), mas talvez sem vinculação às espécies actuais", refere Buffetaut, já que "os verdadeiros pássaros eram contemporâneos dessa espécie".

Fonte: AFP

solta



Para D. Flora Redondo de Iturra, no dia do seu 92º Aniversário.

Nós, adultos, esquecemos que a mãe é pessoa e vemo-la como processo. Além do carinho e emotividade que unem uma criança com a sua progenitora, existe, de forma igualmente importante, os diversos estágios que atravessa uma mulher que acaba no seu caminho de mãe. O primeiro, é ser mulher: até aos nossos dias, não se inventou um ser que a substitua na estrutura hormonal e na configuração biológica necessária para dar vida a um bebé e ama-lo. Muito menos, a invenção da leveza do ser que caracteriza a relação mãe/criança. Não consigo esquecer a frase de um amigo ao me confidenciar a tristeza que tinha pela sua mãe ter ficado inválida: “Não sei o que fazer...apenas consigo chorar”. A minha resposta foi rápida e directa: “O que o meu amigo chora não é a doença da sua mãe, o que chora é a falta do mimo embelezado dos carinhos dela. Doravante, será o contrário: é a mãe que vai precisar dos cuidados do filho”. Ele, incapaz de devolver essa elegância de mimos que na sua infância, a sua mãe lhe incutia, optou por nunca mais a visitar. É esta arte da fuga que os (as) filhos (as) adultos, configuram na relação ascendente /descendente, face a pais já anciões, no seio de uma sociedade que ensina (embora nem sempre se aprenda) a honrar pai e mãe. O hábito de contar, desabafar, ser aconselhado, fica inserido na mente do adulto maduro, como se fosse ainda um catraio. Mais difícil é, ainda, se a mãe passa a ser uma pessoa lenta, esquecida, tornando-se bebé ela própria ao regredir, como já referido neste jornal sobre a criança adulta.

Mas, se a mãe é um processo, é preciso sairmos da regressão para entrarmos na História. A rapariga casa com paixão – ou opta por uma união de facto – hoje em dia é igual. É dentro dessa paixão que o bebé é estruturado, até se converter num ser humano autónomo que precisa apenas da

sua mãe, a quem pergunta o que fazer com os seus próprios filho. E a mãe, leal como sempre é com a sua criança, ouve, vê, sente e proporciona ideias. Conforme o caso. Existem mães que ignoram os filhos; por serem raras, não as vou referir. As lembranças de mãe passam por factos que a criança nunca entendeu e, como adulto, ignora e não partilha com a sua ascendente. Por acaso, no Diário de Vida de uma Senhora, li este pensamento: “como devo fazer para a minha pequenada não ouvir a intimidade que tenho com o pai, os meus suspiros, os meus naturais gritos de prazer, a exibição da minha nudez que desejo mostrar ao meu homem para o manter vivo? E se o meu pequeno entra ao quarto...?” É este problema que a maior parte dos adultos têm. Especialmente as mães. O corpo da mãe tem várias funções. A primeira, é ser ela própria e considerar qual a forma de manter a sedução para o seu homem. Uma mãe não é apenas uma entidade que amamentará a descendência: é também cônjuge ou parte integral de uma relação que permite que o seu estatuto maternal seja um processo de crescimento. Ocultar o corpo que deve também mostrar, é um dos dilemas da mulher. Dilema não contraditório, mas muito delicado. Diz esse Diário de Vida, oferecido no meu trabalho de campo: “estávamos a namorar a noite passada [sempre à noite, não sei porquê], entrou no quarto, de forma inesperada, o nosso filho mais velho; foi preciso esperar, dissimular, trocar lugares na cama... a correr. No entanto, penso que ele intuiu uma «aldrabice», ao comentar no dia seguinte se a mãe estava a brincar à Julia Roberts em “Notting Hill”, ou à Andie MacDowell” em “Quatro Casamentos e um Funeral, quando elas mostravam os seios, tal como eu ao meu homem”.

Dilema de mãe, lembrança de mãe. Lembrança de mãe porque para o homem é natural mostrar a intimidade que tem com a “uma” mulher: a “sua” ou outra qualquer. Não há lembrança no

Diário de Vida que me foi oferecido, da mãe ter tido outro homem além do pai. Porque a lembrança da mãe tem por base o sentido de pertença para a pessoa com ela comprometida e à qual se comprometera na saúde ou na doença, para toda a eternidade. Conceito de fidelidade ou lealdade, base também para toda a interação com o mundo exterior. A lembrança que desenha melhor a mulher/mãe, é a entrega à sua casa e aos que nela vivem, sejam adultos ou crianças. Relação que passa à frente de qualquer outra, do cansaço do trabalho que lhe é impingido, pela forma económica actual de ser mulher e trabalhar para “fazer a sua parte” e manter o lar. Lembrança dupla da mãe: trabalho doméstico nas suas mãos, trabalho económico fora do lar mas para o lar e os seus. É a entrega infinita no seu processo de adquirir o estatuto de progenitora, apenas reflectido no mito religiosa de uma Nossa Senhora, das muitas que existem face ao grupo social. Uma Nossa Senhora a concorrer com o real progenitora.

O Diário tem muitas lembranças, desde a alimentação à intimidade sexual. No entanto, foi esta última que chamou a minha atenção. Raramente se fala da intimidade dos adultos da casa, principalmente das lembranças da mãe. Como diz um outro amigo, “um calafrio percorre o meu corpo se penso na minha mãe a fazer as «porcarias» que eu faço com a minha ou com outras mulheres.” A mãe não tem direito ao seu próprio divertimento e, muito menos, a falar dele, mesmo que a conversa seja pura, calma e directa. A mulher/mãe é apenas um processo de criar e amamentar. As roupas, o batom, as pinturas, as jóias, e até namoros com outros homens que podem acontecer porque é natural. Um desejo natural de possuir figuras diferentes ao eterno companheiro adquirido até a morte porque o Concílio Romano de Trento assim o definiu em 1539. Será que Alice Miller em 1998 estava enganada ao escrever que A verdade libertar-te-á, ou em 1984 Não

sereis conscientes da verdade. A traição da criança. Ou Melanie Klein no seu artigo de 1928: “Estágios iniciais do conflito Edipiano”, ou ainda Eduard Sâ em 1995 ao falar das Más maneiras de sermos bons pais? Qual das duas ideias de Daniel Sampaio é mais importante, a de 1994, “Inventem-se novos pais”, ou a de 1998 “Vivemos livres numa prisão?”

Não posso concluir. A temática é extensa e demasiado importante num País Romano como Portugal. Mas, ficam na minha memória as confidências de outras lembranças das muitas mães que comigo falaram, para sabermos como podiam ser explícitas com os mais novos, na explicação de que eram mulheres ao mesmo tempo que mães, porque os seus filhos não cresceriam se não entendessem essa diferença fundamental. Diferença que leva a muitos a pensarem que um adulto deve ocultar a sua vida à criança. Especialmente, as lembranças da mãe, porque ser mãe é o processo de entrar como uma Nossa Senhora, ideia que a maior parte dos Cristãos Romanos, dos Koptos de Arménia e dos Ortodoxos da Grécia e da Rússia, definem a mulher. Nunca se pode esquecer que é mãe e não mulher, muito menos senhora, porque é apenas Sra. de. Tratamento injusto e desequilibrado como temos visto nos dias de guerra que vivemos, ao observarmos serem elas a procurar alimentos, enquanto eles aldrabavam com armas fracas para se sentirem masculinos a lutar contra um inimigo configurado. A lembrança da mãe alimentar, levou imensas mulheres a passar em frente das balas. Como a minha própria mãe, a única que me visitou num campo de concentração, faz já trinta anos. Curou o meu sarampo, aconselhou-me nas doenças das netas, com discrição, e soube guardar distância silenciosa entre as suas ideias monárquicas e as minhas socialistas, que, sem saber, apoiou. Pelo que fico agradecido. Mais uma lembrança de mãe, porque o seu amor é incondicional.

DA criança

Raúl Iturra
lautaro@mail.telepac.pt
ISCTE/CEAS
Amnistia Internacional

www.oglobo.com.br

"Pavão Pavãozinho, metralhadoras, escopetas e granadas, trinta homens. Ladeira dos Abacates, quarenta homens, fuzis AR-15 e HK-47. Morro da Maria Penha, líder Creudão, cinquenta homens, armamento importado. Morro da Baiana, noventa homens, pistolas, escopetas, líder Feinho. Salvação e Tucano, dois morros, oitenta homens, fuzis automáticos, líder Zé Boléu. Rato Molhado e Jacarezinho, cento

e vinte homens." (1) (1) Inferno, Patrícia Melo, Companhia das Letras, S. Paulo, 2000, p.18.

Petróleo em primeiro lugar na lista de produtos mais exportados no planeta, armamento em segundo, a droga (pensa-se) em terceiro lugar (em termos de valor expresso em dólares), são cálculos que se fazem, há anos, no Banco Mundial.

O Brasil poderá tornar-se uma nova

Colômbia!, alertou o governo do presidente Lula. Os efeitos da mundialização da exclusão social, o total desrespeito pelos Direitos Humanos, fazem pensar se não estaremos à beira do "capitalismo da droga", descrito ainda no Século XX como possibilidade de futuro.

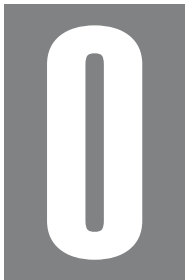
O Continente Americano funciona, em termos comerciais, numa troca de drogas (produzidas no Sul) por armamento (produzido no Norte). Pelo

meio ficam camponeses esmagados, máfias-governos, populações urbanas "faveladas", também elas produtoras-consumidoras-vendedoras de droga, compradoras de armas.

É o universo descrito pela jovem escritora Patrícia Melo, numa linguagem arrepiante. Imprescindível para compreender os nossos tempos, como foi um dia Eça para entender a sociedade portuguesa. Os tempos mudaram...

QUOTIDIANO

Carlos Mota
cmota@utad.pt
Universidade de
Trás-os-Montes e Alto
Douro, Vila Real.



PIENSO QUE LAS REACCIONES RACISTAS SON UN SIGNO DE TORPEZA MÁS QUE DE MALDAD. SE PRODUCEN CON REITERACIÓN EN LOS CAMPOS DE FÚTBOL CUANDO SE INSULTA A UN JUGADOR DE RAZA NEGRA QUE FALLA UN PENALTI, EN LOS PROCESOS DE CONTRATACIÓN CUANDO SE PREFIERE A UN BLANCO SIMPLEMENTE POR EL COLOR DE LA PIEL, CUANDO SE NIEGA LA ENTRADA A UN "SUDACA" (SI SE AÑADE "DE MIERDA" RESULTA MÁS CONVINCENTE) EN UNA DISCOTECA...

Las actitudes racistas carecen de lógica, no sólo de bondad. Nacen de un fundamentalismo racial carente de rigor y de sentido. Despreciar a una persona por el color de la piel es irracional. Debajo de las actitudes despectivas sólo existe torpeza y rencor. Pretende quien desprecia sentirse superior apoyándose en la supuesta inferioridad del otro. ¿En qué es inferior?, ¿por qué es peor? La respuesta sólo contiene prejuicios o, lo que es peor, absurdos argumentos fundados en la imbecilidad.

Resultan patéticas las personas que miran a las demás por encima del hombro, considerándolas de inferior categoría. Porque no hay categorías inferiores cuando de personas se trata. Es inaceptable que se identifique por la raza a quien ha cometido un delito cuando el autor es de raza negra. Nadie vio un titular, por ejemplo, en el que se dijera: El presidente del Banco Banesto, de raza blanca, se embolsa cantidades multimillonarias.

Afortunadamente, la movilidad social, los medios de comunicación, los avances científicos, las lecturas selectas, la apertura de las mentes, los viajes de trabajo o de turismo, el conocimiento de otras culturas hacen que nos sintamos ciudadanos del mundo, superando el parroquialismo que no nos deja ver más allá de nuestras narices. Son las personas estrechas de miras, las cortas de razonamiento, quienes se muestran más intolerantes. Las cerriles.

El tiempo ofrece contundentes y a la vez dulces venganzas. ¿No ha sido un triunfo de la sensatez y de la justicia el ver a un negro presidir el país que lo ha mantenido encarcelado durante muchísimos años?, ¿no es un éxito que un profesor de raza negra enseñe a un grupo de alumnos y alumnas blancos?, ¿no resulta espléndido que un médico de raza negra opere y salve la vida a un blanco en un quirófano?...

Contaré una historia, una pequeña historia, de esas que hacen avanzar algunos milímetros en lo que Marina y De la Válgoma llaman "la lucha por la dignidad".

El 14 de octubre de 1998, en un vuelo trasatlántico de la British Airways, una dama se sienta al lado de un hombre negro. La mujer pide a la azafata que la cambie de sitio porque no podía permanecer sentada al lado de una persona tan desagradable.

- Nadie debe ser obligado a viajar al lado de una persona indeseable, exige la señora con aire despectivo.

La azafata argumenta que el vuelo está completo, pero que irá a revisar en primera clase por si encuentra un asiento libre.

Los pasajeros de los asientos cercanos observan la escena con disgusto. La señora protestaba airadamente y, de forma poco justa, iba a disponer de un lugar privilegiado. Ella se sentía feliz porque la solución le evitaba estar al lado de una persona desagradable y porque, de realizarse el cambio, podría viajar cómodamente el resto del viaje.

Minutos más tarde regresa la azafata e informa a la señora

con una sonrisa cargada de ironía:

- Discúlpeme, señora. Efectivamente el vuelo está lleno pero, afortunadamente, encontré un lugar vacío en primera clase. Claro que para poder realizar este tipo de cambio tuve que pedir autorización al capitán. Él me indicó que no se podía obligar a nadie a viajar al lado de una persona tan desagradable.

La señora, con cara de triunfo, intenta salir de su asiento para dirigirse a primera clase, pero la azafata se vuelve hacia el hombre de raza negra y le dice:

- Señor, ¿sería tan amable de acompañarme a su nuevo asiento?

Los pasajeros ovacionaron la acción de la azafata. Ese año, ella y el capitán fueron premiados y gracias a esa actitud la empresa British Airways se dio cuenta de lo importante que era la capacitación de su personal en el área de atención al cliente e hizo cambios de inmediato.

Una significativa historia que sitúa a la persona que desprecia en el lugar humillante en el que, con una actitud abusiva y ridícula, se ha colocado. El racista hace una valoración poco fundada en beneficio suyo y en detrimento de la víctima, al objeto de justificar una sumisión, una segregación o una agresión. En cualquier caso, una injusticia. La relación causal entre las



© fotodesign isto é

Mientras menos inteligente es el blanco, más estúpido le parece el negro.

características biológicas concebidas como rasgos faciales y los tipos de personalidad o los comportamientos culturales o sociales, no tiene fundamento alguno. La superioridad inherente a ciertas razas carece de fundamento científico. Al margen de toda evidencia se cultiva el odio racial. Bajo las actitudes racistas no existen más que falacias y creencias basadas en convicciones hostiles.

Es muy certera, a mi juicio, la siguiente afirmación: mientras menos inteligente es el blanco, más estúpido le parece el negro.

EDUCAÇÃO e cidadania

Miguel Ângel Santos Guerra
Catedrático de Didáctica e Organização Escolar na Universidade de Málaga, Espanha.

Unesco alarmada com destruição do património iraquiano

A Unesco teme que os bombardeamentos americanos tenham danificado uma parte significativa do valioso património histórico do Iraque, apesar das recomendações feitas a Washington antes do início do conflito, refere Monir Buchenaki, vice-director para a cultura deste organismo das Nações Unidas. "Lamentavelmente, temos informações alarmantes sobre um determinado número de lugares que podem ter sido destruídos pelo conflito", disse Buchenaki, acrescentando ter escrito de imediato uma carta de protes-

to às autoridades americanas.

"Recebemos informações de que o museu de Tikrit (cidade natal de Saddam Hussein) foi atingido, assim como o de Mossul e um palácio de Bagdad que alberga uma colecção de objectos da época da monarquia", explica o arqueólogo argelino, autoridade máxima da Unesco em questões de património. Buchenaki também expressou a sua "preocupação" com a situação em Bassorá, uma cidade com importante igrejas da época caldeia e uma arquitetura tradicional muito significativa na cidade velha.

A Unesco tinha advertido os Estados Unidos para a importância do património iraquiano antes do início da guerra, tendo enviado uma carta e um mapa ao observador americano junto da Unesco, acompanhados de uma lista dos museus do país. A organização lembra também a existência de convenções internacionais, principalmente a de Haia, de 1954, sobre a necessidade de protecção dos bens culturais em caso de conflito armado. Segundo os arqueólogos, teria sido necessário proteger cerca de 25 mil locais no Iraque, berço da

Mesopotâmia e antigo califato dos abissidas, consideradas autênticas "jóias da civilização".

A Unesco previu igualmente a ocorrência de saques - como aconteceu após a primeira Guerra do Golfo em 1991 - que na altura resultaram no desaparecimento de quatro mil obras de vários museus das cidades de Bassorá, Karbala e Mosul, mas quanto a isso, de acordo com as notícias que têm corrido mundo, já pouco ou nada haverá a fazer.

Fonte: AFP

solta

PARCEM BOBINES E ESTÃO EMPILHADAS UM POUCO POR TODA A SALA. MAS SÃO PEQUENOS COFRES DE LATA PINTADOS DE BRANCO. FORAM SELADOS E ESTÃO PRONTOS A SEREM DISTRIBUÍDOS. VÃO SERVIR PARA GUARDAR OS DONATIVOS DE QUEM QUISER CONTRIBUIR PARA O PEDITÓRIO NACIONAL QUE A FUNDAÇÃO PORTUGUESA DE CARDIOLOGIA VAI REALIZAR DURANTE TODOS OS FINS-DE-SEMANA DO MÊS DE MAIO. O MÊS DO CORAÇÃO.

“Isto aqui está uma azáfama”, diz João Baptista, um dos responsáveis pela organização do peditório da Fundação Portuguesa de Cardiologia na região Norte. Nas outras delegações, do Centro, de Lisboa e da Madeira, outros ‘Baptistas’ dirão o mesmo. Tudo porque o mês de Maio é de grande actividade para a fundação.

A começar pelo peditório nacional, pois é através dos donativos de pessoas individuais e de empresas que a fundação consegue as receitas que garantem a realização das suas actividades de prevenção de doenças cardiovasculares. E a terminar pela organização das próprias actividades: rastreios, colóquios, seminários, caminhadas, aulas de educação física e tudo o que possa ajudar a população a compreender os riscos cardiovasculares que corre e o modo como os eliminar. Não fosse Maio, o mês do coração.

Anualmente, as acções mais esperadas são os rastreios gratuitos dirigidos à população em geral. As equipas médicas da fundação vão estar espalhadas pelos centros comerciais e supermercados da região Norte [ver caixa Rastreios]. Em cada ‘consulta’, será medido o índice de colesterol total, a tensão arterial e a massa corporal. O objectivo é descobrir se o ‘paciente’ corre ou não risco de vir a ter problemas cardiovasculares.

O programa da fundação para a região do Grande Porto engloba ainda actividades de educação física a decorrer na Praia do Molhe, na Foz do Porto, durante as manhãs de domingo dos meses de Maio, Junho e Julho. Durante essas manhãs, os técnicos da fundação vão ainda fazer alguns rastreios e dar conselhos sobre alimentação saudável e equipamentos adequados à prática desportiva. Está também prevista a realização de seminários e colóquios sobre prevenção cardiovascular.

Rastreios

- 5 Maio > Modelo de Viana do Castelo das 14h às 20h
- 6 Maio > Modelo de Vila Real das 14h às 20h
- 7 Maio > Modelo de Bragança das 14h às 20h
- 13 Maio > Shopping Bom Sucesso (Porto) das 12h às 15h
- 14 Maio > Shopping Bom Sucesso (Porto) das 12h às 15h
- 15 Maio > Shopping Bom Sucesso (Porto) das 10h às 23h
- 16 Maio > Norte Shopping (Porto) das 10h às 24h
- 23 Maio > Braga Parque das 10h às 23h
- 27 Maio > Valongo (Alfena) das 10h às 17h
- 29 Maio > Via Catarina (Porto) das 10h às 22h
- 30 Maio > Arrábida Shopping (Vila Nova de Gaia) das 10h às 23h
- 13 Junho > Gaia Shopping (Vila Nova de Gaia) das 9h às 23h

Fundação Portuguesa de Cardiologia organiza rastreios Quem vê caras...

Sabia que...

- > A hipertensão arterial é a doença cardiovascular que mais pessoas afecta a nível mundial, que metade dos hipertensos não sabe que o é e apenas 10% estarão controlados?
- > A hipertensão não apresenta sintomas e que a única forma de a detectar é medindo regularmente a tensão arterial?
- > Existe um tipo de colesterol protector, o HDL, que promove a limpeza do colesterol (prejudicial) que está em excesso nas paredes das artérias, devolvendo-o ao fígado?
- > O colesterol HDL está frequentemente baixo nos fumadores, diabéticos e sedentários e esta é uma das razões para deixar de fumar e fazer exercício físico?
- > O exercício físico mais recomendável é o dinâmico, em que os músculos se vão contraindo e distendendo, como a marcha, a corrida, a natação, a ginástica aeróbica, o ciclismo, etc. E que o exercício estático, como a musculação, nunca deve ser feito isoladamente?

In “Prevenção Cardiovascular”
de António Cecílio Gouveia,
edição da Fundação Portuguesa
de Cardiologia

Fundação Portuguesa de Cardiologia

Tipo:
Instituição de Utilidade Pública

Objectivos:
Colaborar por todas as formas na promoção da saúde cardiovascular, no tratamento adequado e na reabilitação dos doentes cardíacos.

Direcção:
Manuel Carrageta

Sede:
Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2º D
1070 Lisboa
Telefone: 21 381 50 00

Delegação Norte:
Rua do Paraíso nº184, 3º Esq. Frente
4000-375 Porto
Telefone: 222 038 082/4

Delegação Centro:
Av. Sá da Bandeira, 52 - 1º
3000-350 Coimbra
Telefone: 239 838 598

Delegação Madeira:
Av. Arriaga nº50 1º A
9000-064 Funchal
Telefone: 291 232 803

Página na Net:
<http://www.fpcardiologia.pt>



© fotodesign isto é

SEGUNDO VIGARELLO, OS VIAJANTES DAS DESCOBERTAS E DE ÉPOCAS ANTERIORES DESCREVERAM EXPERIÊNCIA DA INGESTÃO DE SUBSTÂNCIAS, COMO O ÓPIO OU O HAXIXE, EM FUNÇÃO DO PRODUTO MAIS PRÓXIMO CULTURALMENTE – O ÁLCOOL. OS FINAIS DO SÉCULO XVIII, PORÉM, IRIAM ASSISTIR A UMA MUDANÇA NESTE ESTADO DE COISAS. DIVERSOS ESCRITORES CONSEGUIRAM EVOCAR OS EFEITOS DAS DROGAS NUMA PERSPECTIVA VIVIDA E AUTOBIOGRÁFICA, ISTO MUITO ANTES DA TOXICODEPENDÊNCIA SE TER TORNADO UM OBJECTO DIGNO DE ESTUDO CIENTÍFICO.

O consumo de substâncias exóticas, estranhas à cultura europeia, foi finalmente alcandorado a tema literário através do relato autobiográfico de De Quincey. O autor confessa a sua experiência de comedor de ópio, distinguindo conceitos que ainda hoje levantam algumas celeumas: a questão da automedicação, a distinção entre uso e abuso de substâncias.

A obra teve grande sucesso quer pelo o uso de um género pouco utilizado até então, a autobiografia; quer por tratar de um assunto que suscitava curiosidade e atracção, a substância estranha e exótica. O autor abriu pistas, da mesma forma, a uma problemática que, ainda que incipientemente desenhada, vir-se-ia a tornar um tema recorrente até aos dias de hoje: o uso de substâncias pode expandir a experiência de si e, por isso, tornar-se um instrumento de autoconhecimento; pode também usurpar a liberdade de cada indivíduo, alienando-o.

Durante o século XIX a vertente dominante foi a atracção. Existia uma grande curiosidade em relação a um sem número de novas

substâncias. Um igual número de escritores reflectiu sobre elas, relatando as suas aventuras de experimentadores. Desde logo, é sobejamente conhecido o caso de Baudelaire nos Paraísos Artificiais. O haxixe é a substância eleita, cotejada nos seus efeitos e inconvenientes com o ópio de De Quincey. Baudelaire é peremptório: o *haxixe* tem efeitos imediatos muito superiores ao ópio. A situação paradoxal dos efeitos imediatos da substância é, da mesma forma, descrita: o indivíduo vê-se perante um turbilhão de ideias e de projectos, ao mesmo tempo que a sua capacidade de os realizar se encontra seriamente coarctada.

Baudelaire é o caso mais conhecido desta literatura confessional e reflexiva sobre os efeitos de substâncias, mas existem outros como Maupassant e Balzac. Maupassant dedicou alguns textos ao uso do éter. O pequeno conto *Sonhos* põe-nos perante um médico que descreve os efeitos estranhos e atractivos do éter. A plateia de amigos prontamente solicitou o acesso à substância, ao que o médico argumenta: “vão envenenar-se por outro”. O final do conto deixa-nos nas mãos, subtilmente, a contradição inerente ao consumo: a experiência é agradável, em muitos aspectos, mas não deixa de ser um envenenamento.

O século XX viria a acentuar mais a ideia da alienação de si. A vertente não foi ignorada nestes primeiros relatos mas passava quase despercebida. Na maior parte das vezes era uma situação

adivinhada. Balzac afirmou, por exemplo, perante a situação de iminente sobredosagem de cafeína, a sua substância de eleição: “a sábia natureza aconselhou que me abstivesse”.

A alienação de si, no século XX, é muito mais extremada, centra-se na completa perda de controlo dos actos do indivíduo. Uma outra vertente, activista, centra a sua posição na defesa da acção benéfica das substâncias como elementos potencializadores do desenvolvimento pessoal. Correndo o risco de simplificação, os primeiros tiram as suas conclusões a propósito de substâncias da família dos opiáceos; os segundos, a partir de alucinogéneos como o *LSD*, a mescalina, e outras substâncias com algumas características alucinogéneas como o *haxixe*.

O testemunho de Reinaldo Ferreira com o seu livro *Memórias de um ex-morfinómano* é um exemplo



das agruras e do descontrolo que o consumo da morfina pode trazer ao indivíduo.

No livro são descritos alguns momentos aflictivos de abstinência, as dificuldades no tratamento, a ambivalência sentida face à desintoxicação. Burroughs, em diversas obras e excertos autobiográficos, relata o expoente de degradação pessoal que a dependência à heroína lhe fez viver. O relato de um quotidiano organizado em torno da substância está descrito ao pormenor em *Junky* e é um exemplo paradigmático da alienação.

Do lado da descoberta de si, temos Huxley com o famoso relato *Doors of Perception*. Nele defende o escritor as propriedades educativas e reveladoras da mescalina. Da mesma forma, Leary e Lilly experienciaram a aventura de consumo e da viagem psicadélica como uma forma de vida alternativa à quotidiana. Viviam-se os tempos da contracultura norte-americana e a utilização de substâncias era também uma forma de protesto.

Actualmente, o *ecstasy* e as novas drogas ligadas ao movimento nocturno das raves e festas do género, proporcionam um novo contexto de relatos autobiográficos. Mas quando é que entenderemos que as drogas são o que fizemos delas, não possuindo propriedades morais por si mesmas?

Terminamos este texto com a noção helénica de *pharmakon*: a substância não é nada por si mesma, somente o uso é que dita consequências morais. Paracelso, médico renascentista, embebido da mesma cultura, defendia posição semelhante: só a dose é que faz o veneno.

Ficha Técnica

Director e Coordenador editorial José Paulo Serralheiro | **Editor** João Rita | **Editor Gráfico** Adriano Rangel | **Redacção** Andreia Lobo e Ricardo Costa | **Secretariado** Lúcia Manadelo | **Paginação-Digitalização** Ricardo Eirado e Susana Lima | **Fotografia** João Rangel (Editor) | Ana Alvim | Joana Neves.

Rubricas

À **Lupa** Ana Maria Braga da Cruz, *Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher, Lisboa*. Manuela Coelho, *Escola Especializada de Ensino Artístico Soares dos Reis, Porto*. Iracema Santos Clara, *Escola Pires de Lima, Porto*. | **AFINAL onde está a escola?** **Coordenação:** Regina Leite Garcia, **Colaboração:** Gruppalfa—pesquisa em alfabetização das classes populares, *Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil*. | **ANDARILHO Discos:** Andreia Lobo, **Em Português:** Leonel Cosme, *investigador, Porto*. **Galerias e palco:** António Baldaia, **Livros:** Ricardo Costa, **Música:** Guilhermino Monteiro, *Escola Secundária do Castelo da Maia*. **O Espírito e a Letra:** Serafim Ferreira, *escritor e crítico literário*. **O vício das imagens:** Eduardo Jaime Torres Ribeiro, *Escola Superior Artística do Porto*. Paulo Teixeira de Sousa, *Escola Especializada de Ensino Artístico Soares dos Reis, Porto*. | **CARTAS aos professores** convidado do mês | **CARTAS de Mulheres** — convidada do mês | **DA Ciência e da vida** Claudina Rodrigues-Pousada, *Instituto de Tecnologia Química e Biológica da Universidade Nova de Lisboa*. Francisco Silva, *Portugal Telecom*. Rui Namorado Rosa, *Universidade de Évora*. | **DA criança** Raúl Iturra, *ISCTE Universidade de Lisboa*. | **DISCURSO Directo** Ariana Cosme e Rui Trindade, *Universidade do Porto*. | **Do Primário** José Pacheco, *Escola da Ponte, Vila das Aves*. | **Do superior** Adalberto Dias de Carvalho, *Universidade do Porto*. Alberto Amaral, *Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior, Universidade do Porto*. Bártoło Paiva Campos, *Universidade do Porto*. Ana Maria Seixas, *Universidade de Coimbra*. | **E AGORA professor?** — José Maria dos Santos Trindade, Pedro Silva e Ricardo Vieira, *Escola Superior de Educação de Leiria*. Rui Santiago, *Universidade de Aveiro*. Susana Faria, *Escola Superior de Educação de Leiria*. | **EDUCAÇÃO desportiva** Gustavo Pires e Manuel Sérgio, *Universidade Técnica de Lisboa*. André Escórcio, *Funchal*. **EDUCAÇÃO e Cidadania** Américo Nunes Peres, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Chaves*. Miguel Ángel Santos Guerra, *Universidade de Málaga, Espanha*. Otilia Monteiro Fernandes, *Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro, Chaves*. Xesús R. Jares, *Universidade da Corunha, Galiza*. Xurjo Torres Santomé, *Universidade da Corunha, Galiza*. | **EDUCAÇÃO e Comunicação** **Coordenação:** Guadalupe Teresinha Bertussi, *Universidade Nacional do México*. | **ESTADOS Translúcidos** Luís Fernandes, *Universidade do Porto*. Luís Vasconcelos, *Universidade Técnica de Lisboa*. Rui Tinoco, *CAT-Cedofeita e Universidade Fernando Pessoa, Porto* | **ÉTICA e Profissão Docente** — Adalberto Dias de Carvalho, *Universidade do Porto*. Isabel Baptista, *Universidade Portucalense, Porto*. José António Caride Gomez, *Universidade de Santiago de Compostela, Galiza*. | **FORA da escola também se aprende** **Coordenação:** Nilda Alves, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Brasil*. **Colaboração:** Grupo de pesquisa Redes de Conhecimento em Educação e Comunicação: questão de cidadania | **FORMAÇÃO e Desempenho** Carlos Cardoso, *Escola Superior de Educação de Lisboa*. Manuel Matos, *Universidade do Porto*. | **IMPASSES e desafios** João Barroso, *Universidade de Lisboa*. Pablo Gentili, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*. José Alberto Correia, *Universidade do Porto*. Agostinho Santos Silva, *Eng. Mecânico CTT*. **LUGARES da Educação** Almerindo Janela Afonso, Licínio C. Lima, Manuel António Ferreira da Silva e Maria Emilia Vilarinho, *Universidade do Minho*. | **OFNI´s** José Catarino Soares, *Instituto Politécnico de Setúbal*. | **OLHARES: Apontamentos** José Ferreira Alves, *Universidade do Minho*. **Registos** Fernando Bessa, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real*. José Miguel Lopes, *Universidade do Leste de Minas Gerais, Brasil*. Maria Antónia Lopes, *Universidade de Mondlane, Moçambique* **POSTAL de: da Cidade do México**, Guadalupe Teresinha Bertussi, *Universidade Nacional do México*. **do Rio**, Inês Oliveira, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. **de Paris**, Isabel Brites, *coordenação do ensino do português em França*. **do Rio de Janeiro**, Regina Leite Garcia, *Universidade Federal Fluminense, Brasil* | **QUOTIDIANOS** Carlos Mota e Gabriela Cruz, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real*. | **RECONFIGURAÇÕES** **Coordenação:** Stephen R. Stoer e António Magalhães, *Universidade do Porto*. Fátima Antunes, *Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho*. Fernanda Rodrigues, *Instituto de Solidariedade e Segurança Social e CIIIE da FPCE Universidade do Porto*. Roger Dale, e Susan Robertson, *Universidade de Bristol, UK*. Xavier Bonal, *Universidade Autónoma de Barcelona*. | **SOCIEDADE e território** Jacinto Rodrigues, *Universidade do Porto*. | **TECNOLOGIAS** Celso Oliveira, *Escola José Macedo Fragateiro, Ovar*. Ivonaldo Neres Leite, *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil*. Luisa Carvalho e Boguslaw Sardinha, *Escola Superior de Ciências Empresariais de Setúbal*. **TERRITÓRIOS & labirintos** — António Mendes Lopes, *Instituto Politécnico de Setúbal*.|

Administração e Propriedade Profedições. Ida · Porto **Conselho de gerência** Abel Macedo. João Baldaia. José Paulo Serralheiro. | **Registo Comercial** 49561 | **Contribuinte** 502675837 | **Depósito legal** 51935/91 | DGCS 116075 | **Administração, redacção e publicidade** Rua D. Manuel II, 51 – C – 2º andar – sala 2.5b — 4050-345 PORTO | **Tel.** 226002790 | **Fax** 226070531 | **Correio electrónico** redacao@apagina.pt | **Edição na Internet** www.a-pagina-da-educacao.pt/ | **Impressão** Naveprinter, Maia | **Distribuição** VASP - Sociedade de Transportes e distribuição. **Embalagem** AP - embaladora, Ida, Maia | Serviços Agência France Press, AFP. | Membro da Associação Portuguesa de Imprensa – AIND





Diz-se que em Santiago de Compostela até a chuva é uma arte. Mas na cidade tradicionalmente chuvosa, hoje, o dia é solarengo. As ruas da cidade antiga que rodeiam a Catedral parecem ser iluminadas por uma luz divina entrecortada pelas sombras ocasionais dos monumentos. Há um espírito em Santiago... Uma atmosfera de religiosidade sorridente. Com a hospitalidade de Xosé e Víctor, os meus guias accidentais, o caminho até à Sé Catedral ganha contornos históricos.

A penumbra à entrada na Catedral convida a um primeiro acto de contrição moderado pelas luzes dos flashes das máquinas fotográficas dos peregrinos. O «Pórtico da Glória», obra de mestre Mateus, é dos cenários mais cobiçados da Catedral. Pacientes, os apóstolos, os profetas, os anjos, os condenados ao Inferno, os vinte e quatro anciãos do Apocalipse e o próprio Jesus Cristo posam benevolmente para as objectivas.

Xosé e Víctor chamam a minha atenção para as expressões caricatas dos profetas Jeremias e Daniel. A santidade parece ter-lhes fugido dos rostos. Têm um sorriso comprometido e os olhares estão direccionados para a figura de uma mulher incrustada numa coluna que lhes faz frente. Xosé conta-me que a mulher era dona de um grande peito que os profetas estariam (maliciosamente ou inocentemente) a apreciar. Reza a história não oficial da Catedral que nos anos 40 a expressão dos profetas e os dotes físicos da mulher terão incomodado os franquis-

tas. A tal ponto que o peito da figura terá sido 'polido' até aos limites da decência. Porém a expressão dos profetas manteve-se como que a denunciar a mutilação.

Alheio a estas 'estórias' está o Apóstolo Santiago. Afinal é ele o anfitrião do templo. Acima dele um Cristo ressuscitado mostra as palmas das mãos perfuradas na crucificação. A atenção dos peregrinos não está, contudo, em nenhum deles, mas sim em dois rituais que me dizem incontornáveis para quem visita a Catedral.

Um deles consiste em colocar a mão aos pés de David, uma das figuras que compõem a árvore genealógica de Cristo e que estão representadas na haste da

coluna central, e pedir um desejo. Para facilitar o reconhecimento de David ao peregrino mais distraído existe uma reentrância na coluna à medida da mão direita. Uma vez colocada a mão há ainda que fazer uma oração sentida: *Pai-nosso que estais no Céu...; Ave-maria cheia de Graça...; Confesso a Deus todo-poderoso e a vós irmãos que pequei muitas vezes...* E só depois se faz o pedido. Xosé garante que funciona.

O outro ritual destina-se a aumentar a inteligência. Milagre que se consegue batendo três vezes com a cabeça no «Santo dos Croques» (Santo dos Galos) cuja identidade se diz ser a de mestre Mateus, o obreiro de toda aquela Glória.

Feitos os rituais abandonamos a fila para os «croques», cada vez mais longa, e entramos para a nave central.

No interior da Sé, a escuridão toma definitivamente conta do espaço e para grande lamento dos peregrinos não há «flash» que lhe resista. Há, porém, um foco de luminosidade no término da nave central que ofusca os olhos. Na capela-mor tudo é banhado a ouro. E para culminar o esplendor dourado do barroco da capela está a estátua de Santiago à qual acedemos através do deambulatório. Apanhando o apóstolo de costas, manda a tradição que se lhe dê um abraço.

O contacto íntimo com Santiago é, no entanto, constrangido pela presença de um 'guarda-costas'. Sentado de terço na mão, um 'reformado' reza de olhos semicerrados, para se assegurar de que os peregrinos não atentam contra os dourados e as pedras preciosas incrustadas no também dourado manto do apóstolo.

Abandonamos a capela-mor. Mas antes da saída impunha-se uma espreitadela a um outro *ex-libris* da Sé: o «Bota-fumeiro». É o maior incensário do mundo – pesa 80 quilos e mede 1,60 m de altura –, data de 1851 e é obra de José Louzada. Só que para grande tristeza do meu guia, que me queria mostrar tamanha peça, só a pude ver em múltiplas miniaturas expostas nos carrinhos de venda ambulante de recordações. Resta-me ainda assim o consolo de levar comigo uma dessas miniaturas na mala, uma cortesia de Xosé.



foto © isto é

POSTAL de Santiago de Compostela

Andreia Lobo



Editora Profedições Livros em venda directa *

A escola da nossa saudade · Luís Souta · Preço 5,00 ▫ :: **A escola para todos e a excelência académica** · António Magalhães · Stephen Stoer · Preço 6,00 ▫ :: **Carta de chamada: depoimento da última emigrante portuguesa em Habana** · Aurélio Franco Loredó · Preço 4,00 ▫ :: **Como era quando não era o que sou: o crescimento das crianças** · Raúl Iturra · Preço 5,00 ▫ :: **Educação intercultural: utopia ou realidade** · Américo Nunes Peres · Preço 8,00 ▫ :: **Escolas superiores de educação e ensino politécnico: uma década de debates, algumas polémicas e crítica que baste** · Luís Souta · Preço 3,00 ▫ :: **Fiat Lux: regime disciplinar dos alunos e regime de autonomia das escolas** · Manuel Reis · Preço 3,00 ▫ :: **Multiculturalidade & Educação** · Luís Souta · Preço 6,00 ▫ :: **Orgulhosamente filhos de Rousseau** · António Magalhães · Stephen Stoer · Preço 3,00 ▫ :: **Paixão segundo José Saramago** · Conceição Madruga · Preço 4,00 ▫ :: **Pedagogia para a igualdade, uma escola não sexista** · Iracema Santos Clara · Maria Manuela Silva · Ariana Cosme · Preço 2,00 ▫ :: **Por uma escola para todos** · Unidade didáctica · Preço 2,00 ▫ :: **Por uma pedagogia da não violência** · Unidade didáctica · Preço 2,00 ▫ :: **Princípios e orientações para a administração da escola secundária** · Eurico Pina Cabral · Preço 3,00 ▫ :: **Quando eu for grande quero ir à Primavera e outras histórias** · José Pacheco · Preço 7,00 ▫ :: **Ser igual ser diferente, encruzilhadas da identidade** · Ricardo Vieira · Preço 4,00 ▫ :: **Viver Abril com Zeca Afonso** · Unidade didáctica · Preço 2,00 ▫ :: **Pensar o ensino básico** · vários · Preço 5,00 ▫ :: **Por falar em formação centrada na escola** · Manuel Matos · Preço 6,00 ▫



Pacote: 1 exemplar de cada um dos livros desta lista (18 títulos)- Preço único 50,00 ▫

(Envie cheque em nome de Profedições. Ida, no valor de 50,00 ▫, indicado: quero receber o pacote dos livros indicados na venda directa).

Nota: Os preços indicados correspondem à venda directa e têm cerca de 50% de desconto em relação ao preço de venda nas livrarias. Podem ser enviados contra cheque passado em nome da Profedições ou à cobrança. Os pedidos podem ser feitos por qualquer dos endereços indicados no boletim de assinatura de a PÁGINA.

Boletim de Assinatura

Custos da assinatura:

Por 1 ano 20 euros
Por 2 anos 35 euros

Com descontos *sócios dos sindicatos da FENPROF + Estudantes)

Por 1 ano 18 euros
Por 2 anos 33 euros

Venho comunicar-vos que quero ser assinante do jornal a PÁGINA da educação

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____ - _____

Assinatura por:

1 ano _____ de 2003 a _____ de 2004 | 20 ▫

2 anos _____ de 2003 a _____ de 2005 | 35 ▫

Cheque nº _____ do Banco _____

Em nome de Profedições, Ida.

Pedidos de LIVROS e JORNAIS Cheques em nome de Profedições, Ida.

Rua D. Manuel II, 51 C | 2º andar · sala 2.5 | 4050-345 PORTO | Tel.: 226002790 | Fax: 226070531 | E-mail: redacao@apagina.pt

Viagem por uma Galiza em "pé de guerra"

NO DOSSIER DESTE MÊS FAZEMOS UMA CURTA INCURSÃO PELO MEIO EDUCATIVO E SINDICAL GALEGO. MARCADO PELO "CHAPAPOTE" (DERRAMAMENTO) DO PETROLEIRO PRESTIGE, PELO ENVOLVIMENTO DO GOVERNO ESPANHOL NA INVASÃO DO IRAQUE E POR UMA CIRCULAR DAS AUTORIDADES EDUCATIVAS PROIBINDO CARTAZES E OUTRAS FORMAS DE PROTESTO NAS ESCOLAS SOBRE AQUELES DOIS TEMAS DA ACTUALIDADE, A COMUNIDADE EDUCATIVA DA GALIZA ESTÁ EM AUTÊNTICO "PÉ DE GUERRA" CONTRA O GOVERNO DO PARTIDO POPULAR DE FRAGA IRIBARNE E DE JOSÉ AZNAR.

NESTAS TRÊS PÁGINAS, LUGAR PARA UMA ENTREVISTA A XOSÉ BARRAL, DIRIGENTE DA FEDERAÇÃO DE ENSINO GALEGA DAS COMISIONES OBRERAS, O MAIOR SINDICATO ESPANHOL, SOBRE O ACTUAL MOVIMENTO SINDICAL EM ESPANHA, PARA UM ARTIGO SOBRE A SITUAÇÃO DO ENSINO NESTA COMUNIDADE AUTÓNOMA E PARA UM PEQUENO TEXTO SOBRE O PROJECTO "APRENDER A CONVIVER", A DECORRER NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE VIGO. LUGAR AINDA PARA ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E MORADAS DE INTERNET QUE SE PODERÃO REVELAR ÚTEIS NA PESQUISA DE MAIS INFORMAÇÃO.



fotos © isto é

A Escola pública galega precisa de maior iniciativa

Este curso escolar estivo marcado en Galicia e no conxunto de España pola aprobación da Lei da Calidade de Educación, promovida polo goberno español, aprobada no pasado mes de decembro e que polarizou boa parte da actividade profesional e sindical. O Partido Popular pretende con esta lei recuperar parte do ideario educativo da dereita política, ó entender esta formación política que durante anos o que se produciu na educación foi unha perda progresiva de autoridade, da autoridade da escola, do profesor e do propio sistema educativo. Este discurso rancio, con perfís autoritarios, para nada contou co debate e a participación da comunidade educativa, senón que simplemente serviu para artellar unha serie de medidas profundamente retrógradas sen consistencia conceptual algunha. A segregación do alumnado no ensino obrigatorio, a devaluación da participación dentro dos centros educativos, a modificación dos currí-

cula foron a esencia desta reforma reaccionaria, barnizada cun discurso complaciente cara ó profesorado e totalmente vacío de contido.

Esta circunstancia provocou múltiples mobilizacións no sector educativo: pronunciamentos, concentracións, manifestacións e mesmo unha folga no sector educativo en España, no mes de novembro. A presión foi dirixida contra o goberno español, pero a propia Consellería de Educación de Galicia –con amplas competencias en materia educativa– permaneceu dócil e sumisa ás directrices do Ministerio de Educación.

As negociacións comprometidas

Fóra do que foi a contestación á Lei de Calidade, as reivindicacións que en Galicia formulamos á Consellería de Educación centráronse na necesidade de comezar as negociacións en materia de cadros de persoal do ensino in-

fantil e primario. O descenso demográfico e as novas demandas formativas e asistenciais veñen aconsellando unha revisión dos modelos de cadros de persoal. No segundo trimestre deste curso escolar conseguimos abrir esta negociación, estando nestes momentos a punto de se pechar.

Tamén imos dar comezo ás negociacións sobre as retribucións do profesorado do ensino público, pois desde a ano 1990 non se ten producido avance algún. A profunda descentralización política e administrativa operada en España nas dúas últimas décadas, provoca que haxa profesorado do mesmo nivel educativo e coa mesma categoría profesional que perciba uns salarios distintos, según a comunidade autónoma onde traballa. Esta é a razón de que os docentes de Galicia estiveramos nestes momentos por baixo da media de retribucións estatal, feito este recoñecido pola propia Consellería de Educación.

Outra das cuestións que sacamos

a colación como elemento de crítica refírese á formación profesional. Na actualidade estanse dando pasos notables na modernización e na coordinación da formación profesional, da formación regrada impartida nos institutos de secundaria, da formación continua organizada por empresarios e sindicatos e da formación ocupacional para desempregados levada a cabo polas administracións de asuntos sociais e traballo. Mesmo se aprobou unha Lei de Formación Profesional e se suscribiu un Plan Galego moi ambicioso, con orzamento suficiente. A paradoxa nestes momentos é que a xestión da Consellería esta a provocar que non se perciban nos institutos de formación profesional estas mellores, con serios déficits en canto á planificación da oferta formativa de familias profesionais.

continua na página seguinte

Programa educativo “Aprender a conviver”

Ensinar para a paz e para a resolução pacífica dos conflitos é o principal intuito do programa educativo “Aprender a Conviver”, cujo principal impulsionador é Xesus Jares, professor da Universidade da Corunha, que entrevistamos neste número da PÁGINA (ver páginas 11, 12 e 13).

Desenvolvido desde há três anos em 28 escolas públicas e semi-particulares de Vigo pela Consellería de Educación e Muller deste município, este programa educativo pretende redefinir a nossa relação com o conflito e a crítica da violência como forma de resolvê-los. De acordo com a filosofia que lhe está subjacente, o conflito deve ser entendido como uma componente inevitável da vida mas não necessariamente de uma perspectiva negativa. De acordo com os autores, existem situações em que o entendimento positivo ou negativo do conflito depende fundamentalmente da forma de o encarar e não do conflito em si.

O programa nasce da proposta do colectivo galego Educadores/as pola paz – Nova Escola Galega, fundado em Vigo em 1983, sendo o movimento mais antigo em Espanha no que se refere às questões da educação para a paz e convivência. Durante os últimos vinte anos tem organizado e participado em inúmeras actividades de formação, publicado numerosas publicações sobre o tema e instituiu na Galiza o dia 30 de Janeiro como celebração do Dia escolar pela paz.



Servicios complementarios

Noutras materias, a federación do ensino de CC OO considera que a Consellería de Educación e a propia Xunta de Galicia han de abordar con urxencia medidas en canto a servicios complementarios e transporte escolar. Os autobuses escolares, moi numerosos en Galicia pola súa dispersión xeográfica, precisan de persoal de acompañamento ó alumnado, para mellorar a seguridade e gañar en atención. Esta é unha promesa do goberno galego aínda pendente de concreción. En canto ós servicios complementarios, consideramos que se han de incrementar os orzamentos para comedores escolares e actividades extraescolares que se imparten nos propios centros educativos. O financiamento destas actividades corren por conta case exclusiva dos pais e nais, co que se están a dar novas formas de discriminación no alumnado.

Para rematar significamos que o presente curso escolar está a ter un desenvolvemento moi alterado, polas circunstancias sociais e políticas destes últimos tempos. O embarrancamento do petroleiro “Prestige”, a incardinación de España na guerra de Iraq e a pésima xestión dos goberno galego e español están a provocar unha forte contestación no sector educativo, así como no conxunto da sociedade.

Texto colectivo da Federación de Ensino
das Comisiones Obreras (CC OO) da Galiza

Autoridades Educativas galegas decretam censura interna

O goberno espanhol acusou as escolas galegas de estarem por trás de um movimento de “manipulação” dos estudantes, utilizando-os nos protestos contra a guerra no Iraque e no caso do petroleiro “Prestige”. Sem que nada o fizesse prever, a Conselharia de Educação espanhola emitiu uma circular proibindo cartazes e outras formas de protesto nas escolas. O presidente da Junta de Galiza, Manuel Fraga Iribarne, ameaçou mesmo os responsáveis das escolas com “sansões disciplinares” caso desrespeitassem a ordem.

A questão despertou vivos protestos na comunidade educativa. A Confederação de Associações de Pais das Escolas Públicas da Galiza (Confapa), juntou-se aos professores exigindo a revogação da circular e lamenta que ela tenha sido justificada pelas autoridades com alegadas queixas dos encarregados de educação. Nuria Martínez, presidente da Confapa, desmentiu que se tenham registado queixas dos pais e reiterou o direito de os alunos “expressarem aquilo que pensam”, lamentando que aquele órgão do governo autónomo se tenha “desprestigiado” com a medida adoptada. Diversos colectivos de professores desafiaram a imposição por a considerarem um “acto de censura”.

Apesar de o goberno galego andar a tentar serenar os ânimos, nomeadamente ao convocar reuniões com os representantes das escolas, a circular ainda não foi revogada. É que as eleições municipais realizam-se já este mês e voltar atrás com a decisão constituiria uma derrota política para o governo de Fraga.

Xosé Barral Sánchez é, desde 1996, SECRETÁRIO-GERAL DA FEDERACIÓN DE ENSEÑANZA GALEGA DAS COMISIONES OBRERAS (CC OO), o maior SINDICATO DE PROFESSORES DO PAÍS VIZINHO. FALAMOS COM "CHIÑO", COMO É CONHECIDO ENTRE OS COMPANHEIROS, A PROPÓSITO DAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES SINDICAIS EM ESPANHA - ONDE AS CC.OO REFORÇARAM A SUA REPRESENTATIVIDADE -, SOBRE A CRESCENTE OFENSIVA DO SECTOR PRIVADO NA EDUCAÇÃO E DO PAPEL DOS MOVIMENTOS SINDICAIS NA DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA.

Quais são as actuais preocupações dos movimentos sindicais de professores, e da Federação de Ensino das Comisiones Obreras (CC OO) em particular, na Galiza e em Espanha? A Lei de Calidade Orgánica de la Educación, aprovada recentemente no parlamento espanhol, é seguramente uma delas...

Com efeito, a Lei Orgánica de Calidade da Educación (LOCE) é neste momento o primeiro elemento de preocupação para a CC OO na Galiza e no restante território do Estado espanhol. Esta iniciativa legislativa partiu de uma determinação política do Partido Popular, uma vez que conseguiu a maioria absoluta nas eleições gerais do ano

por uma política educativa nitidamente conservadora em todas as frentes.

Como caracterizaria o movimento sindical de professores em Espanha? Até que ponto têm influência nas decisões governamentais? Os professores galegos têm ganho consciência da importância do papel dos sindicatos na sua vida profissional?

Os sindicatos de professores movimentam-se num espectro que vai do corporativismo profissional (ANPE, CSIF) até aos sindicatos que denominamos de "classe", no sentido em que estão vinculados a um conjunto de sectores produtivos e integrados nas confederações sindicais de trabalha-

professores do ensino secundário e de professores vinculados.

Quanto à influência nas decisões governamentais, as organizações sindicais devem ganhar permanentemente esse terreno, pois as administrações dificilmente admitem sugestões externas.

Têm conseguido aumentar a vossa base de apoio? Pelo que sei, a CC OO aumentou a sua representatividade nas últimas eleições...

Como provavelmente saberá, a representatividade sindical na Galiza e em Espanha é estabelecida em função dos resultados nas eleições sindicais. Nas últimas eleições sindicais, realiza-

sistido a uma forte ofensiva no sentido da privatização da educação. Que consequências tem para a classe e como têm reagido os sindicatos de professores?

Efectivamente, em Espanha, tal como em outros estados europeus, a privatização do ensino está a avançar de forma imparável. O sector do ensino privado em Espanha tem um peso notavelmente maior do que em Portugal e está ligado, maioritariamente, à poderosa igreja católica. O ensino privado aumenta anualmente as suas dotações orçamentais, mas os sistemas de controlo das verbas públicas aplicados nas suas escolas são cada vez mais ténues.

A privatização, sendo parte de um

dossier



fotos © Isto é

"É preciso construir um novo discurso em torno da escola pública no meio político, na sociedade e na própria classe docente".

2000. O governo espanhol decidiu apresentar a lei sem qualquer tipo de debate público, sem abrir os mínimos canais de comunicação com a comunidade educativa, com os governos das comunidades autónomas e com as forças políticas do parlamento. A Lei foi aprovada apenas com os votos do Partido Popular, com uma forte oposição das restantes forças políticas.

Actualmente, aguardamos o desenvolvimento da lei por capítulos: modificação dos currículos, repercussões destas mudanças nos quadros de pessoal, itinerários no ensino secundário obrigatório, mudanças nos órgãos de gestão dos estabelecimentos de ensino, mudanças no sistema de eleição dos presidentes dos conselhos executivos. Lamentavelmente, estamos numa espécie de posição defensiva, com o governo espanhol a im-

dores: CC OO, UGT e CIG. Além das diferenças conceptuais, o que distingue fundamentalmente uns sindicatos de outros é que o sindicato confederal não reivindica exclusivamente em função das aspirações dos professores, mas também tendo em vista a melhoria geral do sistema educativo, a melhoria do ensino, a melhoria de um serviço social essencial para a sociedade e para os próprios trabalhadores.

A vinculação dos professores às organizações sindicais estabelece-se em função da sua afinidade ideológica, mas também pelos serviços oferecidos e pelo grau de eficácia na resolução dos problemas individuais. Em algumas comunidades autónomas temos assistido nos últimos tempos a uma maior presença de sindicatos e de associações de professores de carácter mais específico, como sejam de

das em novembro do ano passado, os sindicatos que aceitaram de forma mais ou menos explícita a Lei de Calidade da Educación (ANPE e CSIF) sofreram um sério revés. Pelo contrário, as organizações sindicais críticas em relação ao Ministério da Educação obtiveram resultados muito favoráveis. Nesse contexto, a federação de ensino da CC OO revalidou, uma vez mais, a sua maioria sindical no sector educativo.

A par deste processo eleitoral, o nosso sindicato também assistiu a um aumento de afiliados. Apesar de o número de professores associados à CC OO estar ainda longe dos números atingidos em Portugal, continuamos a avançar de forma notável em todas as comunidades do Estado.

A Espanha, tal como Portugal e os restantes países europeus, têm as-

discurso ideológico liberal, conta com cada vez mais apoios na sociedade, em todas as classes sociais. Para inverter esta tendência, é preciso construir um novo discurso em torno da escola pública no meio político, na sociedade e na própria classe docente. A construção deste novo discurso supõe um esforço sério de análise, de reflexão e de sentimento colectivo. Porém, uma grande percentagem dos próprios professores é tremendamente adversa em enfrentar esta discussão, refugiando-se numa postura imobilista e conformista.

Pensamos que o papel das organizações sindicais também passa por aqui, denunciando a actuação das administrações e potenciando um debate social e profissional sobre a escola pública. A complexidade das nossas sociedades requiere mais e melhores respostas às solicitações da instituição escolar.

Entrevista conduzida por
Ricardo Jorge Costa

JORGE MARMELO
É UM DOS MAIS JOVENS
AUTORES PORTUGUESES.
NASCEU NO PORTO EM 1971
E É JORNALISTA DESDE 1989.
ESTREOU-SE NAS LETRAS
EM 1996 COM O LIVRO
“O HOMEM QUE
JULGOU MORRER DE AMOR
O CASAL VIRTUAL”.
DESDE JULHO DE 2001,
O SEU NOME CONSTA
DO “DICIONÁRIO
DE PERSONALIDADES
PORTUENSES DO SÉCULO XX”,
DA PORTO EDITORA,
SENDO O MAIS JOVEM
DOS NOMES BIOGRAFADOS.
ENTREVISTAMO-LO
A PROPÓSITO DO SEU
ÚLTIMO LIVRO “OITO
CIDADES E UMA CARTA
DE AMOR”, PUBLICADO
RECENTEMENTE PELA
EDITORIA CAMPO DAS LETRAS.



© foto isto é

"Pior do que as críticas boas,
ou melhor do que as críticas más,
é o desinteresse da crítica
em relação ao meu trabalho".

Desde quando escreve?

Bom, já escrevo desde a primeira classe... (risos) e cheguei a produzir alguns textos na adolescência, mas sem qualquer tipo de pretensão literária... Foi o exercício diário enquanto jornalista que me permitiu amadurecer a escrita e aventurar-me nela com mais confiança. Era um sonho de adolescente que nunca esperei concretizar até ao momento em que resolvi tentar de facto.

Ainda guarda alguns dos escritos desse período?

Creio que sim, algures numa gaveta...

Nunca pensou em aproveitá-los para trabalhos mais recentes?

De vez em quando utilizo algumas ideias. O primeiro livro que tentei publicar, de contos, baseava-se em algumas das histórias que escrevi nessa altura. Mais recentemente, a Editora Asa convidou-me para participar numa colecção de origem brasileira, chamada "Literatura ou Morte", onde escritores vivos escrevem ficções em torno da morte de escritores já desaparecidos. A Asa convidou-me para fazer um livro em torno da(s) personalidade(s) de Fernando Pessoa e acabei por repescar algo que tinha escrito há mais de treze anos.

Sentiu com certeza o peso do livro publicado por António Tabucchi, "Os Últimos Três Dias de Fernando Pessoa..."

Essa foi uma das questões mais difíceis de resolver no meu trabalho. Logo à partida porque as referências a José Saramago e O Ano da Morte de Ricardo Reis, e António Tabucchi, com o livro que referiste, são praticamente inevitáveis - O Ano da Morte de Ricardo Reis é, aliás, o meu livro preferido do Saramago. De qualquer modo o desafio pareceu-me tão interessante que achei que não poderia recusá-lo com base nesse argumento.

Como é ser um jovem escritor em Portugal? Pode viver-se exclusivamente da escrita?

Penso que hoje é mais fácil publicar livros do que há alguns anos atrás. As editoras optaram por uma estratégia de lançar novos autores no mercado e aguardar pela reacção do público. Muitos jovens autores beneficiam dessa política e torna-se mesmo difícil acompanhar todos os nomes que vão saindo. Obviamente que não se é escritor pelo simples facto de se lançar um livro. Eu próprio não sei se o serei, porque não vivo exclusivamente da escrita. No entanto, há exemplos de quem tenha conseguido em pouco tempo afirmar-se no meio e passar a escrever a tempo inteiro, como o Pedro Rosa Mendes e o José Luís Peixoto, mas esses são casos excepcionais. O primeiro livro do Pedro Rosa Mendes, por exemplo, foi publicado em vinte países, o que faz

com que ele já não esteja dependente do nosso mercado para sobreviver.

Mas afinal somos ou não um mercado de 200 milhões de leitores? É preciso ver que os livros portugueses praticamente não chegam ao Brasil...

Porquê? As editoras portuguesas não apostam no mercado brasileiro? Além de não apostarem, os livros pagam muitas taxas no transporte e noutros processos burocráticos... Ou se consegue que uma editora brasileira publique lá o livro ou torna-se difícil. Por vezes é mais fácil publicar em Espanha ou em França...

O Brasil tem alguma política pro-teccionista em relação a escritores portugueses?

Não, penso que é desinteresse. Eles têm um grande número de autores e provavelmente acharão o nosso mercado pouco interessante. O José Saramago é uma das excepções que confirma essa regra.

A crítica influencia a sua maneira de escrever?

Tenho recebido todo o tipo de críticas, mas pior do que as críticas boas, ou melhor do que as críticas más, é o desinteresse da crítica em relação ao meu trabalho. Já tenho nove livros publicados e começo a sentir que quando lanço um para o mercado é apenas mais um, por isso não vale a pena dar importância à crítica. De qualquer modo, do ponto de vista literário, a crítica não me influencia.

Ao longo da tua obra tem escrito essencialmente ficção. Nunca quis sair dessa linha e aventurar-se em outros estilos?

O meu primeiro livro, lançado há sete anos, incluía uma pequena peça de teatro que chegou a ser levada à cena. Depois disso já tive alguns convites para voltar a escrever para teatro, e mesmo para cinema, que aceitei mas nunca cheguei a concretizar. Não é uma linguagem com a qual me sinta perfeitamente à vontade... A ficção sai-me naturalmente, não preciso de estar preocupado com questões técnicas. Tudo isto não impede que um dia destes não decida concretizar esses convites

Ao contrário do que possa pensar quem está no papel de leitor, a actividade de um escritor faz-se também de um trabalho diário, de persistência...

Alguém referiu uma vez que a inspiração pode ir e vir, mas quando ela aparece é melhor que se esteja sentado a trabalhar e aproveitá-la... Ou seja, quanto mais tempo se dedicar à escrita maiores probabilidades haverá de a inspiração te apanhar num desses momentos.

Este último livro, Oito Cidades e uma Carta de Amor, surgiu a partir de uma viagem...

Não, surgiu a partir de um conjunto de fotografias tiradas em viagens que fui fazendo, tanto por motivos profissionais como por motivos pessoais. As fotografias acabaram por servir como que um bloco de notas para a escrita de um conjunto de oito ficções em volta das cidades nelas retratadas.

Comecei a escrever este livro por altura dos acontecimentos de Nova Iorque e ele acaba por abordar esse sentimento de incomodidade que actualmente perpassa o mundo, que teve ali um marco e continua a ter implicações no quotidiano, nomeadamente como argumento para a guerra no Iraque. Na altura, referi durante a apresentação do livro que a guerra não serviria para atenuar a instabilidade latente no mundo e creio que depois dela podemos continuar a afirmar a mesma ideia: esta guerra não serviu para que nos sintamos mais seguros e pode até ter um efeito contraproducente.

Apesar de não ser um livro explicitamente político, alguns textos têm uma certa conotação com acontecimentos políticos, tanto no conto sobre Nova Iorque, directamente relacionado com o 11 de Setembro, como no de Madrid, onde faço referência à ETA, ou no texto sobre Praga, onde estabeleço uma relação com o provável facto de os terroristas que perpetraram o ataque terem passado por ali - na minha imaginação posso ter-me cruzado com aquelas pessoas pelas ruas de Praga... No fundo, é um livro que não abordando declaradamente esses sinais de insegurança acaba por ser atravessado por eles.

Tem uma afinidade bastante próxima com escritores de origem sul-americana e principalmente brasileira. Fascina-o a literatura daquele continente?

Não limitaria esse meu interesse aos escritores sul-americanos. Interessa-me toda a literatura de origem ibérica. É uma proximidade que provavelmente se deverá ao facto de a linguagem e as realidades me serem mais próximas. Tenho, evidentemente, interesse por escritores de outras línguas, mas estes cativam-me particularmente. Nesse sentido, identifico-me bastante com as "Correntes de Escritas" de raiz ibero-americana, que se realizam há já quatro anos na Póvoa do Varzim.

Há pouco quando me perguntaste porque razão os livros não chegam ao Brasil... eu acho que podem chegar ao Brasil e ao mercado de língua castelhana quanto mais não seja porque temos raízes muito próximas, e não faz sentido nenhum estarmos de costas voltadas. Sendo um país pequeno, temos toda a vantagem de voltarmos a relacionar-nos com esse mundo ibérico.

Mantem contactos regulares com esse universo de escritores? Há cerca de um ano e meio, por exemplo, apresentou em Portugal a obra de uma jovem escritora brasileira, Patrícia Melo...

Sim, foi algo que foi surgindo naturalmente e eles sempre estiveram receptivos a essa ligação. A selecção da Patrícia Melo começou curiosamente através de uma notícia no jornal espanhol "El País", onde tive conhecimento de uma edição em castelhano de uma escritora brasileira, que por cá nunca ninguém tinha ouvido falar. E que demonstra bem como um livro brasileiro pode chegar mais facilmente ao mercado espanhol ou norte-americano do que a Portugal... Nessa altura arranjei um livro dela, escrevi sobre ele no Público e na revista Ler e, entretanto, surgiu a oportunidade de editar a obra dela na Campo das Letras. Desde então tenho mantido um contacto regular com ela bem como com outros escritores brasileiros. Apesar dos milhares de quilómetros que nos separam, muitas vezes é mais fácil mantermos contacto com eles do que com escritores portugueses, não sei bem porquê...

Acha que os escritores portugueses se fecham sobre si próprios?

Acho que os escritores portugueses têm pouca noção de grupo. Ainda na última edição das "Correntes de Escritas", antes de se ter iniciado a guerra no Iraque, aconteceu algo curioso e que nos devia fazer reflectir: apesar de se ter condenado muito a atitude dos Estados Unidos, acabaram por ser os escritores espanhóis a tomar a iniciativa de aprovar uma moção a condenar a guerra - talvez exactamente pelo facto de se relacionarem mais de perto uns com os outros.... Não há mal nenhum que eles tenham avançado com ela, mas torna-se ridículo se pensarmos que estávamos em Portugal e a maioria dos escritores presentes eram portugueses.

Que projectos tem em mãos?

Tenho o lançamento para breve do tal livro da colecção "Literatura ou Morte", e estou a preparar um outro que, embora não o deva exclusivamente a mim, porque tem origem numa história que a minha filha escreveu e que eu depois trabalhei, representa a minha primeira incursão no universo da literatura infantil. Depois estou ainda com dois ou três projectos a meio na área da ficção, que, no entanto, ainda não sei bem como irão terminar.

Apesar de considerar que tenho conseguido manter um nível regular de produção, ninguém consegue escrever diariamente com a mesma vontade. Confesso que nesta altura está a ser-me difícil escrever, mas daqui a algum tempo voltarei certamente a ter um novo folêgo.



© foto isto é

Totalitarismo liberal

Nos tempos de hoje, as ideias parecem sobretudo envoltas em exercícios de retórica sem credibilidade prática. As palavras limitam-se à forma e perdem o conteúdo devido aos actos de quem as usam. Liberdade, democracia, solidariedade estão vulgarizadas, diria mesmo, vilipendiadas por aqueles que em nome delas praticam as maiores barbaridades e as políticas mais reacionárias, desde que nos meados do século passado se pôs fim ao nazi-fascismo alemão.

Esta constatação tanto serve para os grandes acontecimentos mundiais (Guerra no Iraque), como para as políticas de cariz mais nacional (se bem que enquadradas num movimento global de fascização e prepotência do grande capital), como é o caso do actual movimento dito "modernizador" levado a cabo pelo governo português.

No trabalho, na saúde, na assistência social, na educação, os números tomam o lugar da humanidade, a

lógica do lucro instala-se e tudo pretende absorver, o mercado é referência exclusiva às diversas políticas sectoriais, impõe-se o pensamento único de feição neoliberal, anunciando uma nova era de arrogância intelectual, essencialmente formal e vazio de ideias, configurando novas fórmulas de obscurantismo.

Interessa, sobretudo, àqueles que dominam as esferas do poder, usando o governo para designios exclusivamente economicistas, formar indivíduos de mentalidade subserviente, acrítica e apolítica, altamente qualificados na tarefa específica que desempenham, mas indiferentes ao mundo que os rodeia naquilo que este tem de fraternidade e preocupação pelo Outro. Ao poder da nova direita não importa formar cidadãos na verdadeira acepção da palavra.

Cidadania significa participação responsável e livre na vida pública, crítica, construtiva, mas sem nunca abdicar do pensamento individual e da opinião fecunda de cada um.

Assim se explica a política educativa que o governo pretende implementar. Desvirtuamento da aprendizagem da cidadania através de lógicas empresariais na administração escolar e nas intenções pedagógicas, culpabilização, levada ao paroxismo, do professor do ensino público pelos males da sociedade, (naturalmente servindo os interesses de alguns sectores privilegiados do privado), meritocratização da avaliação em função de critérios de duvidosa credibilidade, a saber: educar para a competitividade desenfreada e exclusão de quem não se revê nesse projecto de sociedade.

Saliente-se que o neoliberalismo é fundamentalmente totalitário. Surge camuflado em ideias herdadas do idealismo profícuo do século XIX, mas as palavras são utilizadas ardilosamente de forma a iludir o cidadão menos avisado para se defender das meras habilidades intelectuais dos agentes subservientes dos grandes interesses capita-

listas. Estas são as intenções do actual governo. Estes são os desígnios do obscurantismo neoliberal que avassala o mundo de hoje. A educação desempenha aqui um papel fundamental; para uns será o instrumento através do qual se imporá mais facilmente a nova ordem; para outros será sinónimo de resistência, o meio através do qual se derrotará a reacção. Urge actuar no sentido de combater o primado do lucro e do dinheiro, com a firmeza de uma luta laboral coerente e solidária da parte dos professores, opondo-se à mercadorização da escola e à menorização do seu papel no contexto da definição das políticas educativas. A inacção, a indiferença e o temor são o que pretende o actual governo e seus ministros com a sua arrogância e o poder de uma maioria democrática parlamentar, que não respeita a liberdade dos cidadãos nem protege os fracos contra a opressão dos poderosos.

Paulo Frederico
Ferreira Gonçalves
Professor do 2º ciclo
da E.B. 2/3 de S. Torcato
- Guimarães

Terei sido enganado pela Lei de Bases?

Foi-me concedida uma licença sabática no ano lectivo de 1999/2000, na vertente de investigação. Li na Lei de Bases, ponto 4 do art. 35º, que "serão atribuídos aos docentes períodos especialmente destinados à formação contínua, os quais poderão revestir a forma de anos sabáticos". Tive, portanto, um ano lectivo inteiro de formação contínua, conse-

guido mediante projecto ido a uma seriação por parte do Ministério.

O relatório final foi entregue à DGAE, tendo sido aceite. Como é normal, pretendi obter as unidades de crédito decorrentes do ano sabático.

O Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua - única estrutura nacional do assunto - informou-me que não me é possível

obter créditos "por falta de enquadramento legal". O recurso hierárquico que apresentei teve como resposta o mesmo. Eis-me a recorrer ao serviço de contencioso do SPN.

Há alguma legislação que exclua as licenças sabáticas na vertente de investigação de poderem obter créditos?

O dito Conselho apenas identifi-

ca os cursos e respectivos menus, fá-los equivaler a créditos, mas é incapaz de avaliar um trabalho na vertente científica?

Posto isto, concluo que fui enganado pela Lei de Bases; alguém se esqueceu de escrever que, para creditação, só servem as sabáticas que coincidam com teses, e as acções pontuais onde todos podem participar.

Franklin Pereira
Professor, Braga



A Fossa

O Abílio vive no meio de um terrível abandono que partilha com mais quatro irmãos e de fome que chega a durar alguns dias, até à chegada do Rendimento Mínimo do mês seguinte. A mãe mora no café da aldeia, onde joga às cartas até às quatro horas da manhã para ganhar garrafas de Vinho do Porto. E ganha-as mesmo. A sua casa é um casebre que se vislumbra no meio da lama da entrada e por entre couves mais altas do que ele que servem para o caldo. Em dias de festa há arroz com chouriço e quando a sorte sorri lá vem uma iguaria sem igual: abre-se uma lata de feijoada e dá-se um pacote de batatas fritas a cada um. Quando não tem nada para comer, o Abílio alimenta-se da brincadeira da rua.

O Abílio passeia pela escola com um passo gingão e um sorriso de gaiato nos lábios. Quando a vida não lhe corre bem e chega um ralhete, põe uma cara de bicho do mato e amua. Mas passa rápido e volta o sorriso tímido ao seu rosto. Razões para amuar não tem, segundo diz a mãe.

Desde sempre que o álcool foi seu companheiro fiel e o coração balança entre o branco e o tinto, mas do que ele gosta mesmo é de sopas de burro cansado. Quando lhe falam nisso, acena com a cabeça, os seus olhos ganham um brilho especial e parece até lambear as pingas do precioso néctar que poderiam escorrer pelo canto da boca.

No outro dia, os meninos da escola foram todos a Esposende. Foram visitar a ETAR: Empresa de Tra-

tamento de Águas Residuais. Vá-se lá saber o que quererão os doutos docentes com visita a tão pomposo local, poderia ele ter pensado. Ora bem, tem a ver com o projecto educativo do agrupamento, tem a ver com o projecto curricular da área geográfica, tem a ver com o projecto curricular da turma, etc. Desconhece porém o nosso Bilinho que o professor não acredita em nada disto e para não arranjar sarilhos com ninguém chamou ao seu projecto curricular “A Aplicação da Teoria das Janelas de Oportunidade ao Projecto Curricular”. Se não surgirem janelas, o professor já disse a um amigo que não se importa de ser uma trepadeira para subir os muros. Mais do que teorizar sobre os projectos e de os encher de setas que na maioria das vezes não significam coisa nenhuma, importa ao professor que cada um possa construir o seu próprio projecto.

Mas voltemos à ETAR, que o Abílio não tem nada a ver com as dissertações psico-pedagógicas do professor. A dita ETAR deve ser bem longe pois o professor à partida da camioneta deu a muitos meninos meio comprimido para o enjoo. Sabia mal, mas não havia nada a ajudar para ir para baixo. Quanto a ele não havia perigo de enjoo: tinha ido em jejum, como sempre aconselhava a mãe, mesmo quando o passeio era de algumas dezenas de metros até à escola. O Abílio tem a certeza que a escola não é enjoativa: vai muitas vezes em jejum para a escola.

Chegados à ETAR depois de uma viagem realmente longa e enjoativa,



© foto isto é

a senhora engenheira responsável pela visita fez uma longa dissertação sobre a importância do tratamento das águas residuais, sobre a transformação da água na ETAR, sobre datas de entrada em funcionamento, sobre as grandes virtualidades deste sistema, sobre tudo. Sobre nada, como veremos mais à frente. Como se há-de importar o Abílio com a ETAR se ele não tem uma casa de banho decente e vai “cagar ao eido”, como ele diz e como fazem os porcos que habitam consigo e que são o sustento para o arroz com chouriço?

Depois de se ter visto a água a entrar e a sair de máquinas mais ou menos imponentes, de ter reparado no cheiro a estrume que por ali se sentia, de ter ouvido falar de estudos de impacto ambiental, de se ter dissertado de forma altiva sobre a importância das bactérias e de ter percebido que as bactérias não pas-

savam fome por comerem poluição, foi dado o tiro de partida para o regresso à escola.

À chegada, houve um colega que resumiu o seu sentimento quanto à visita de estudo ao referir que durara muito mais a viagem do que a visita propriamente dita, mas isso ainda era o menos e esta visita fizera mesmo confusão à cabeça do Abílio. Estava feliz por ter chegado. Ainda por cima não tinha enjoado. Era natural, os conselhos de mãe são sempre os mais sábios.

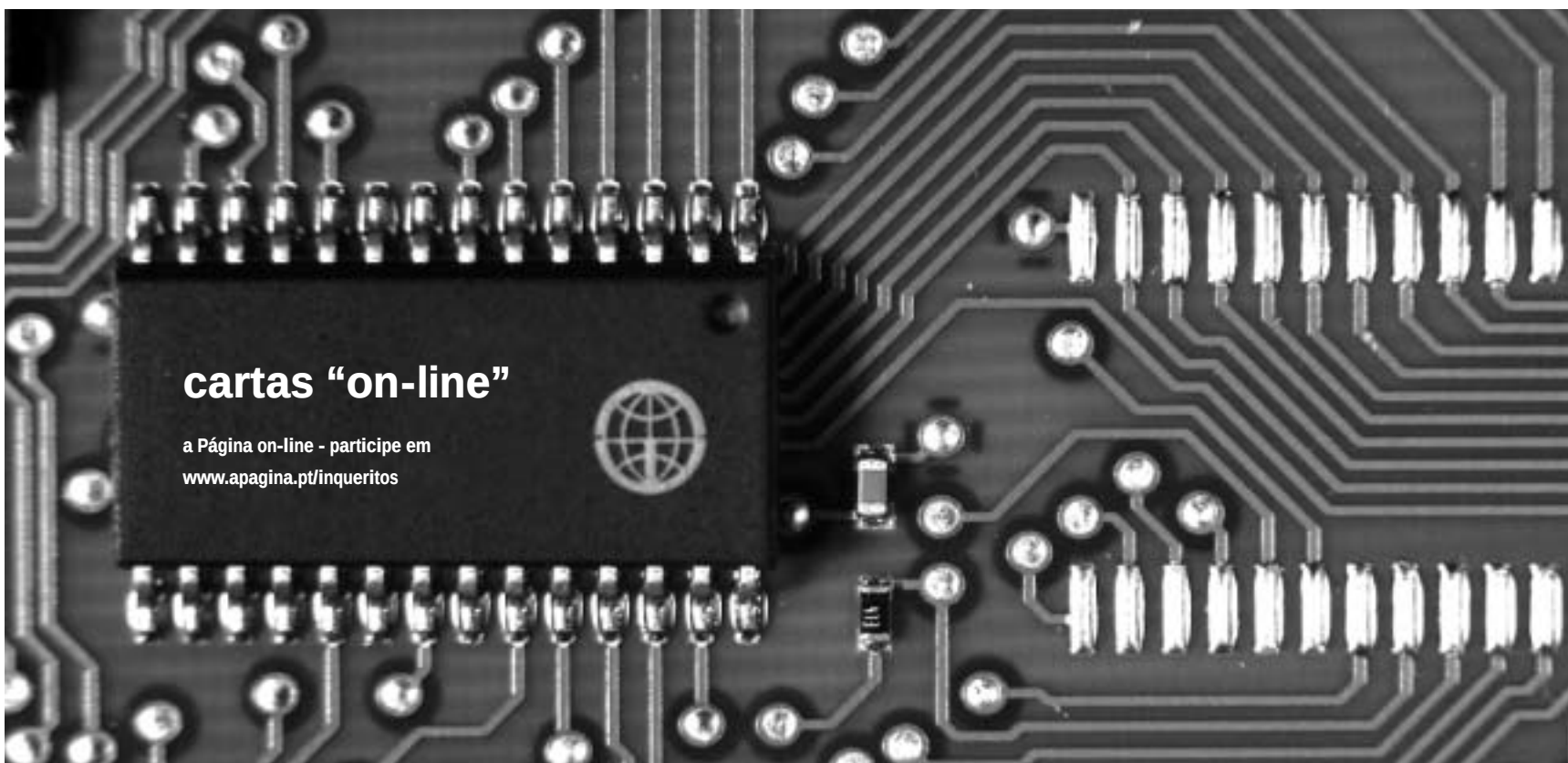
Foi para a cantina da escola pronto a comer a sua canja e o frango assado da praxe, que isto dos nitrofuranos ainda só existia em ficção científica e são males que não chegam às aldeias minhotas, muito menos a cantinas novas e acabadinhas de inaugurar, quando foi confrontado com uma questão de resposta óbvia:

— Aonde foste, Abílio? — perguntou, simpática, uma das senhoras da cantina.

— Ver uma fossa cheia de merda. — retorquiu ele, mais interessado na canja que aguardava em cima da mesa da cantina.

Aquela meia dúzia de palavras, proferida de forma despreocupada e descomplexada, foi a descrição mais perfeita da visita de estudo realizada pouco antes. O professor riu, mas andou a reflectir nesta frase lapidar que encerrou a visita.

Pois é, caro Abílio, até tu sabes que isto de projectos só resulta se cada um o sentir como seu. Se for importante para cada um de nós. Pena que outros bem maiores ainda não se tenham apercebido desse facto.



© Isto é

1. A política internacional do Governo Americano é:

- positiva
- negativa

O governo de Bush é nazi-fascista

A política do governo de Bush, no essencial, não se distingue da de Hitler. O ditador alemão considerava o povo alemão como um povo superior a quem assistia o direito de dominar e de impor a sua vontade a todos os povos. Considerava o uso da força como um recurso legítimo para impor as suas ideias e os seus interesses. Tratava todos os outros povos como inferiores. Considerava ser possuidor da verdade absoluta. Ora, actualmente, Bush e os que o rodeiam têm estas mesmas características. O governo americano também se considera superior e sujeito de todos os direitos e julga-se com o direito de impor a sua vontade e os seus interesses aos outros povos. Por isso o governo de Bush é um governo nazi-fascista.

António Teixeira

Um perigo para a humanidade

A actual política do governo de Bush é extremamente perigosa para o mundo. Os EUA possuem as armas de destruição maciça mais perigosas do mundo. Também possuem armas químicas em abundância. Os membros do governo americano, a começar pelo presidente, são loucos e desequilibrados.

Este governo é uma enorme ameaça para toda a humanidade.

Adão Preto

"Pax americana"

O 11 de Setembro abriu uma porta para a prepotência americana se impor com o maior despudor. Devido à

brutalidade e estupidez do terrorismo fascista e anti-semita dos palestinianos e seus fanáticos seguidores, temos agora que aguentar a barbárie toda poderosa dos americanos.

Acrescente-se um anti-comunismo primário a recordar constantemente os crimes de uma União Soviética que já não existe (mas que equilibrava o xadrez geopolítico internacional impedindo a ideologia expansionista da direita norte-americana) e temos todos os ingredientes para se estabelecer uma "pax americana" à qual todos temos de nos sujeitar.

Paulo Frederico Gonçalves

2. No quadro das relações internacionais a ONU:

- continua a ter importância
- já não tem importância

A ONU é Indispensável

Os Estados Unidos da América querem assumir o papel de império. Não estão por isso interessados em nenhuma organização que, melhor ou pior, obrigue à partilha de poder. Não estão, por isso, interessados na ONU.

Algumas pessoas criticam a ONU dizendo que esta não funciona. Ora a ONU é o que os países quiserem que seja. Se não funciona, o problema não está na organização mas nos países que a constituem. Cabe aos países perder o medo ao império e desenvolver políticas que conquistem as opiniões públicas do mundo. Os que ficarem de fora ficarão fora da lei.

Deve rever-se o funcionamento do Conselho de Segurança. Já não faz sentido haver 5 países com direitos especiais. O Conselho de Segurança deve ser rotativo e em vez de 15 membros deve passar a ter um número maior (25/30, por exemplo). Deste modo será mais difícil manipular os países

representados. Deve haver decisões por maioria simples e em casos de maior complexidade (declarações de guerra, por exemplo) deve ser necessária uma maioria de dois terços.

A organização continua a ser indispensável. Só não será se aceitarmos o regresso à lei da selva.

Sandra Almeida

Um mundo gerido por todos

Mesmo quando o mundo não estava globalizado, já os povos sentiam necessidade de terem um lugar, onde pudessem discutir os seus problemas e os problemas do mundo. Agora que o mundo está globalizado, essa necessidade é ainda maior.

Actualmente os problemas de locais rapidamente se transformam em mundiais. Veja-se o caso agora da gripe que tendo aparecido (ao que se julga) na China, rapidamente se espalhou pelo mundo. A SIDA é também um problema mundial.

Quando leio na nossa imprensa afirmações de indivíduos que põem em causa a necessidade da ONU, que profetizam a sua falência e que afirmam (na prática) o direito de um só Estado governar o mundo, sei que estou perante loucos ou idiotas. O problema é que estes idiotas têm aceitação pública.

Joel Ferreira

3. As escolas frequentadas por menos de 5 alunos devem:

- encerrar
- manter-se em funcionamento
- tenho dúvidas sobre a melhor solução

Escolas com 5 alunos

Não conheço o mapa do 1º ciclo do E.B., o que seria imprescindível para

responder a esta pergunta, mas penso que uma escola com 5 alunos pode ser altamente rentável, se para além de servir essas crianças, utilizar as suas estruturas em projectos como a alfabetização de adultos e outros programas adequados à localidade. É claro que quando falamos de rentabilidade, cada um tende a medi-la na sua escala de valores.

Manuela Coelho

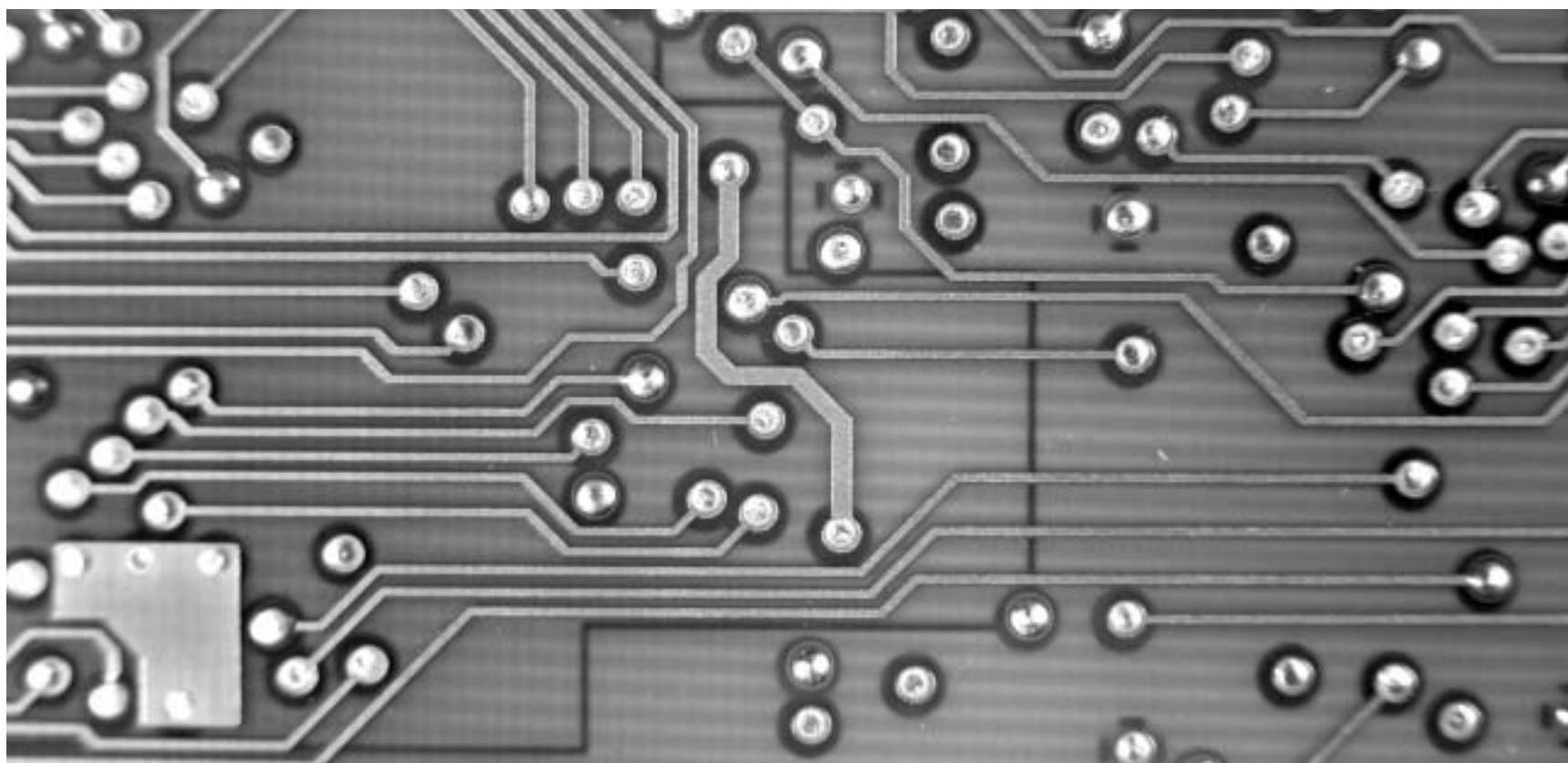
Neo-obscurantismo

Para onde vão os cinco alunos caso a escola encerre? Haverás escolas perto, transportes acessíveis? Os direitos fundamentais medem-se pelo número, pela quantidade, serão meramente mensuráveis? Espero que a mentalidade obsoleta da nossa ministra das finanças não faça lei ou regra e tudo passe a ter uma tradução em dinheiro. Há coisas na vida que não têm preço: a Educação é uma delas. Por se pensar o contrário estamos na situação em que estamos. Será que esta ideologia de mercado que o governo nos quer impingir não pode ser efectivamente contestada? A não haver crítica, estou em crer que corremos cada vez mais o risco de sermos coniventes com novas formas de totalitarismo, camuflado num pseudo-elitismo esclarecido, cuja presunção atesta bem da sua real insignificância. Mas a ignorância dos que nos querem impor o pensamento único é a sua melhor arma, pois tudo querem alinhar pelo obscurantismo das suas mentes.

Paulo Gonçalves

Uma solução mista?

A minha preocupação centra-se sobre a socialização das crianças. Para crescerem felizes as crianças precisam de conviver com outras. Na



aprendizagem, é também essencial que as crianças conheçam e convivam com outras de idade semelhante.

Tenho dúvidas sobre a melhor solução, visto que ao fechar a escola estão a retirar o último bem cultural da aldeia.

Por outro lado, manter a escola, sem mais, pode significar obrigar estas crianças a viver só com adultos.

Uma solução intermédia seria criar um agrupamento, numa das aldeias, onde se deslocassem estas crianças das pequenas escolas, dois ou três dias por semana, sendo que nos restantes dias trabalhariam nas suas pequenas escolas. Sendo a solução mais cara parece-me ser a melhor para as crianças e para as pequenas comunidades a que pertencem.

Em qualquer dos casos os professores destas pequenas escolas não podem apenas restringir o seu trabalho ao ensino das poucas crianças que têm. Julgo que devem desempenhar na aldeia um papel cultural virado também para o conjunto dos habitantes da aldeia e para os seus interesses.

Sofia Belchior

4. A questão mais preocupante é:

- as turmas terem demasiados alunos
- existir muita indisciplina na escola
- os professores serem pouco competentes
- a actividade lectiva ser muito monótona
- a direcção da escola ser desagradável
- os docentes terem demasiado trabalho burocrático
- a carreira docente ser demasiado longa

- a instabilidade profissional ser muito grande
- os professores ganharem pouco
- política do ministério da educação ser incompetente

Precisamos de competência governamental

Todas as questões referidas no inquérito são preocupantes. Mas a questão maior é a da incompetência do Ministério da Educação. Se este tivesse uma política competente, os outros problemas podiam ser memorizados e até se iam resolvendo. Acontece que para além de umas frases soltas e algumas afirmações e manifestações de intenção descabidas, este ministério nada mais tem feito.

Um ano depois da mudança de governo, estamos pior do que estávamos. E ao fim de um ano o ministério parece completamente exausto.

Triste vida!

André Rocha

Tirem-nos deste lamaçal!

O mais preocupante é que escolas e professores vivem numa espécie de purgatório. Hoje a escola se não é o Paraíso também não é o Inferno. Não é uma coisa nem outra. É um compasso de espera. Espera-se que a escola saia do lamaçal onde caiu. Mas ninguém a tira de lá. A escola tem de mudar. Mas ninguém é capaz de a mudar. Definitivamente nada temos a esperar do actual ministério. Os secretários de Estado são inexistências. O ministro, blá, blá, blá, blá, blá...

Uma lástima. O lamaçal vai ser cada vez mais lamaçal. E nós de cá para lá e de lá para cá. Cada vez mais presos à lama!

Por favor dêem-nos outro governo. Este é uma seca.

João Pedro

inquérito/página "on-line"

A política internacional do Governo Americano é:

positiva
07% 

negativa
92% 

Total de Respostas 144

No quadro das relações internacionais a ONU:

continua a ter importância
95% 

já não tem importância
04% 

Total de Respostas 431

As escolas frequentadas por menos de 5 alunos devem:

encerrar
28% 

manter-se em funcionamento
46% 

tenho dúvidas sobre a melhor solução
25% 

Total de Respostas 455

A questão mais preocupante é:

as turmas terem demasiados alunos
01% 

existir muita indisciplina na escola
22% 

os professores serem pouco competentes
03% 

a actividade lectiva ser muito monótona
03% 

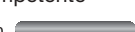
a direcção da escola ser desagradável
00% 

os docentes terem demasiado trabalho burocrático
11% 

a carreira docente ser demasiado longa
13% 

a instabilidade profissional ser muito grande
06% 

os professores ganharem pouco
00% 

política do ministério da educação ser incompetente
37% 

Total de Respostas 454



Apocalypse now

Quando, ainda nos preliminares da guerra que norte-americanos e ingleses iriam desencadear contra o Iraque, já se faziam ouvir os primeiros protestos, uma figura pública dos Estados Unidos, certo de que o seu país se preparava para assumir, como fizera nas duas guerras mundiais, o papel de paladino da liberdade e da democracia, estranhava que alguém pudesse não gostar dos americanos!

Referia-se, é claro, aos protestos que logo a seguir estrondearam em todo o mundo contra o pacto anglo-americano, sem reconhecer que eles não se dirigiam ao povo dos Estados Unidos, mas apenas ao Governo que decidia em seu nome. Sabendo-se como a opinião pública é permeável aos jogos da propaganda, tão-pouco poderiam ser incluídos nas objurgatórias os milhões de americanos que, segundo as sondagens, apoiavam a administração de George W.Buch, e menos ainda, obviamente, aqueles outros que, juntando sua voz indignada ao coro universal, não tinham apagado as imagens da memória ou as marcas do corpo causadas pela experiência desastrosa e inglória do Vietname, ou, no mínimo, as representações literárias, jornalísticas e cinematográficas que dessa guerra haviam dado escritores, repórteres e cineastas.

Muitos desses americanos, que enfileiraram nos cortejos de protesto realizados no próprio país, conservariam na retina os quadros dantescos do filme "Apocalypse Now", de Francis Coppola, lembrados daquele general-aviador, de chapéu à "cow-boy", tomado pela histeria, mandando arrasar aldeias com bombas incendiárias, ao som das fanfarras wagnerianas, e do coronel ensandecido pelo louco exutério de todas as guerras, que é abrir feridas novas para garantir a supuração das antigas.

Mas, pouco depois, seguramente, aquela mesma figura pública, se não era insensível ao horror, tendo já visto as imagens da guerra no Iraque que repórteres de todo o mundo fizeram passar nas televisões, não ousaria repetir - por simples ingenuidade ou pura estultícia - a mesma pergunta: "Por que não gostam dos americanos?"

Se a pergunta fosse dirigida às vítimas do Iraque, ou aos sobreviventes de Nagasaki, Hiroshima e Vietname, a resposta seria óbvia: "Porque os americanos, quando desejam uma coisa, não olham a meios para atingir os fins. E se, para fazerem valer os seus interesses, tiverem de desafiar a consciência do mundo, nem hesitarão em pôr-se à margem de todos os convênios que apon-tem para a redução do poder bélico, da poluição da atmosfera, do erosiona-mento da terra, da preservação das fontes de energia, das reservas nacionais ao comércio livre, das leis internacionais que defendem a dignidade e sobera-nia dos povos."

Se dirigida a todos os homens de boa consciência, para os quais as mes-mas palavras que o presidente dos Estados Unidos vem proferindo constante-mente, no seu Discurso sobre o Bem e o Mal, como "liberdade", "democracia" ou "compaixão", possuem um sentido diferente, a resposta seria dada também a uma só voz: "Veja os corpos calcinados pelas bombas, as casas em escom-bros, as mães com os filhos esfacelados nos braços, os rostos dos bebés vi-drados pelo pavor, os famintos a implorarem comida e água, o horror e o medo misturados com ódio nos olhos secos; oiça aquela mulher heroificada pelo de-sespero a bradar aos homens e aos céus: 'Que mal fizemos aos americanos?! Onde estás Tu, meu Deus?!' Era uma mulher cristã a convocar o mesmo Deus dos invasores da sua terra."

Haverá sempre um "general" ou um "coronel", semelhantes aos do filme, a teorizar, como Nietzsche, que "onde está a vida, aí está também a vontade, não a vontade de viver, mas a vontade de poder"; ou, como Marinnetti, que "a guerra é bela porque fundamenta o domínio do homem sobre a maquinaria subjugada, graças às máscaras de gás, aos megafones assustadores, aos lan-ça-chamas e tanques."

Mas porque outros pensarão, como o Padre António Vieira, que "é a guer-ra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome tanto menos se farta", parecer-lhes-á insupor-tável, pela simples razão de que toda a violência inspira a repulsa, que alguém, por ingenuidade ou infantilismo, possa estranhar que quem viu a sua família morta, a casa destruída e a pátria invadida não consiga aceitar o responsável, por mais compensações que ele ofereça, desculpas que apresente ou remor-sos que confesse.

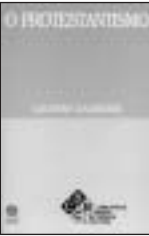
É que as feridas do desprezo são mais profundas que as do amor e do ódio.

Instituto Piaget

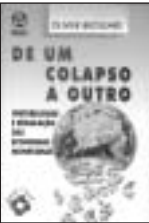


> **A Política e o Ambiente**
A Dimensão do Indivíduo
João Paulo Fernandes
Instituto Piaget
pp. 184

Esta obra corresponde a uma reflexão crítica sobre a proble-mática do ambiente e exprime a experiência do autor como técnico de ambiente, professor universitário e ex-consultor pa-rra assuntos do ambiente do actual presidente da repú-blica Jorge Sampaio. Trata-se simultaneamente de uma obra de divulgação e de reflexão, que procura, por um lado, contextualizar a problemática ambiental e enfati-zar a sua dimensão humana e, por outro, desmistificar muitas das perspectivas dominantes.



> **O Protestantismo**
Laurent Gagnebin
Instituto Piaget
pp. 131



> **De um Colapso a Outro**
Instabilidade e regulação das economias monetárias
Olivier Brossard
Instituto Piaget
pp. 316



> **O Mercado dos Dados**
Pessoais: protecção da vida privada na Internet
Arnaud Belleil
Instituto Piaget
pp. 210

> **O Universo Amarrotado**
Sentido e segredos do universo
Jean-Pierre Luminet
Instituto Piaget
pp. 364

> **Três Ensaio sobre o Cancioneiro Infante-Juvenil**
Alexandra Castanheira
Instituto Piaget
pp. 99

> **A Produção de Conhecimento para a Acção**
Argumentos contra o racismo da inteligência
Jean-Pierre Darré
Instituto Piaget
pp. 268

> **Ensaio sobre o Desenvolvimento Humano**
De uma Teoria Emergente da Prática ao Mundo como Implicação
Luís Marques Barbosa
Instituto Piaget
pp. 172

> **Contributos para uma Metodologia Científica mais Cuidada**
Estela Lamas
Luís Manuel Tarujo
Maria Clara Carvalho
Teresa Corredoira
Instituto Piaget
pp. 159

Edições Afrontamento



> **Falar Disso**
A Educação Sexual nas Famílias dos Adolescentes
Duarte Vilar
Edições Afrontamento
pp. 382

Será que pais e filhos falam de sexualidade? E se falam, quando e como é que sobrevivem esta co-municação? Quais os seus ob-jectivos e conteúdos? Quais as dificuldades que uns e outros experimentam? O que pen-sam os pais da educação sexual nas escolas? Este livro é resultado de uma investigação onde se procurou perce-ber a forma como essas mudanças se expressam na co-municação quotidiana entre progenitores e adolescentes.



> **Tradição e Modernidade na (Re)construção de Angola**
António Custódio Gonçalves
Edições Afrontamento
pp. 136

Porto Editora



> **O Aluno na Sala de Aula**
Marina Serra de Lemos
Teresa Rio Carvalho (orgs.)
Porto Editora
pp. 220

Este é um livro sobre alunos para professores. A intenção das autoras é oferecer aos profissionais de educação um quadro descritivo e com-preensivo do aluno na sala de aula e sugerir formas de influenciar positivamente a sua aprendizagem e desenvolvimento.

> **A Morgadinha dos Canaviais**
Júlio Dinis
Porto Editora
pp. 576

> **O Arco de Sant'Ana**
Almeida Garrett
Porto Editora
pp. 254

Edições Asa



> **Isso vai Sair no Teste?**
Vozes, ruídos e murmúrios numa escola secundária
Ariana Cosme
Rui Trindade
Edições Asa
pp. 93

Esta é uma obra que reflecte um olhar atento, lúcido e apaixonado sobre a escolarização secundária de uma jovem bem comportada que não se deixa aprisionar pelo sem sentido da escola. Aqui veremos os exemplos concretos do arquipélago de solidões, do território minado, do castigo se Sísifo - tudo metáforas que servem para dizer a ruína de um ensino secundário ainda longe de responder ao anseio humano e sobredeterminado pelos testes e exa-mes. É, por isso, uma obra onde se sente o pulsar do coração. O pulsar dos corações das pessoas presas, mas que não desistem do voo.



> **101 Jogos Dramáticos**
Paul Rooyackers
Edições Asa
pp. 158



> **Sob o signo do Império**
Os Lusíadas/ Mensagem - análise comparativa
J. Oliveira Macedo
Edições Asa
pp. 223



> **Filosofia da Ciência**
O Jogo e as suas Regras
Rubem Alves
Edições Asa
pp. 224



> **No Coração da Escola**
Estórias sobre a Educação
Miguel Ángel Santos Guerra
Edições Asa
pp. 380

> **Aprendizagem Cooperativa**
Guias Práticos
Luísa Varela de Freitas
Cândido Varela de Freitas
Edições Asa
pp. 264

> **Manual do Director de Turma**
Contextos, relações, roteiros
Guias práticos
Maria José Peixoto
Vitor oliveira
Edições Asa
pp. 192

> **Percursos de Leitura na Obra de Sophia**
Ana Margarida Ramos
Edições Asa
pp. 127

Professora, tradutora, biógrafa, contista e romancista, Maria Ondina Braga (1932-2003) morreu em silêncio e solidão, após regressar à sua cidade natal de Braga quando uma doença prolongada veio ao seu encontro e a levou para sempre em Março último, sepultada que ficou no Cemitério dos Arcos.

A autora de *Angústia em Pequim* e *Estátua de Sal* cultivou um fascínio pelas terras do Oriente, após viver alguns anos em Pequim e em Macau, que muito a seduziu e de que jamais deixou de fazer uso dos seus cheiros e sabores, das suas terras e gentes, como se patenteia em muitos dos seus livros, publicados com alguma regularidade, mas injustamente esquecidos da crítica e do público.

Dotada de uma sensibilidade próxima do intimismo literário de Irene Lisboa, Maria Judite de Carvalho ou Luísa Dacosta, a autora de *Vidas Vencidas* fez da própria literatura a “mesa da sua solidão” em que pouca gente se instalou, por ser de seu natural recolhimento proteger-se no silêncio do grande rumor que sentia existir na literatura e arredores.

Por isso, Maria Ondina não foi de fácil convívio nem se expôs na praça pública para tirar quaisquer dividendos que a sua própria obra claramente revelava e sem ter de andar a proclamá-la de archo-te na mão. Que a lessem, sim, porque para isso escrevia e publicava os seus livros. E esse recado ficou dado.

Agora, na hora da partida, não resistimos em reler *Nocturno em Macau* (1991), em que uma vez mais nos revela a sua pessoal digressão e descoberta da vida, o fascínio oriental, as pessoas que nela permanecem e constituem o “corpus” literário da obra ficcionista de Maria Ondina Braga. Trata-se ainda de recordações vividas e sentidas em diferentes paragens que, como em *Estátua de Sal*, simbolizam esse modo próprio de “olhar para trás” por parte de uma escritora lúcida e atenta ao que se passa à sua volta, amargurada e por vezes pessimista nas impressões que dá desse mundo conhecido pelas suas andanças como professora por terras longínquas de Macau e de outras paragens. A força expressiva da sua prosa, o domínio das situações que descreve, o constante jogo que sabe fazer para que as palavras pareçam “sombras chinesas”, e onde o sentido mais evidente por vezes se confunde ou sobrepõe pelo aspecto intimista, recatado e amoroso das suas personagens - tudo faz com que se entenda a ficção de Maria Ondina como a projecção literária de um universo muito pessoal, cheio de secretas intimidades e de sombras que soube projectar através de uma prosa marcadamente poetizada, como de facto uma vez mais observamos nas páginas de *Nocturno em Macau*.

Retomando por outros caminhos de uma escrita subtil e penetrante, povoada de referências aos lugares que foram de sua peregrinação, a história que neste romance se conta sobre a amizade de Ester e de Xiao, duas professoras com uma outra sensibilidade e grande capacidade de amar, cruza-se ainda com a insidiosa presença de Lu Si-Yuan ou mesmo de Gandhora, Zacarias, Mendo ou madre Rosa Mística - e por aí se traça um quadro ficcional, entre jogos e efeitos bem conseguidos numa prosa poética que percorre o romance, entre pequenos mundos e complicados enredos, enfim, vidas estreitas e reduzidas no horizonte dos passos ou interesses, marcadas por simples “tragédias” que ensombram o tempo de todas as horas, no receio da carta que não chega de longe, ou chega e se receia ler, ou mesmo no dissabor causado por qualquer pequeno gesto ou palavra menos clara ou até a-despropósito. Mas tudo se confunde num universo fechado e amoroso para revelar o fascínio ou o mistério de serem outros os rumores que chegam de um rio tão próximo ou na comovida frustração de um amor mal correspondido. Porém, perpassa em *Nocturno em Macau*, na dimensão poetizada e cativante da sua escrita, esse oculto sentido das coisas, dos lugares e das pessoas que mergulham no meio de simples intrigas ou povoam o quotidiano com gestos simples e sinais de outros sonhos.

Por isso, na propositada carga estrutural de *Nocturno em Macau*, no modo fechado da própria escrita, sem intervalos, mas cantante, quase um moderato cantabile em lembrança de Marguerite Duras, nas inúmeras alusões às pessoas e aos lugares das suas deambulações orientais, Maria Ondina Braga deixou-nos um livro de excelente qualidade, comovido e profundo na atitude de fixar os “limites” de uma vivência bem singular e carregada de muitas sombras. Mas, sobretudo, por esse comovente halo poético e musical como soube afirmar e renovar o fascínio pelas terras do Oriente que sempre revivem na escrita os vestígios claros de outras andanças e peregrinações.

Assim, na hora da morte e na releitura de um dos seus melhores livros, evocamos a partida derradeira de Maria Ondina Braga, certos de que a sua obra ressurgirá das sombras e silêncio em que está esquecida, pela coerência e verdade de que se reveste e pelo exemplo, na força de uma secreta intimidade, que soube transferir para as páginas de uma obra literária muito autêntica nos limites da sua expressão.



Na morte de Maria Ondina Braga

© foto isto é

Lembrar Luís Veiga Leitão



Editado pela Câmara Municipal de Moimenta da Beira, *O Caminho das Pedras* reúne as actas do Colóquio Lembrar Luís Veiga Leitão, que se realizou naquele concelho em

10-12 de Outubro de 1997, e serviu como pano de fundo para o lançamento da Obra Completa do Poeta de Noite de Pedra (edição Campo das Letras). Foi um acto simples e de homenagem a Luís Veiga Leitão que ali nasceu em 1912, mas que deu origem a alguns textos de análise e de evocação do Poeta que no Porto viveu grande parte da sua vida e sepultado ficou em 1987 no cemitério de Agramonte. Entre os textos integrados neste volume contam-se uma sentida lembrança de Óscar Lopes e de Marta Cristina de Araújo, ou os breves ensaios de abordagem poética da obra do autor de *Latitude* de Fernando Guimarães (“Ideologia e dimensão simbólica na poesia de Luís Veiga Leitão”), Fernando J. B. Martinho (“A arte da memória”), João Rui de Sousa (“Luís Veiga Leitão e a “Noite de Pedra”) ou ainda de Luís Adriano Carlos (“Génese e metamorfoses de uma obra”), a par de outros textos de Xosé Lois Garcia, Cristina Mello, Pires Laranjeira, Vergílio Alberto Vieira e outros.

Um livro interessante para quem deseje relembrar a força e o vigor da poesia de Luís Veiga Leitão, que neste Caminho das Pedras volta a ter a companhia de alguns bons amigos e estudiosos da sua obra.

Maria Ondina Braga
Nocturno em Macau, romance
Ed. Caminho / Lisboa.

Ed. Câmara Municipal
de Moimenta da Beira / 2001.

**O ESPÍRITO
e a letra**
Serafim Ferreira

■
andarrilho

Feira de Arte Moderna na Galeria EXPONOR

O mercado mundial da arte reflecte-a cada vez mais como uma interessante alternativa de investimento, numa tendência indissociável - porque paralela - do valor estético imprimido às obras pelos criadores e atribuído por quem as admira. Eis uma certeza da “PORTO ARTE”, 2.ª Feira de Arte Moderna”, iniciativa que a EXPONOR promove de 15 a 18 de Maio.

Numa reflexão orientada para temas como o papel dos negociantes de arte no mercado, a constituição de colecções privadas, as tendências do sector e o coleccionismo como paixão ou investimento, Anthony Streatfeild (director de negócios da «Christie's»), Anna Somers Cocks (directora do «The Art Newspaper»), Miguel Cabral Moncada (director da «Cabral Moncada Leilões») e João Fernandes (director do Museu da Fundação de Serralves), entre outros, participarão num fórum de debate aberto a coleccionadores, profissionais e demais interessados.

Artistas representados: Júlio Resende, Júlio Pomar, Manuel Cargaleiro, Vieira da Silva, Arpad Szenes, Antoni Tapiés, Miró, Nikias Skapinakis, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Graça Morais, José Guimarães, Mário Cesariny, Francis Smith, Mário Botas, Armanda Passos, Carlos Carneiro, Maluda, Noronha da Costa, Querubim Lapa, Luís Pinto Coelho, Alberto Reguera, Antonio Seguí, Armanda Darocha, David de Almeida, Domingos Mateus, Erró, Isabel Laginhas, Isabel e Rodrigo Cabral, Luis Feito, Marçal, Nuno Medeiros, Pedro Tudela, Rico Sequeira, Saskia Moro, Velickovic, Xavier, Mingos Teixeira, Orlando Pompeu, Miguel Pereira, Antonia Payero, Fabrizio Corneli, Pedro Rocha, Manuel Casal Aguiar, Antonio Palolo, Armando Alves, Nuno Barreto, Pedro Chorão, Vitor Espalda, António Gonçalves, Catarina Bizarro, Gracinda Sousa, Ídasse, Isabella Carvalho, Luis Feito, Luis Tavares, Manuel Seita, Nuno Espinho, Pilar Martin, Reinata, Raquel Pedro, Carlos Silva, Armando Santos, Jorge Bastos, Carlos Mendes, Peixinho, Marius Moraru, Gil Teixeira Lopes, Rogério Amaral, Paulo Santos, Alfredo Luz, João Onofre, Arroyo Eduardo, Corneille, Asger Jorn, Lam Wilfredo, Lindstrom Bengt, Matta Roberto, Camen Moreno, Aida Sousa Dias, Alvaro Delgado, Alejandro Carro, Antonio Carazo, Clavé, Dukessa, Eduardo Naranjo, Feito, Gunivart, José Espurz, José Hernandez, López Romeral, Margarita Calvary, Paloma Souto, Pedro de Miguel, Rafael Canogar, Saura, João Antas, Oliveira Tavares, Mário Nunes, Marius Moraru, Manuel Pinto, Albino Moura, Barbara Walraven, Bert Holvast, Silvia Levenson, Jules Maidoff, Jessica Weinstein, Eva Lapka, Alvero Lapa, Paulo Neves, Luis Tobias, Victor JI, Dana Zámečnicková, Mohamed Nabili, Helena Barros, José Barata, Miguel Barbosa, Jover, Juan Fernández, Julia Relinque, Linda de Sousa, Abreu Pessegueiro, Amândio Silva, Ana Fernandes, António Macedo, António Modesto, Carlos Carneiro, Cristina Ataíde, Dário Alves, Eduardo Malta, Emerenciano, Guilherme Parente, José Maia, José Rodrigues, Renee Gagnon, Teresa Magalhães, Cenarro, Solera, Roblas, Jover, Triviño, José Barata, Ana Maria, Alfredo Luz, David Almeida, Gil Maia, João Ribeiro, Paulo Neves, Rui Matos, Vitor Ribeiro, Urbano da Cruz, Geraldles, Fernando d' F Pereira, Álvaro Lazaro, Maria Arceu, José Maria Pinedo, Gustavo Fernandes, Fernanda Seles, Maria Cidália Nunes, Andrés Mérida, Mário Costa, António Guimarães, Emaia, Sebastião Rodrigues, Patrão, Coque, Alba Simões, Martha Elisa Bojórquez, José del Castillo Martin, Klaus Zilla, Ddaco, Carlos Neto, Mário Nunes, Rogério Abreu, Arlindo Arez, José Coelho, Lino Neves, Rosana Lopes, Fernanda Biscaya, Hugo da Silva, Lourdes Pólvara da Cruz, Maria José Botelho Brito, Maria do Rosário Oliveira Brito, José Arias, Mercedes Rodríguez Elvira, Carlos Costa, Joaquín Capa, Carmen Castillo, Burgos Alonso, Pablo Hojas, Maria José Aguilar, José Catalá, Martín Hanoos, P. Segarra Chías, Juan Del Pozo, Mario Jimeno, Cynthia Morán, Ricardo Renedo, Purificación Rubio, Eustaquio Segrelles, Miguel Barbosa, Rui Cunha, Alice Piloto, Mário Branco, Xico Lucena, Maria João Franco, Nacho Arteta, Isabel Ferrero, Pedro Lozano, Manuela Martínez, Juan M. Mendiguchía, Diego Muñoz, Elena Poblete, Javier Santurtún, Jolanta Studzinska, Fernando Berenguer, Mar Martitegui, Loreto Piquer, Mar Ugarte, Mª Dolores Bidoggia, Luís Zuluaga, Mónica Nogueira, Liana Mabel, António Maria, Mário Portugal, João Couto, Paco Aguilar, Jorge Vidal, Joaquín Capa, Félix Cuadrado Lomas, Gabino Gaona, Angel Duque Requejo, Fatima Chico, Jesus Capa, Eduardo Alarcão, Salinas, Pépe Barrgán, Guilherme Parente, Margui López, Mar Indalo, Jose Illorens, Gaiselda Giccherio, Inmáculada Lázaro, Vicente Romero Martín, Evaristo Hurtado Peña, Chelin San Juan, Ana Andreu, Jose Ignacio Puerto, Ramce, Miguel Ángel Esteve, Anabel Amaya

**Porto Arte
2.ª Feira de Arte Moderna
15 a 18 de Maio de 2003**

Horário:
das 15h00 às 23h00,
nos dias úteis
entre as 10h00 e as 20h00,
ao fim-de-semana

**EXPONOR
Feira Internacional do Porto
Leça da Palmeira (Matosinhos)**

O Porto Palácio Hotel promoveu a 10 de Abril p.p., no Restaurante Télégrapho (Palácio da Bolsa), um jantar literário centrado em torno das palavras escritas de oito escritores e jornalistas convidados, da ementa proposta pelo Chefe Hélio Loureiro e de uma intervenção musical pelo colectivo “Silêncio da Gaveta”, com músicas originais sob poemas de Pablo Neruda, David Mourão Ferreira e João Rios.

Às palavras escritas, Ana Duque, que “gosta de tripas à moda do Porto, gatos e das tardes de pijama”, cruzou-se com Júlio Roldão que “gosta de esmigalhar batatas cozidas e de lhes misturar azeite e um ovo cozido”, enquanto a memória do encontro voava para as “pedras das veredas” dos meninos que nunca tiveram brinquedos (neorealismo, Antero Monteiro?) passando pelo pomar, de palavras e frutos, do pai de Ivo Machado, pelo dragão, de sonho, de Maria Isabel Moura e pelas inquietações pedagógicas de Salvador Cabral, como “uma migalha entre as folhas de um livro” (no verso de Ana Luisa Amaral in “Minha Senhora de Quê”, a ler, ou reler) ou como quem “sentado espera a sopa” (Aurelino Costa).

Tertúlia ao jantar no “Télégrapho”



Ana Duque (pseudónimo de Arminda Rosa Pereira) tem 25 anos e é jornalista, Ana Luísa Amaral, professora, 47, Antero Monteiro, também professor, 56, Aurelino Costa, declamador, parece andar entre os 40 e os 50, Ivo Machado, músico e poeta, tem 44 anos, Júlio Roldão, jornalista, faz este ano 50, Ma-

ria Isabel Moura, portuguesa, escritora, tem 47 anos e Salvador Cabral, músico e escritor, 59.

A estimular a palavra destes oito convidados, o Chefe Hélio Loureiro fez uma viagem do Oriente à África, com especiarias da Índia e iguarias europeias. Lascas de bacalhau com crocante de cominhos indianos sobre molho de pimentos vermelhos, creme de galinha com limão à moda da Turquia e pato lacado com mel e soja, acompanhado de couve roxa salteada com maçãs e canela em vinho tinto do Douro. Isto sem esquecer os queijos Stiton e Serra com bolacha de gengibre e compota de figos, os quindins do ã-la com sorvete de framboesas e frutas exóticas e o café e o chá de jasmim da China.

De três em três meses, as cinco estrelas do “Porto Palácio Hotel” (representado por Carlos Araújo), para as quais, gastronomicamente, contribui a “Solinca Eventos e Catering” (representada por Armindo Dias), mostram-se no Restaurante Télégrapho, do portuense Palácio da Bolsa, em inesperados jantares literários que se assumem como uma ressurreição das tertúlias perdidas.



ADEF - Associação de Desenvolvimento e Formação
As inscrições devem ser feitas para a sede da ADEF, entre as 9h30 e as 13h00 (dias úteis), no seguinte endereço:
R. das Oliveiras, nº 44 - 1.º Dto. 4050-448 PORTO
(em frente ao Auditório Nacional Carlos Alberto)
Tel. 222 000 299, Fax: 222 002 454, e-mail: adef@mail.telepac.pt

A formação organizada pela ADEF dirige-se a todos os Educadores e Professores, independentemente de serem ou não seus associados.



FORMAÇÃO 2003

"Como Fazer ? O jornal como dispositivo de animação socio-educativa"

Modalidade: Oficina ■ Área: Prática e Investigação Pedagógica e Didáctica ■ Destinatários: Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo ■ 50 horas presenciais/4,0 créditos (creditação máxima) ■ Formadores: Humberto Lopes e Maria José Araújo ■ Calendarização: Maio, Junho e Julho ■ Horário: pós-laboral

Princípios Estruturadores de uma intervenção formativa tranformante:

- uma formação que se centre nas experiências e não exclusivamente nas carências;
- uma análise de necessidades de formação que constitua um dos elementos estruturantes da intervenção formativa;
- que o indivíduo e o grupo constituam, não objectos mas agentes da sua própria formação.

Manuel Rocha, membro da Brigada Victor Jara, em entrevista:

“Este festival é especial”

A BRIGADA VICTOR JARA ABRIU EM GRANDE A 13^A EDIÇÃO DO FESTIVAL INTERCÉLTICO, NO COLISEU DA CIDADE DO PORTO. AO TODO ERAM DEZANOVE MÚSICOS EM PALCO NUM CONCERTO MARCADO PELO TRABALHO DE RECOLHA E RECRIAÇÃO DA MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA. NASCIDOS EM 1975, NA CIDADE DE COIMBRA, POR ESTUDANTES LIGADOS À UNIVERSIDADE, ADOPTARAM NOME DO MÚSICO REVOLUCIONÁRIO CHILENO E NUNCA MAIS PARARAM DE RENOVAR O LEGADO MUSICAL PORTUGUÊS. A BANDA PREPARA ACTUALMENTE UM NOVO ÁLBUM DE ORIGINAIS E, CONJUNTAMENTE COM OS GAITEIROS DE LISBOA, REPRESENTAM PORTUGAL NA MAIS RECENTE INVASÃO CELTA. MANUEL ROCHA, PROFESSOR NO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE COIMBRA E VIOLINISTA, É O “INVASOR” QUE NOS FALA DESTA LONGA AVENTURA MUSICAL E, AINDA DO QUE ESTÁ PARA VIR, NA SUA JÁ HABITUAL POSTURA FESTIVA E FRATERNA.

A Brigada surgiu neste Intercéltico com um conjunto de metais liderados por Tomás Pimentel e um grupo de gaiteiros da Galiza. A que se deve esta inovação num grupo que privilegia as canções?

Ir buscar músicos e fazê-los estar num palco connosco para além do nervosismo e da desorganização que isso pode trazer, gera um resultado musical que é uma proposta. A nós faz-nos bem que haja outras pessoas no palco connosco a fazer barulho. Este é um festival com um público especial e como temos bastante respeito vestimos a roupa dominante. Um grupo de metais liderado pelo Tomás Pimentel, que é um grande músico da nova geração ao nível dos arranjos, e trazemos um grupo da Galiza que é uma região onde há uma grande revitalização da música tradicional. Há um nacionalismo no bom sentido que faz com que a Galiza seja uma pátria. A pátria o que é? A pátria é a terra mais a forma de gostar dela. Ora, juntando estes dois elementos, aparentemente estranhos à nossa realidade rural, que é a realidade da música tradicional, penso que aqui se acrescenta alguma coisa de belo. De qualquer forma estamos todos com empenho e porque o Intercéltico é um festival especial.

A Brigada Victor Jara e os Gaiteiros de Lisboa foram as bandas portuguesas escolhidas para participar na edição deste ano do Intercéltico. Há algum sabor especial pela escolha da organização?

Em Portugal há novas bandas que é de citar na nova música popular portuguesa. O Festival Intercéltico faz escolhas e tem os seus critérios. Nós sentimo-nos bastante contentes, outras foram escolhidas noutras alturas, esta é a nossa segunda vez. Esta é uma forma de nos encontrarmos com linguagens musicais de vários sítios. O facto de ter sido com os Gaiteiros é um motivo de regozijo pela razão mais afectiva do que musical. Apesar de ser um grupo mais jovem, muitos dos seus músicos andam cá há mais tempo do que alguns membros da Brigada.

Ouve-se falar já num novo álbum da Brigada e que há pelo menos seis músicas prontas. O que é que



© foto isto é

está a ser preparado?

Está a ser preparado um conjunto de canções dentro da mesma filosofia, que é pegar na música tradicional não numa perspectiva de amostragem, de exposição, mas como ponto de partida. Há que pensar que mesmo na música tradicional daquela que passa de pais para filhos, há sempre um trabalho de recriação. Um homem é um homem e é sempre diferente de outro homem e é isso que nós procuramos fazer num contexto urbano. Isto é, desinserido do sítio onde foram criadas as canções, onde elas viveram conjuntamente com as populações, mas pegando naquilo que é uma grande riqueza que é a riqueza estética das canções. Uma das características da música tradicional seja ela de onde for, à semelhança do carbono quando passa a diamante, há um conjunto de factores que faz com que ela perdure e valha pela sua essência.

Será portanto um disco especial?

Neste disco vamos fazer mais do que canções, vamos utilizar a palavra como instrumento importante de perdurar uma cultura.

Há algum conceito à volta deste novo álbum?

O conceito tem a ver com os ciclos da vida e os ciclos da produção, desde o solstício de Inverno até ao mesmo do próximo ano e com os ciclos da vida, do nascimento à morte. Canções de embalar e de encomendações das almas. Ainda não temos nome, pois é a última coisa que surge e às vezes inábil.

A Brigada Victor Jara existe há 28 anos. O que é que ainda vos faz manter unidos?

A Brigada tem vindo a ser renovada e creio que essa é uma das características da sua vitalidade. Nada faz com que as famílias vivam muito tempo juntas, até os filhos que nascem na família vão embora um dia qualquer. Aqui também acontece isso. Há filhos que vão embora e há também alguns que envelhecem (aqui risos). O que é de assinalar e que é um segredo da longevidade que a natureza tem que é o da renovação da sua capa.

Enquanto cidadão de Coimbra como vê a Capital Nacional da Cultura?

Está muito alheia à cultura que se faz em Coimbra. É uma importação de uma boa ideia e é a implementação no terreno desorganizada dessa mesma boa ideia. Agora, ela está a decorrer...isto é, mesmo o indivíduo que está mais combatido com uma gripe, há sempre a hipótese de poder tomar uns anti-vírus e poder ficar mais saudável. Pensamos também que ainda estamos no mês quatro e até ao mês doze ainda pode melhorar. De qualquer forma, muito daquilo que é Coimbra, a cidade que acolhe, não está mobilizado para a Coimbra Capital da Cultura, quer seja público ou agente cultural.

Há alguma participação prevista por parte da Brigada ao longo do ano?

A Brigada terá eventualmente uma participação mas não nos foi proposto nada de concreto. Não fazemos parte das suas escolhas e damos uma certa tristeza, pois nascemos ali, vivemos ali, somos dali e, digamos que é um bocado como quem numa terra de gaiteiros vai enfiar uma aparelhagem sonora. Até

pode soar música boa, mas os gaiteiros estão lá e até podiam fazer um bocado de barulho.

Qual é a sua análise da chegada de um ex-membro da Brigada à reitoria da Universidade de Coimbra?

Vejo com alegria e até com alguma comoção. O facto do Fernando Seabra ser reitor da Universidade de Coimbra faz pensar que o trabalho que um homem realiza enquanto é jovem é-lhe importante para seguir a vida. A Universidade de Coimbra vai beneficiar por ter o Seabra como reitor, tal como ele beneficiou por ter conhecido aquele mundo e ter sido um membro importante da Brigada no seu início.

Como é que assiste enquanto músico ao fenómeno Adiafa?

Eu penso que é um fenómeno circunstancial obviamente, o que não desmerece nada o trabalho dos rapazes. O que é um facto é que eles têm várias canções naquele disco e só uma é que é conhecida. O que seria interessante era saber o que é que as pessoas pensariam das restantes canções porque o trabalho de um grupo não se baseia numa só canção. É um fenómeno engraçado que os putos da escola primária, inclusive os meus, saibam de cor uma canção deles e não saibam de outra coisa qualquer esquisita. Eu prefiro que eles saibam aquilo do que a canção do “É o bicho, é o bicho”. (risos). É um fenómeno conjuntural e o próprio grupo saberá disso.

E como vai a sua ligação ao fado, assim como outros projectos musicais em que está envolvido?

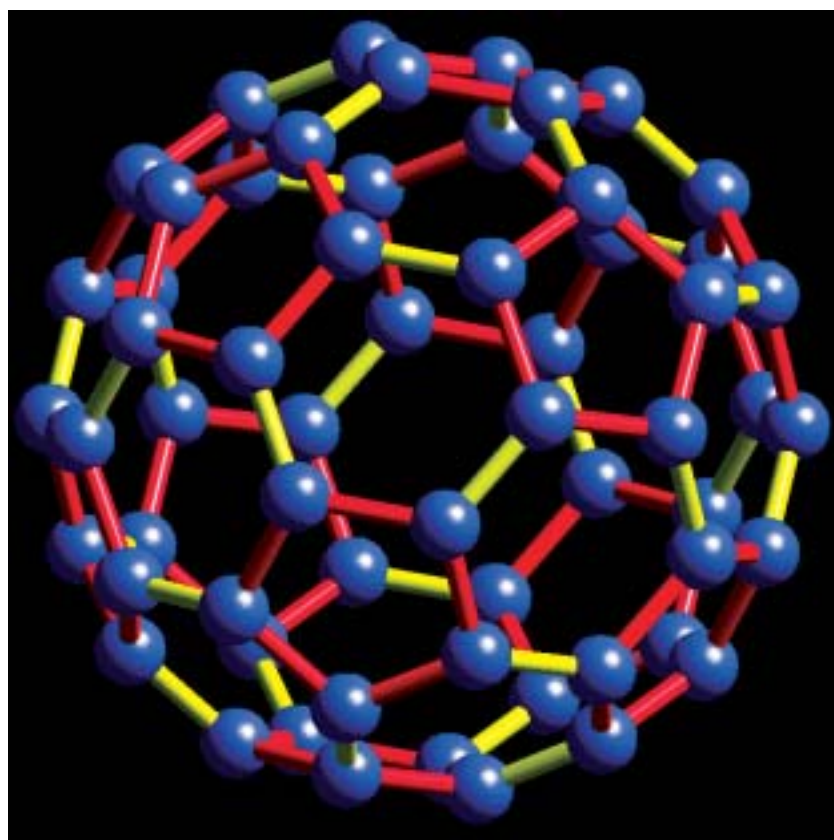
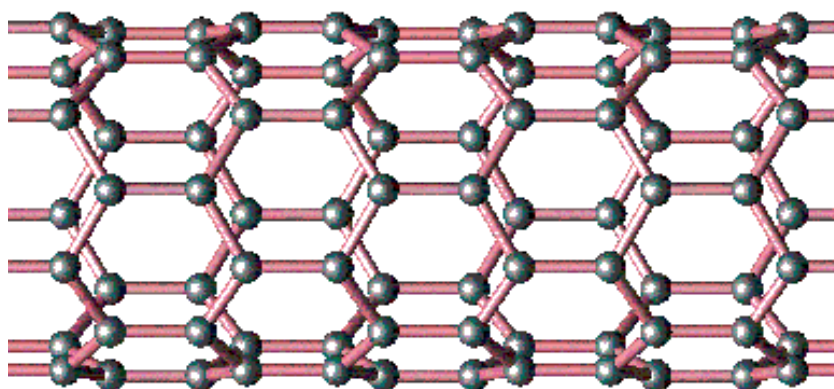
É muito complicado em Portugal pertencer a um projecto e fazer desse projecto alguma coisa de duradouro, a não ser que se queira apostar sempre em projectos novos e estar sempre a inventar o início do mundo. Fazemos uma coisa engraçada que é irmos visitar outros mundos. Acabámos de gravar com a Filipa Pais no disco que acabou de sair. O Ricardo Dias produziu e compôs, e eu continuo também ligado à Mísia. Vou trabalhando em projectos dispersos sempre que me pedem a colaboração. É assim que se faz a vida andando..., é assim que se faz a vida caminhando.

Um dos pontos de partida para este novo domínio da Ciência que começa a ser Tecnologia também foi a descoberta, em 1985, de uma molécula inédita. A motivação era investigação básica para replicar, no laboratório, presumíveis reacções químicas ocorrentes nas atmosferas de estrelas gigantes vermelhas. Um intenso feixe de luz laser incidente sobre uma superfície de grafite vaporizava partículas de carbono, depois arrastadas e arrefecidas numa corrente gasosa em expansão; no entanto essas partículas constituíam agregados de carbono cuja massa era de imediato analisada. Sob condições favoráveis, era possível obter quase exclusivamente partículas com a massa de 60 átomos de carbono; concluiu-se ser uma molécula com forma quase esférica, semelhante à das cúpulas geodésicas inventadas e popularizadas pelo arquitecto Buckminster Fuller (ou se preferirmos, análogas às bolas de «football») e por essa razão a essa peculiar molécula de carbono foi dado o nome de «buckyball». Esta é uma de várias moléculas de carbono que constitui uma família designada «buckminster fullerenos».

A essa descoberta inicial seguiu-se, poucos anos depois (1991), a descoberta de outras estruturas minúsculas de carbono produzidas em arcos eléctricos de grafite. Desta vez, identificaram-se filamentos tubulares cilíndricos de carbono puro, com diâmetros de poucos nanómetros (um milionésimo de milímetro). Estas curiosas moléculas de carbono surgem sob várias formas: tubos com extremidades abertas ou fechadas (fechadas por estruturas hemisféricas como a «buckyball») e consistindo em um, dois ou mais tubos ou camadas concêntricamente encaixadas.

Nanotecnologia (I)

ENTRE AS NOVIDADES CIENTÍFICAS MAIS RECENTES, PORTADORAS DE PROMISSORAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS, CONTAM-SE AS PROPRIEDADES EXÓTICAS DE ESTRUTURAS MINÚSCULAS, SUB-MICROMÉTRICAS (DIMENSÃO INFERIOR AO MILÉSIMO DE MILÍMETRO) QUE PODERÃO SER MOLÉCULAS MAIS OU MENOS COMPLEXAS, CAPAZES DE EXECUTAR FUNÇÕES ESPECIALIZADAS, TECNICAMENTE MUITO INTERESSANTES. ESSAS FUNÇÕES PODEM SER MECÂNICAS, ELÉCTRICAS, ÓPTICAS, BIOQUÍMICAS, E O MAIS QUE SE INVENTAR. É O DOMÍNIO DA NANOTECNOLOGIA.



Constituem uma família designada por «nanotubos de carbono».

Foi preciso esperar pelos fins do século XX para se descobrir que o carbono puro, para além de ocorrer nas suas conhecidas formas de grafite (a dos bicos de lápis e lapiseiras!) e de diamante (o das cobiçadas jóias), também ocorre nestas outras formas microscópicas. Ora estas novas formas microscópicas gozam de propriedade inéditas que se vão descobrindo a pouco e pouco.

As «buckyballs» podem «arrumar-se», em combinação com átomos de outros elementos químicos, em estruturas periódicas, sendo novos materiais com propriedades promissoras. Também servem de base para a síntese de moléculas com propriedades bioquímicas, designadamente produtos farmacêuticos. Os «carbon tubes» revelam interessantes propriedades eléctricas, desde excelente condutor (como o cobre) a versátil semiconductor; térmicas, com elevadíssima condutividade térmica ao longo do eixo (como o diamante); mecânicas, a mais resistente e rígida fibra conhecida. Estes nanotubos podem ser utilizados como fio condutor microscópico; como substrato microscópico para dispositivos electrónicos e optoelectrónicos; como suporte adsorvente muito eficaz (muito superior ao «carbono activado»); como suporte para elementos químicos catalizadores. Os nanotubos associam-se espontaneamente em fibras e nessa forma podem ser incorporados em materiais compósitos mecanicamente muito resistentes (este tipo de aplicação já era conhecida); utilizados como eléctrodos de células de combustível; como suporte para armazenamento compacto de gases; etc. Mas há mais, muito mais...

DA CIÊNCIA e da vida

Rui Namorado Rosa
magma@netc.pt
Universidade de Évora

Ecos de Luz



Uma estranha explosão atingiu a estrela V838 Monocerotis, em Janeiro de 2002. De repente ficou 600 mil vezes mais luminosa que o Sol, emitindo uma espécie de flash de luz cósmico. Este «impulso» luminoso propagou-se, naturalmente, em todas as direcções. Mas como esta estrela se encontra rodeada por um envelope de gás e poeiras só agora nos chega a luz reflectida por esses componentes do meio interestelar – luz que teve de percorrer uma maior distância, antes de chegar à Terra. Segundo os investigadores a V838 Monocerotis não se encaixa em nenhum dos modelos existentes para descrever a evolução das estrelas.

Foto: ESA/NASA

FOTO ciência
com legenda
Luís Tirapicos